

BLUMENAU

em Cadernos



FUNDAÇÃO
BLUMENAU
TOMO XLVI
JULHO 2005
NUMERO 7/8

BLUMENAU

em Cadernos

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

Rafaela Hering Bell
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (*Presidente*)

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

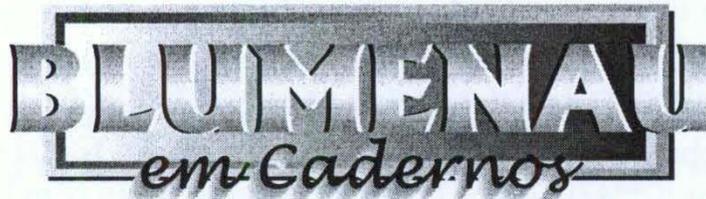
Roberto Marcelo Caresia

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 –
Blumenau (SC)

Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Imigrantes italianos

Silvio Roberto de Braga

Revisão: Valdir A. Petry

Digitação: Dayana de Cássia e Garperin Andrade

Secretária: Mirela Nolasco



EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

SUMÁRIO

Apresentação 07

Documentos Originais – artigos

Jornada do Itajaí

Karl Kleine

Tradução Annemarie Fouquet Schünke 09

Flussfahrt auf dem Itajahy

Karl Kleine 10

Artigos

A influência do “Talian” na fala catarinense (final)

José Curi 37

Para Ser Italiano: Sentidos da comemoração do centenário
de imigração italiana em Nova Trento, 1975.

Caroline Jaques Cubas 78

Esporte & Lazer

Bom de bola e de texto

Gervásio Tessaleno Luz 90

Matando saudades

Aurélio Sada 92

Friedenreich em Blumenau

Aurélio Sada 94

História & Historiografia

Migração e memória: entre a pólvora e o bálsamo

Ancelmo Schörner 99

Correspondência & Tradução

Curt Heise 115

Autores catarinenses

Mar de Letras

Enéas Athanázio 118

Apresentação

Para cativar a atenção dos leitores, neste bimestre de Julho/Agosto, a revista “Blumenau em Cadernos” reúne artigos, textos, traduções de memórias e comentários os quais, além de terem o mérito de enriquecer a história regional e catarinense, abrangem as mais diversas esferas sociais.

Na coluna bilíngüe **Documentos Originais – Artigos**, publicamos mais um texto de Karl Kleine, da sua obra “*Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante*” (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*), cuja tradução foi feita por Annemarie Fouquet Schünke, sob título de “*Jornada do Itajaí*”. O autor narra os episódios de um grupo de imigrantes durante a viagem do Porto do Itajaí, onde haviam chegado da Alemanha, até o seu destino, a Colônia Blumenau.

O ano de 2005 registra os 130 anos da imigração italiana para o Brasil. Em torno desta questão imigratória a revista Blumenau em Cadernos traz, na coluna **Artigos**, o texto “*A influência do “Talian” na fala catarinense*”, artigo este iniciado na edição anterior e ora finalizado, de autoria do professor José Curi, do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Trata-se de um estudo lingüístico-etnográfico das falas dos imigrantes italianos em Santa Catarina. O autor, com este texto, presta a sua homenagem aos colonizadores estabelecidos há 130 anos na região do Rio dos Cedros.

Ainda na seção **Artigos**, a pesquisadora Caroline Jaques Cubas publica “*Para ser italiano: Sentidos da comemoração do centenário de imigração italiana em Nova Trento, 1975*”. A autora toma como objeto para desenvolver o seu texto, os festejos comemorativos do centenário da Imigração Italiana para o Brasil. Baseada em fontes produzidas na época tece reflexões em torno da questão e o sentido das festas comemorativas.

Em **Esporte & Lazer**, a revista Blumenau em Cadernos registra com pesar o falecimento do colaborador Aurélio Sada. Em muitas edições, “Sadinha”, como era carinhosamente chamado pelos amigos, deixou registradas suas crônicas e reminiscências. Sua contínua presença no Arquivo Histórico, buscando subsídios para os seus escritos, é sentida pelos funcionários e amigos que o admiravam. Como homenagem, aproveitamos o momento para trazer o texto do jornalista e escritor Gervásio Tessaleno

Luz, publicado em um periódico da cidade, intitulado “*Bom de bola e bom de texto*”. Assim, finalizamos esta participação do nosso colaborador, publicando os seus dois últimos artigos produzidos para a revista que levam o título “Matando Saudades – um Bra-Blu em 1930”, e “Friedenreich em Blumenau”.

Em **História & Historiografia**, Anselmo Schörner, doutorando do programa de Pós-graduação em História da UFSC, apresenta “*Migração e memória: entre a pólvora e o bálsamo – migrantes paranaenses em Jaraguá do Sul*”. Faz reflexões sobre migrações, destacando os paranaenses na cidade de Jaraguá do sul. O texto faz parte da pesquisa para sua tese de doutorado.

Na coluna **Correspondência & Tradução**, publica-se parte do trabalho da pesquisadora alemã Irene R. Lauterbach, no qual transcreve a troca de cartas entre Hermann Blumenau e o farmacêutico, fabricante de produtos químicos, Hermann Trommsdorff. As traduções estão sendo realizadas pelo Sr. Curt Heise, colaborador da revista.

E, finalizando, o advogado e escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, escreve “*Mar de letras*”. Aborda temas versando sobre literatura e autores do Estado catarinenses e brasileiros, e faz observações de suas viagens pelo Estado catarinense.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Jornada no Itajaí

Karl Keine¹

Annemarie Fouquet Schünke²

Documentos
Originais - Artigos

O primeiro dia de viagem pelo rio Itajaí foi maravilhoso. O sol resplandecia, o calor era amenizado pelo forte vento marinho. Mais tarde fomos favorecidos pela maré alta, que, literalmente, fez as lanchas excessivamente carregadas voarem. Realmente era um passeio. Todos estavam alegres, cantavam e riam, mesmo o sisudo Barthel foi contagiado pela alegria e cantarolava baixinho as melodias.

Chegamos ao nosso destino bem antes do anoitecer; era a parada Luís Alves onde pernoitaríamos. Lá, havia somente duas casas, ambas vendidas, uma pertencia a um alemão, a outra a um brasileiro. Somente tinham cachaça e o famoso vinho tinto para beber, mas, podia-se pedir uma refeição acompanhada de bebida. Somente aqueles que ain-

¹ Imigrante alemão veio para a Colônia Blumenau em 1856. Suas lembranças "Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante" - (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*) foram redigidas em 35 cadernos. Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau. Fundo Memória da Cidade - Coleção "Família Kleine".

² Tradutora



Flußfahrt auf dem Itajahy

Der erste Reisetag auf dem schönen Itajahy war wirklich prachtvoll. Heller Sonnenschein, dessen Hitze ein starker, günstiger Seewind wohltuend abkühlte. Später kam uns auch noch die Flut zu Hilfe, so daß die schwer beladenen Fahrzeuge im wahren Sinne des Wortes mit Windeseile dahinflogen. Es war eine wirkliche Spazierfahrt. Die ganze Gesellschaft wurde lebendig, heitere Lieder und lautes Lachen ertönten; selbst Barthel, der alte Eisbär, wurde von der allgemeinen Heiterkeit mit angesteckt und brummte leise die Melodien mit. Noch lange vor Abend kamen wir an unserem heutigen Reiseziel, der Station Luiz Alves an, wo wir übernachten wollten. Nur zwei Häuser standen an dieser Station. Beide waren Vendas, die eine gehörte einem Deutschen, die andere einem Brasilianer. Es gab aber nur Cachaça und den berühmten vinho tinto als Getränk, auch konnte man auf Bestellung Essen und Trinken bekommen. Nur wer noch Geld hatte, verteilte sich auf die beiden Wirtshäuser. Die anderen mußten in einem offenen Schuppen einer Zuckermühle sich behelfen, so gut sie konnten.

Die Mannschaft zu Fuß kam erst im Dunkeln an, da sie zuerst einen falschen Weg eingeschlagen hatten. Auf Nantes Rat ertränkten sie ihren Ärger über diese Irrfahrt in der ersten Venda in allerlei Flüssigkeiten. Da Nante wegen seiner langen Beine die Führung übernommen hatte, so fühlte er sich als der Hauptschuldige und hatte folglich auch den größten Ärger, den er mit derartig großen Mengen Alkohols hinunterspülen mußte, daß der sich bald in die größte Heiterkeit verwandelte. Er erklärte, er könne nicht mehr weiter, er müsse wohl einen Schlaganfall erlitten haben. Aber seine Gefährten machten kurzen Prozeß und schleiften ihn mit. Auf dieser Gewalttour wurde er nahezu wieder nüchtern. In diesem Zustand war es aber seine Angewohnheit, so lange herumzuschnüffeln, bis er wieder eine neue Quelle entdeckt hatte, an der er sich wieder laben konnte. So leicht entging seinem Spürsim nichts und er brauchte keine Wünschelrute, um Flüssigkeiten zu entdecken. So entdeckte er auch heute sofort den famosen Vinho tinto, den er einer gründlichen Prüfung unterwarf. Sein Urteil darüber war am anderen Morgen nicht gerade sehr empfehlend für diese edle Marke, aber es war sehr wahrheitsgetreu und lautete kurz und bündig: dieser Vinho tinto ist sehr empfehlenswert für Selbstmörder und Giftmischer! Und wahrlich, wer Nante an diesem Morgen gesehen, mußte ihm Recht geben.

da possuíam algum dinheiro foram para as tavernas. Os outros tiveram de se arranjar da melhor maneira possível num rancho aberto de um engenho.

A turma que vinha a pé errou o caminho, e por isso só chegou quando já estava escuro. Aconselhados por Nante, afogaram seu aborrecimento em tudo o que era líquido na primeira venda que encontraram. Nante assumira a liderança por causa de suas pernas compridas. Aborreceu-se demais, sentindo-se culpado pelo acontecido e, por isso resolveu despejar grande quantidade de álcool goela abaixo, tornando-se logo motivo de risos. Declarou não poder continuar, achava que havia tido um derrame. Mas, seus companheiros não vacilaram. Simplesmente o arrastaram. Dessa maneira, recuperou-se bem depressa. Quando se encontrava nesse estado, tinha o hábito de vasculhar tudo até encontrar uma nova fonte para saciar a sede. Nada escapava do seu faro, nem precisava de uma varinha de condão para encontrar algo líquido. Assim, descobriu o famoso vinho tinto, que submeteu a uma tremenda prova. Na manhã seguinte, seu julgamento sobre este precioso vinho não foi nada elogiável. Apenas falou a verdade dizendo: “Este vinho é aconselhado para suicidas e envenenadores!” Realmente, quem o viu naquela manhã lhe deu razão.

Também, dessa vez, brasileiros curiosos se fizeram presentes, entre eles negros e mulatos, porém nenhum descendente de alemão. Sabe-se lá de onde apareceram assim de repente. Todos trouxeram alguma coisa: ovos, leite, bananas, peixes, lenha, etc. tudo de graça. Sentiram-se muito felizes ao aceitarmos suas ofertas. Em troca receberam presentes como canivetes, fotos, pérolas, bolachas, espelho de bolso e outras coisas mais. A mulher do farmacêutico conseguiu agarrar uma grande panela com leite e como retribuição ofereceu ao gentil doador um pequeno espelho de bolso e um bonito broche. Este negro era um belo exemplar de sua raça. Com uma alegria infantil, prendeu o broche em sua camisa, olhou-se no espelho e começou a pular grotescamente, fazendo caretas. Foi muito engraçado e todos os presentes riram. Em agradecimento, convidou a Sra. Barthel para dançar. Óbvio que ela não o entendeu, pois achou que ele queria mais alguma coisa. Depressa tirou um grampo de sua cabeleira e o entregou ao espantado negro. Este o pegou e colocou em sua peruca de lã, olhou-se novamente no espelho e retornou a dançar. Assim todos ficaram alegres e felizes.

Auch diesmal hatte sich eine Menge neugieriger Brasilianer eingestellt, darunter eine Schar von Negern und Farbigen, aber kein einziger deutscher Abkömmling war dabei. Weiß der liebe Himmel, wo sie alle auf einmal herkamen! Jeder hatte etwas mitgebracht: Eier, Milch, Bananen, Fische, Brennholz usw. Alles gratis. Ja, sie freuten sich noch wie die Schneekönige – wenn der Vergleich vielleicht auch nicht treffend bei Negern angebracht ist – wenn ihnen ihre Gaben nur abgenommen wurden. Doch bekamen die guten Leutchen von den Unsrigen Gegengeschenke dafür: Taschenmesser, Bildchen, Perlen, Keks, Taschenspiegel und dergleichen mehr. Frau Apotheker hatte einen großen Topf voll süßer Milch erwischt und gab dem freundlichen Spender einen kleinen Taschenspiegel nebst einer kleinen, aber sehr schönen Brosche dafür. Dieser, ein wahres Prachtexemplar von Neger, stecke in kindischer Freude die Brosche in sein Hemd, hielt sich den Spiegel vor das Gesicht und tanzte mit grotesken Sprüngen und fürchterlichen Grimassen im Kreise herum, was so komisch aussah, daß alle Zuschauer lachen mußten. Aus Dankbarkeit forderte er Frau Barthel zu einem kleinen Tänzchen auf. Sie verstand ihn natürlich nicht und meinte, er wollte noch mehr für seine Milch. Schnell nestelte sie noch eine verzierte Haarnadel aus ihrer Frisur und überreichte sie dem verblüfften Schwarzen. Der nahm sie ihr aber doch ab und steckte sie in seine Wollperücke, dann beliebäugelte er sich im Spiegel und begann seinen Tanz von neuem. So waren denn alle lustig und guter Dinge.

Um die Sache vollständig zu machen, ertönte auf einmal eine Harmonika, die von zwei Gitarren begleitet wurde. Die Gitarrespieler waren Mulatte der Harmonikaspieler aber ein Schiffsgefährte. Obwohl die braunen Musikanten wohl selten deutsche Melodien gehört hatten, konnten sie doch sofort die Harmonika begleiten. Das liegt in ihrer Rasse. – Nun ging der Rummel aber los! Eine solche gemischte, kunterbunte Gesellschaft fand sich wohl so leicht nicht wieder zusammen. Da keine Eintrittskarte nötig war, so konnte alles tanzen, was Beine hatte, - und sie tanzten! Tanzten, was das Zeug halten wollte! Neger mit Weißen, Brasilianer mit Deutschen, wie es gerade kam. Standesunterschiede kannte man ebenso wenig wie Rassenunterschiede. Wenn es nur ein Pärchen war, das genügte vollkommen. Dazwischen knallten Raketen und Flintenschüsse, daß der alte Schuppen wackelte. Ohne Pulver kennen die Brasilianer kein Vergnügen, selbst bei einer kirchlichen Feier muß geknallt werden.

Barthel, der ungeheuer eifersüchtig auf sein weit jüngeres Weibchen

Para completar a alegria, ouviu-se repentinamente o som de uma harmônica e de duas guitarras. Os que tocavam guitarra eram mulatos e o que tocava a harmônica, um companheiro do navio. Embora os mulatos poucas vezes tivessem escutado melodias alemãs, imediatamente conseguiram acompanhar a harmônica. Isso é inerente à raça. Agora começou o barulho! Não seria fácil juntar mais uma vez um grupo tão eclético. Como ninguém precisava de ingresso, todos dançavam, e como dançavam! Dançavam até não poder mais, negros com brancos, brasileiros com alemães, de qualquer jeito. Não havia distinção entre as pessoas, nem discriminação quanto à raça. Um par era o que bastava. No meio disso tudo o barulho dos rojões e tiros de espingarda, tanto que o rancho balançava. Os brasileiros não conseguem divertir-se sem rojões, mesmo nas solenes festas de igreja.

Barthel tinha muito ciúme de sua esposa mais jovem e estava prestes a fazer uma cena. Um dos músicos mulatos fez sinal para sua mulher, uma robusta negra que facilmente daria conta de meia dúzia de Barthels, que pegou o surpreso farmacêutico em seus braços fofos e começou a rodopiar. O ritmo era atordoante e tudo voou: a boina ensebada, o cachimbo, todos os sentidos e, felizmente também seu acesso de ciúme. Era impossível chamar a atenção de sua esposa por ela dançar muito, ainda mais que o respeitável farmacêutico de Erfurt rodopiava em volta dela nos braços de uma jovem e gorda negra. Depois disso, ele se mostrou um marido exemplar. Somente ressentiu-se das gargalhadas por sua dança forçada.

Naquela noite Nante não deu as caras, provavelmente, esperava uma nova crise de derrame em algum canto da venda. Isso foi muito bom, pois Goldener estava tão alegre que certamente teria aprontado alguma para o compridão. Assim tentou descarregar em Barthel, mas, este foi sábio e ficou quieto. O festão estendeu-se até uma hora da madrugada. Todos foram descansar, pois a viagem continuaria bem cedo, conforme o programado, mas, os imigrantes não consideraram o patrão (capitão) da lancha, que hoje não tinha vontade de viajar.

Este patrão João era um tipo excêntrico, bastava não incomodá-lo para se dar bem com ele. Quando jovem, trabalhara numa serraria em Brusque e ainda entendia muitas coisas em alemão. Infelizmente falava pouco: “Heute nix arbeits, viel Fest, viel bete, nix arbeits!” (“hoje não trabalho, muita festa, rezo bastante, nada de trabalho”). Persistiu nisso, apesar

war, wollte eine Eifersuchtszene herbeiführen, aber auf einen Wink des einen schwarzbraunen Musikus nahm dessen Frau, eine feste Negerin, die wohl mit einem halben Dutzend Barthels fertig geworden wäre, den überrumpelten Apotheker in ihre molligen Arme und – heiße, hopsa, hast du nicht gesehen! Dahin ging's im schellsten Tempo eines rasenden Galopps, dahin ging sein glasierter Topf, dahin ging seine Pfeife, dahin gingen alle seine Sinne, glücklicherweise auch der Eifersuchtssinn. Denn nun, da er, der ehr- und tugendsame Apotheker aus Erfurt, mit einer jungen, fetten Negerin an seiner eigenen Gemahlin vorbeisauste, konnte er ihr unmöglich noch Vorwürfe über ihr „vieles Tanzen“ machen. Er benahm sich dann auch den übrigen Teil des Festes als musterhafter Ehemann. Nur das shreckliche Gelächter über seine Parforcetour konnte er nicht gut verwinden.

Nante erschien an diesem Abend nicht auf der Bildfläche. Wahrscheinlich wartete er die Krisis eines zweiten Schlaganfalls in irgendeinem verborgenen Winkel der Venda ab. Das war auch sehr gut, denn unser Goldener war heute abend so lustig und zu losen Streichen aufgelegt, daß er den Langen gewiß gehänselt hätte. So rieb er sich nur ein wenig an Barthel, aber dieser spielte den Klügeren und schwieg. Um ein Uhr nachts war das ganze Spektakelstück zu Ende. Jeder begab sich zur Ruhe; denn morgen in aller Frühe sollte die Reise fortgesetzt werden, so lautete wenigstens das Programm, aber die armen Immigranten hatten die Rechnung ohne den Wirt gemacht, das heißt: der Patrão (Kapitän) der Lancha hatte heute gerade keine Lust zu reisen.

Dieser Patrão João (Johann) war überhaupt ein wunderlicher Heiliger, den man nicht stören durfte, wenn man gut mit ihm fahren wollte. Er hatte in seinen Jünglingsjahren einmal eine Zeitlang in Brusque (deutsche Kolonie am kleinen Itajahyfluß) auf einer Schneidemühle gearbeitet und konnte noch vieles von unserer Sprache verstehen, aber leider nur sehr wenig sprechen. – „Heute nix arbeite, viel Fest, viel bete, nix arbeite!“ – Dabei blieb es trotz aller Bitten der ungeduldigen Reisenden. Viele waren über diesen unnötigen Aufenthalt ganz empört, denn nach deutschen Begriffen kam ihnen die Eigenmächtigkeit des Patrão ganz unerhört vor. Aber Nante meinte dazu: „Wir sind in Brasilien, das heißt in einem katholischen Lande und nicht in Deutschland, wir müssen die Feiertage nehmen, wie sie fallen.“

Wir waren in drei Boote verteilt. Da aber alle drei unter João's Führung standen, so blieb weiter nichts übrig, als bis morgen zu warten.

dos apelos angustiados dos viajantes. Muitos ficaram deveras indignados com esta permanência desnecessária, pois pelo conceito alemão essa postura unilateral do patrão era uma afronta. Porém, Nante disse: “Nós estamos no Brasil, quero dizer num país católico e não na Alemanha. Precisamos respeitar os feriados.”

Estávamos distribuídos em três lanchas. Como todas elas estavam sob o comando de João, não nos restou nada além de esperar até o dia seguinte. Os solteiros se puseram a caminho. Somente Nante, que ainda estava sob o efeito de suas pesquisas científicas, ficou conosco junto com Goldener.

Havia uma relação estranha entre estes dois. Embora discutissem por qualquer coisa, ficavam grudados um ao outro. O motivo da discórdia era o seguinte: Goldener acusava Nante de ser o sócio oculto de seu conhaque. Nante negava terminantemente e acusava Goldener de difamação. Era impossível imaginar maior contraste de espírito e de físico do que entre estes dois. Nante, que crescera meio metro a mais do que o normal, nunca sabia o que fazer com seus braços e suas pernas compridas. Era um indivíduo realmente desagradável no convívio social. Ele era extremamente levião e muito mimado; como jamais trabalhara, desconhecia o valor do dinheiro. Era egocêntrico demais! Não conhecia limites nem na comida, nem na bebida. Não dava importância à sua aparência, tanto que aparecia descabelado às refeições, sem pelo menos ter-se lavado, o que lhe valeu o título de porcalhão por parte do capitão. Ele era filho de uma família respeitável e bem situada da Prússia oriental, havia freqüentado boa escola e estudara bastante, não que se esforçara demais, mas, por natureza era dotado intelectualmente. Falava fluentemente várias línguas, tinha boa caligrafia e em conhecimentos gerais estava à altura de qualquer intelectual. Infelizmente este malandro nato jamais se deu ao trabalho de aproveitar esse dom. Assim, ele vivera às custas de seu bondoso pai até agora. Este, porém se cansara, resolvendo mandá-lo para bem longe de casa. Nante era monarquista convicto, sendo assim, tinha aversão às idéias republicanas.

Goldener tinha estatura mediana, era esbelto, rápido, além disso, muito falante. Sozinho conseguia entreter uma roda de pessoas. Possuía a habilidade de se adaptar a qualquer circunstância, sabendo comportar-se bem onde estivesse. Embora sua educação fosse apenas elementar, sabia

Die Junggesellen machten sich auf den Weg. Nur Nante, der sich von seinen „wissenschaftlichen Untersuchungen“ noch etwas angegriffen fühlte, blieb mit Goldener bei uns.

Zwischen Nante und Goldener herrschte ein eigentümliches Verhältnis. Obwohl sie sich bei jeder Gelegenheit aneinander rieben, hielten sie doch wie die Kletten zusammen. Der Hauptgroll aber war: Goldener beschuldigte Nante fortwährend der stillen Teilnehmerschaft an seinem Cognak. Nante aber wies diesen schwarzen Verdacht weit von sich und beschuldigte seinerseits Goldener der Verleumdung. Zwei größere Gegensätze an Geist und Körper, wie diese beiden Menschen waren, konnte man sich kaum vorstellen. Nante, der mindestens einen halben Meter zu lang geraten war und durchaus nicht wußte, was er mit seinen ewig langen Gliedern anfangen sollte, war in gesellschaftlicher Beziehung ein geradezu schreckliches Individuum. Überaus leichtsinnig und gründlich verzogen, kannte er den Wert des Geldes gar nicht, weil er eben noch nie etwas selbst erworben hatte. Er kannte überhaupt nur sein eigenes Ich. Dabei war er unmäßig im Essen und Trinken. Auf sein Äußeres gab er so wenig, daß er oftmals ungewaschen und ungekämmt zu Tische kam, was ihm auf dem Schiff vom Kapitän den Titel „Sauigel“ eintrug. Er stammte aus einer guten, angesehenen und wohlhabenden Familie Ostpreußens, hatte sehr gute Schule genossen und auch wirklich tüchtig gelernt – nicht, weil er sich ernstlich Mühe gegeben, sondern weil er von Natur große Anlagen hatte. So sprach er z.B. fließend mehrere Sprachen, schrieb eine sehr schöne Handschrift, kurz, an Kenntnissen konnte er es mit jedem gebildeten Manne aufnehmen. Aber das Schlimmste war nur, daß der geborene Faulenzer sich nie die Mühe gegeben, dieselben irgendwie zu verwerten. So hatte er also bis jetzt aus der Tasche seines allzu guten Vaters gelebt, dem die Sache doch schließlich zu viel wurde, und so hatten sie unseren Faulpelz endlich expediert. – Nante war von Grund aus Monarchist, und als solcher waren ihm alle republikanischen Ideen aus der Seele zuwider.

Goldener war nur mittelgroß von Statur, schlank und flink wie ein Wiesel. Geschwätzig wie ein Spatz konnte er eine ganze Gesellschaft allein unterhalten. Er besaß eine eigene Gabe, sich in alle Verhältnisse zu schicken, und benahm sich überall als anständiger Mann. Hatte er auch nur Elementarkenntnisse genossen, so wußte er sie doch recht praktisch anzuwenden. Dadurch brachte er es so weit, daß er später ein sehr wohlhabender Mann wurde. Dabei kam ihm seine staunenswerte Fertigkeit

aplicar bem seus conhecimentos. Por isso, mais tarde, tornou-se um homem bem sucedido. O que o ajudou muito foi sua habilidade admirável de calcular. Enquanto Nante levava uma vida de príncipe, Goldener, apesar de sua juventude, já passara por situações muito duras e aprendera como ajudar a si mesmo. Conhecia muito bem o valor do dinheiro, por isso era econômico. Sua divisa era “juntar pouco resulta em muito”. E, realmente ele se fez na vida. Ainda hoje ele vive em Desterro, como homem rico. Goldener cuidava de sua aparência, andava sempre impecavelmente bem vestido, certamente um pouco vaidoso. Ele admirava a República, sendo por isso um adversário de Nante. Apesar de tudo, permaneceram amigos até o fim, o destino fazia com que cruzassem seus caminhos.

Nante já emprestara algum dinheiro de Goldener na Barra, cujo resto foi gasto ontem no “estudo” do vinho. Hoje pela manhã, Nante chamou o amigo e pediu gentilmente por mais um empréstimo, que lhe foi negado categoricamente. “Já conseguiste gastar novamente tudo em bebida?” perguntou Goldener irritado. Nante replicou cabisbaixo: “Ainda fiquei devendo pelo veneno de rato de ontem. Veja, Goldchen, minha honra, também é a tua!”. “Tolice”, resmungou Goldener aborrecido e falou impensadamente: “Tenho somente 13 *Taler*, estes eu preciso...” - “O que...”, interrompeu Nante, “escutei bem, ainda tens 13 *Taler*? Infeliz! Não sabes que este número traz desgraça? Livra-te logo desse fatal 13, assim, me farás feliz e afastas a desgraça”. Goldener retrucou ironicamente: “O melhor será dar-te todos os treze, do contrário, tua profecia sobre a desgraça há de acontecer. De onde vem esta tua superstição? Dos maçons?” “Deixe-me em paz com isto, não sou maçom!”, defendeu-se Nante indignado. “Está bem, então pelo visto um aproveitador”, retrucou Goldener rindo.

Agora, Nante estava realmente se aborrecendo, mas o décimo terceiro de prata o acalmou imediatamente. Mais do que depressa foi trocar o dinheiro para pagar sua dívida, não esquecendo de curar sua ressaca com uma dose de cachaça. Agora, este Dom Quixote estava pronto para novas aventuras. Ele e mais outros tantos resolveram fazer uma expedição terra adentro, em busca de alimentos frescos, como afirmava. Mas, o verdadeiro motivo era bem outro. Isso nós veremos em breve.

im Rechnen sehr zustatten. Hatte Nante ein Schlaraffenleben geführt und war nur der Parasit der Familie gewesen, so hatte Goldener, trotz seiner Jugend, schon eine harte Schule durchgemacht und sehr früh gelernt, sich selber zu helfen. Daher war er auch äußerst sparsam und wußte ganz genau, wieviel Pfennige zu einem Taler gehörten. „Viel Wenig machen ein Viel!“ das war sein Wahlspruch. Und er hat es wahrlich weit genug damit gebracht. Er lebt heute noch in Desterro als reicher Mann. – Goldener hielt etwas auf sich, ging immer wie aus dem Ei geschält und war wohl ein bißchen eitel. Er schwärmte für die Republik und war schon deswegen ein natürlicher Gegner Nantes. Trotzdem aber blieben die beiden Freunde bis ans Ende. Das Schicksal brachte sie immer wieder zusammen.

Schon an der Barra hatte Nante seinen Freund Goldener angekeilt und auch einige Taler erhalten, deren Rest bei dem gestrigen Studium des vinho tinto flöten gegangen war. Heute morgen nun nahm Nante seinen Freund beseite und ersuchte ihn höflichst um ein zweites Darlehen, stieß aber auf lebhaften Widerspruch.

„Hast du denn wirklich alles schon wieder versoffen?“ frug Goldener entrüstet. Nante nickte trübselig und entgegnete: „Bin sogar noch etwas schuldig auf das rote Rattengift von gestern – und siehst du, Goldchen, meine Ehre ist auch deine Ehre.“ – „Dummes Zeug“, brummte Goldener ärgerlich und setzte dann etwas unvorsichtig hinzu: „Habe nur noch 13 Taler, die muß ich...“ – „Wa – as“, unterbrach ihn Nante, „du hast 13 Taler, habe ich recht gehört? Dreizehn sagtest du? Unglücksmensch! Weißt du nicht, daß diese Zahl großes Unglück in sich birgt? Entledige dich sofort dieses verhängnisvollen Dreizehnten, so machst du mich glücklich und wendest zugleich dein eigenes Unglück ab!“

„Am besten wird sein“, meinte Goldener ironisch, „ich gebe dir alle dreizehn. Dann wäre ja deine Prophezeiung mit dem Unglück richtig eingetroffen. Wo hast du denn übrigens den Altweiberglauben eigentlich her? Vor den Freimaurern?“ – „Laß mich zufrieden damit, ich bin kein Freimaurer!“ wehrte Nante entrüstet ab. „Na, dann wenigstens ein Freischlucker“, entgegnete Goldener lachend. Nante wollte nun ernstlich böse werden, aber der silberne Dreizehnte besänftigte ihn sofort wieder. Nante hatte nun auch nichts Eiligeres zu tun, als nach der Wechselbank zu laufen, um seine Ehrenschild zu bezahlen, wobei er nicht versäumte, seinen greulichen Kater durch eine starke Dosis alten Cachaças zu vertreiben. Dieser Don Quixote war nun wieder zu neuen Taten aufgelegt. Er beschloß

A procura por alimentos

Como os alimentos estavam realmente escassos, Goldener, meu pai, um tal Jarosow e mais três rapazes resolveram acompanhá-los. Levaram cestos, muitos sacos e garrafas para acondicionar os mantimentos. Assim, a pequena tropa caminhou rio acima, tentando a sorte. Logo no primeiro barraco, deram-se mal com seu português. Ainda na Alemanha Goldener, Nante e meu pai haviam decorado diálogos inteiros para poderem se comunicar em qualquer situação; óbvio que através da gramática. Mas, agora, ao fazerem uso dos seus conhecimentos, não foram compreendidos por nenhum brasileiro. Porém, Nante demonstrou do que era capaz. Ninguém imaginara que ele dominava a mímica com tanta perfeição. Como já estava novamente com sede, fez o gesto que queria beber. Uma anciã negra trouxe-lhe um pote com água. Ele sacudiu sua juba, repetindo a pantomima. Goldener disse ao patrão : “Cachaça”. “Fique quieto!”, berrou Nante enfurecido. “Eu não preciso da opinião de ignorante”. Desta vez lhe trouxeram uma garrafa de cachaça. Tomou um bom gole e a deixou resvalar para dentro do bolso. Então deu generosamente uma pequena moeda de prata ao patrão, que a guardou sorrindo. “Uma das décimas terceiras, provavelmente a última”, falou Goldener, “aguarde-me seu safado, logo voltarás ao Goldchen!” Em seguida Nante ergueu o polegar e com a outra mão fez o gesto de descascar. O patrão o olhou estupefato, porém, logo compreendeu o significado. Provavelmente o alemão grandalhão queria enrolar um cigarro e pedia folhas de milho, por isso o gesto de descascar milho. Bem, ele teria o que pediu. Assim, trouxe uma porção de folhas já cortadas. Nante sacudiu a cabeça. “Bananas” berrou Goldener, somente para irritar Nante. “Ah! Maldito, sua alma de mercador” retrucou Nante furioso. Fique de fora, ou acontecerá uma tragédia!”. “Melhor tomares primeiro um gole seu mamute, antes de provares o verde”, debochou Goldener, referindo-se às folhas de milho que estavam na mesa diante dele. “Teu estômago ainda deve estar sensível por causa do vinho de ontem e seria penoso se tivéssemos de enviar-te embalsamado para teus pais, ou preferes ser conservado em álcool?” Goldener que dominava o alemão tão bem quanto Nante, propositalmente deu outro sentido à sentença, pois sabia que Nante se enfurecia quando alguém falava errado. Foi o que bastou para Nante: “Esta foi a

sofort, mit mehreren anderen vereint, eine Expedition zu Lande zu unternehmen, um frische Lebensmittel aufzutreiben, wie er sagte. Der eigentliche Grund war aber ein ganz anderer, wie wir ja bald erfahren werden.

Suche nach Proviant

Da der Proviant wirklich sehr knapp war, so schlossen sich Goldener, mein Vater, ein gewisser Jarosow und noch drei andere junge Männer an. Große Körbe und viele Säcke, Flaschen und alles mögliche wurde mitgenommen, um den Proviant zu bergen; und so marschierte denn die kleine Truppe flußaufwärts, um ihr Glück zu versuchen. Schon in der ersten Brasilianerbude fielen sie mit ihrem Portugiesisch jämmerlich herein. Goldener, Nante und auch mein Vater hatten noch in Deutschland ganze Gespräche für alle Lebenslagen auswendig gelernt, natürlich nur aus der Grammatik. Aber als sie jetzt praktischen Gebrauch davon machen wollten, wurden sie – der falschen Aussprache wegen – von keinem Brasilianer verstanden. Doch Nante zeigte sich jetzt in seiner ganzen imposanten Größe. Niemand hatte geahnt, daß er die Kunst der Mimik in einem solchen hohen Grade beherrschte, wie er sie hier zum Ausdruck brachte. Da er selbstverständlich schon wieder Durst hatte, machte er mit der hohlen Hand die Geste des Trinkens. Ein uraltes Negermütterchen brachte ihm mit zitternden Händen einen Topf mit Wasser. Nante Schüttelte sein Löwenhaupt und wiederholte die vorige Pantomime. – „Cachaça“, sagte Goldener trocken zu dem Hausvater. – „Willst du wohl stille sein!“ schrie Nante erbost. „Ich brauche deine Krämerweisheit nicht“. – Diesmal brachten sie ihm wirklich eine Flasche Schnaps. Nante prüfte erst einmal gehörig den Inhalt und ließ dann die Flasche in seiner gewaltigen Rocktasche verschwinden. Dann reichte er dem Hausherrn großmütig eine kleine Silbermünze dafür, die dieser schmunzelnd einsteckte. – „Ein Stück vom Dreizehnten, wahrscheinlich der Rest“, brummte Goldener, „na warte, du alter Pumpstock, du kommst mal wieder zu Goldchen!“ Jetzt steckte Nante seinen Daumen in die Höhe und machte mit der andere Hand die Geste des Abschälens. Der Patrão sah ihn erst ganz verdutzt an; endlich ging ihm ein Licht auf. Der große Alemão wollte sich gewiß eine Fumzigarre drehen und verlangte Maisblätter, deswegen tat er so, als ob er einen Maiskolben entblättere. Dem Manne sollte geholfen werden. Also brachte er einen ganzen Packen schon zurechtgeschnittener Maisblätter angeschleppt. – Wiederholtes Kopfschütteln von Nantes Seite. – „Bananas“, schrie

última que me fizeste, seu nojento!” E, atirou-se contra Goldener. Este, porém, muito rápido conseguiu desvencilhar-se das mãos de Nante. Os demais companheiros logo acalmaram o mímico nervoso, pedindo que continuasse com a demonstração. Como já estava de pileque novamente nem percebeu que estava servindo de palhaço, sentindo-se lisonjeado. “O que querem que eu peça?” “Ovos ou leite”, respondeu meu pai. “Vocês terão ambos”, declarou Nante decidido, “desde que eles aqui tenham disso”. Posicionou-se diante do patrão, deixou balançar sua mão esquerda e começou a puxar os dedos como se a criada estivesse ordenhando a vaca. Para demonstrar melhor sua pantomima, fazia baixinho “muh, muh”. Isto realmente estava ridículo, mas um gênio não se prende às regras. Dá para imaginar a zombaria. Goldener, literalmente rolava no chão e falou: “A ti só faltam os chifres!” “Fique deitado aí, seu macaco!”, berrou Nante, “senão verás que também posso dar chifrada sem ter chifres!” Mas Nante havia vencido, o patrão trocou algumas palavras com seu filho, fazendo o gesto de contar dinheiro, o que Nante compreendeu, pagando em seguida. “Ué”, murmurou Goldener, “de onde vem este dinheiro?” Olhou para meu pai admirado. Este balançou a cabeça rindo. “Quanto?”, perguntou Goldener baixinho. Meu pai ergueu dois dedos. “Console-se comigo”, falou Goldener, “o que foi perdido, perdido está! Adeus para nunca mais ver!”

Vimos o garoto atravessar o rio de canoa. Pouco depois um grande recipiente com leite estava diante de Nante. Com ar triunfal olhou em sua volta, olhou com desprezo para Goldener, que neste meio tempo havia entrado novamente. Então, consciente de sua vitória, foi a vez dos ovos. Agora, ele queria demonstrar a Goldener que, mesmo sem a ajuda deste, era capaz de resolver esta questão. Esta seria a segunda derrota de Goldener! Nante apresentou sua obra prima. Ele pegou seu chapéu enebado e o encheu com as folhas de milho, colocando-o no chão, acorandando-se sobre o mesmo, fazendo uma força desgraçada. Isso parecia mais um orangotango não conseguindo fazer suas necessidades. Nem dá para descrever o efeito desta cena sobre os espectadores. Cada qual se segurava no outro para não cair. Goldener estava sentado no chão praticamente se afogando, as lágrimas escorriam sobre sua face. Para conseguir respirar melhor, batia com as mãos em suas coxas. Mas, o melhor ainda estava por vir. O patrão, muito

Goldener dazwischen, nur um Nante zu ärgern. – „Ah, du elender Lakritzenstift, du Krämerseele!“ fuhr Nante wütend auf. „Entferne dich augenblicklich, oder es geschieht ein Unglück!“ – „Trinke man lieber erst noch einen Schluck, du Mammutstier, ehe du deinen Grünkohl genießen tust“, höhnte Goldener und deutete auf die trockenen Maisblätter, die vor Nante auf einem kleinen Tische lagen, „dein Magen ist noch zu sehr angegriffen von der gestrigen Weinattacke, und es wäre doch schade, wenn wir dich von hier einbalsamiert deinen Eltern zuschicken müßten. Oder willst du lieber in Spiritus aufbewahrt werden?“ – Goldener, der ebenso gut reines Deutsch sprechen konnte wie Nante, verdrehte sein Deutsch absichtlich, weil er wußte, daß Nante außer sich geraten konnte, wenn er falsch sprechen hörte. Das stieß denn auch dem Faß den Boden aus; mit den Worten: „Das ist dein letztes, du Sirupsfliege!“ stürzte Nante auf Goldener zu, um Rache zu nehmen. Aber der flinke Commis entging seinen Händen, und die anderen beruhigten den aufgeregten Mimiker bald wieder und baten ihn, in seiner Vorstellung fortzufahren. – Nante, der schon wieder einen kleinen Spitz hatte, merkte keineswegs, daß er hier nur den Hanswurst spielte, sondern fühlte sich eher noch geschmeichelt. – „Was soll ich verlangen?“ frug er prahlerisch. „Eier oder Milch“, sagte mein Vater. – „Ihr sollt beides haben“, erklärte Nante mit großer Bestimmtheit, „vorausgesetzt, daß die guten Leutchen hier davon besitzen“. – Nun stellte er sich in Positur vor den Patrão, ließ die langen Finger seiner linken Hand herunterbaumeln und strippte mit der rechten daran herunter, als wenn die Magd die Kuh melkt. – Um seine Pantomime zu verdeutlichen, brummte er leise „muh muh!“ Das war eigentlich aus der Rolle gefallen, aber ein großer Geist kehrt sich nicht an Regeln. Man kann sich das Gelächter der Gesellschaft denken. Goldener wälzte sich förmlich im Grase draußen. „Dir fehlen bloß noch die Hörner!“ rief er zur Tür hinein. – „Bleib du liegen, du Grasaffe!“ rief Nante zurück, „sonst sollst du sehen, daß ich auch ohne Hörner stoßen kann!“ – Aber Nante hatte gewonnen. Der Patrão wechselte einige Worte mit seinem Sohn und machte nun seinerseits die Pantomime des Geldzählens, was Nante sofort begriff und erledigte. – „Nanu“, murmelte Goldener, „wo kommen denn noch all die Silberlinge her?“ Er sah meinen Vater fragend an. Dieser nickte lächelnd. – „Wieviel?“ frug Goldener halbblaut. Mein Vater streckte zwei Finger in die Höhe. – „Trösten Sie sich mit mir“, meinte nun Goldener, „hin ist hin, verloren ist verloren! Lebwohl, auf Nimmerwiedersehen!“

solícito, foi até seu quarto e voltou com uma garrafa grande de óleo de rícino. Compassivo estendeu a garrafa para Nante... Este, porém não se perturbou e fez um gesto como se algo caísse no chapéu, pulou e começou a cacarejar. O patrão se deu conta do mal entendido, pegou rapidamente o chapéu e, mais uma vez, o garoto teve de atravessar o rio para buscar ovos.

Por causa das estrondosas gargalhadas de seus companheiros, Nante se deu conta do papel que havia representado. Mas, isso não incomodou ao mestre da mímica. Ele estava acima desse tipo de ninharias. Para consolar-se do deboche dos companheiros, tomou alguns goles e caiu em êxtase. Posicionou-se no meio da sala e declamou com seu vozeirão: "*Seid umschlungen Millionen! Diesen Kuß der ganzen Welt!*",¹ gesticulando com seus braços, mais parecendo um polvo em busca de alimento. Ele conseguiu agarrar meu pai, pois queria aplicar-lhe o "*Millionenkuß*" (beijo para milhões). Como era forte, conseguiu desvencilhar-se dos carinhos de Nante. Toda esta barulheira chamara a atenção dos demais moradores. Negros, mulatos e brasileiros vieram de todos os lados. Foi a curiosidade que os trouxe e, em pouco tempo a casa estava cercada. Sugeriram a Nante que se acalmasse, pois começara a dançar Cancan e estava cada vez mais exaltado. Mas não foi tão simples assim. Ele estava com toda a corda e achava que se encontrava numa venda. Na verdade era mesmo um boteco, porém, o patrão não pagava nenhuma licença. Por isso, também havia uma mesa e cachaça, coisa que jamais se encontraria em uma humilde casa de brasileiros. Mas, nós ainda não sabíamos disso, julgávamos estar em uma casa particular, por isso nosso constrangimento. Aos poucos conseguimos acalmá-lo, porém Goldener pôs tudo a perder. Ele contou que Nante era um ferrenho republicano, o que bastou para jogar todos os brasileiros contra o convicto monarquista. Naquela época todo brasileiro era um fiel adepto de seu Imperador. Avançaram gritando com gestos ameaçadores sobre o estupefato Nante, que não estava entendendo nada do que acontecia à sua volta.

Nesse momento crítico chegou o vendeiro Köhler, de Luiz Alves, que falava bem o português. Ele explicou a Nante o porquê da revolta contra sua pessoa, e pediu que declarasse o contrário, senão isso poderia acabar mal. Nante ficou perplexo e berrava e ria ao mesmo tempo

¹ N.T. "Ode à alegria" de Friedrich v. Schiller

Man sah nun den Jungen mit dem Kanu über den Fluß setzen, und bald stand ein großes Gefäß mit Milch vor Nante. Triumphierend blickte dieser im Kreise umher. Verächtlich streiften seine Augen an Goldener vorüber, der sich mittlerweile wieder hereingedrückt hatte. Dann schritt er, des Sieges bewußt, zur Eierfrage. Jetzt wollte er Goldener zeigen, daß er auch ohne ihn der Situation vollkommen gewachsen sei. Zum zweiten Male sollte Goldener geschlagen werden! – Nante machte sein Meisterstück. Er nahm seinen schmierigen Filzhut, stopfte die Maisblätter hinein und stellte ihn dann mitten auf die Diele, hockte sich darüber und tat nun so, als ob er aus Leibeskräften drücke. Das sah genau so aus, als wenn ein großer Orang-Utan seine Notdurft nicht loswerden könne. – Die Wirkung dieser Szene auf die Zuschauer war über alle Beschreibung zum Lachen. Einer hielt sich am andern fest, um nicht umzufallen. Goldener saß platt an der Erde und war buchstäblich dem Ersticken nahe. Die Tränen liefen ihm an den Backen herunter. Um sich Luft zu verschaffen, klatschte er mit beiden Händen auf seine Schenkel. – Aber es sollte noch besser kommen! – Mit verständnisvollem Kopfnicken war der Patrão in seine Schlafkammer geeilt und kam mit einer großen Flasche Rizinusöl wieder zum Vorschein. Mitledig reichte er Nante die Flasche ... Aber Nante ließ sich nicht stören, machte je eine Bewegung mit der Hand hinter sich, als ob etwas in den Hut fiel, sprang dann auf und fing aus Leibeskräften an zu gackern. – Der Patrão sah nun seinen Irrtum ein, ergriff schnell den Hut, und abermals mußte der Junge über den Fluß, um Eier zu holen.

Durch das dröhnende Gelächter seiner Gefährten war aber Nante doch stutzig geworden, und es schien ihm wirklich ein Licht aufzudämmern über die Rolle, die er gespielt hatte. Aber den Meister in der höheren Mimik störte das doch nicht. Er war über solche Kleinlichkeiten unendlich erhaben. Nachdem er noch, um sich zu trösten über das dumme Gelächter seiner Kameraden, einige Nantetropfen zu sich genommen hatte, geriet er vollends in Ekstase, stellte sich mitten in die Stube und deklamierte mit seiner Löwenstimme. „*Seid umschlugen, Millionen! Diesen Kuß der ganzen Welt!*“ Dabei streckte er seine langen Arme aus und angelte damit umher wie ein ungeheurer Polyp, welcher mit seinen Fängen nach Beute hascht. Er erwischte meinen Vater und wollte seinen Millionenkuß bei ihm anbringen. Dieser war aber stark genug, sich Nantes Zärtlichkeit zu erwehren. Mittlerweile hatte dieser Radau die ganze Umwohnerschaft herbeigelockt. Zu Wasser und zu Lande kamen sie, Schwarze, Farbige und Brasilianer! Die liebe Neugierde hatte

dizendo: “Republicano, eu?” Mas, isso é demais para o filho de meu pai! De repente se deu conta do que acontecera e com sua voz de trovão falou: - “Isso foi coisa do agitador! Mas, desta vez é ele que vai pagar a conta sozinho!” Então tomou uma atitude drástica, saiu rapidamente, subiu num carro de boi e mandou Köhler avisar que faria um discurso em sua defesa.

“Escutem, Escutem bem! O alemãozinho quer falar!” Logo todos se reuniram em volta do carro de boi e aguardaram em silêncio o que estava por vir! Nante soltou o verbo, deixando os alemães de cabelo em pé. Foram sentenças confusas em alemão, francês, latim e português. Evidente que os brasileiros não entenderam nada do longo discurso, a não ser algumas palavras em português como: “Grande Império do Brasil! Gloriosa Pátria! Ilustre Senado! Viva Dom Pedro II! Vivam os Brasileiros, viva a Monarquia!” Estas últimas palavras foram decisivas a favor do orador. Muitos brasileiros o festejaram e ainda falaram: “Viva o alemãozinho!” Nante agradeceu e ainda berrou três vezes consecutivas: “Viva o Imperador Dom Pedro II!” Pulou de sua tribuna e em seu afã patriótico abraçou meia dúzia de mulatos, justificando-se como um autêntico monarquista aos olhos dos brasileiros.

Porém, Nante ainda não estava satisfeito. Para espanto daqueles que o rodeavam, subiu mais uma vez no carro de boi para despejar raios e trovões sobre o Judas, o traidor da pátria, o anarquista Goldener. Enfim, parou totalmente esgotado. Estava sem fôlego e esfregava o suor de seu rosto. Naturalmente precisava de um fortificante após seu desempenho em retórica. Nante tirou do bolso a garrafa de óleo de rícino, ao invés daquela, que lhe dava o necessário consolo. O conhecido malvado havia trocado a garrafa, quando Nante tirara seu casaco para a demonstração do Cancan. Nante tremia de raiva e seu primeiro impulso foi jogar a garrafa bem longe. Caiu em si e resolveu guardá-la, falando algo que ninguém entendeu. Certamente não foram bênçãos para Goldener. Desceu então à profana terra e caminhou como um vencedor até a casa para lá tomar um bom fortificante. Mas, enquanto isso o caixeiro-viajante se divertia.

Já era quase meio-dia e como com todo este alvoroço ninguém havia feito um lanche, resolveram retornar. O chapéu de Nante estava cheio de ovos. Era tudo o que os desordeiros haviam conseguido. Entretanto, pediram enfaticamente aos brasileiros que providenciassem qualquer tipo

sie alle hergetrieben. Im Umsehen war die ganze Bude umzingelt. Nante, der sich immer unsinniger gebärdete und angefangen hatte, den Cancan zu tanzen, wurde bedeutet, sich ruhig zu verhalten. Aber so ganz leicht ging das nicht. Nante war nun einmal im Zuge und bildete sich wahrscheinlich ein, in einer Venda zu sein. Es war auch wirklich ein heimliches Schnapsloch, aber der Wirt bezahlte keine Lizenz dafür. Daher auch der Tisch und der Schnaps, Sachen, die man sonst in einem gewöhnlichen Brasilianerhause nie antrifft. Wir aber wußten das damals noch nicht und glaubten natürlich, in einem Privathause zu sein. Deswegen war uns allen Nantes unschickliches Benehmen peinlich geworden. Nach und nach gelang es dann auch, ihn etwas ruhiger zu stimmen, aber der böse Goldener verdarb die ganze Sache. Er machte den Brasilianern begreiflich, daß Nante ein wütender Republikaner sei, was gerade hinreichte, um dem eingefleischten Monarchisten alle Brasilianer, die anwesend waren, auf den Hals zu hetzen. Zu jener Zeit war jeder Brasilianer ein treuer Anhänger seines Kaisers. Mit großem Geschrei und drohenden Gebärden drangen sie auf den verblüfften Nante ein, der gar nicht wußte, wie ihm geschah. In diesem kritischen Augenblick kam der Vendist Köhler von Luiz Alves hinzu. Dieser sprach natürlich gut portugiesisch. Er setzte Nante auseinander, warum die guten Leutchen auf ihn einstürmten, und bat ihn, er möchte doch das Gegenteil erklären, da es sonst sehr übel ablaufen könne. Nante war wie aus den Wolken gefallen. „Ich ein Republikaner?!“ schrie er und lachte gellend auf. „Na, das ist denn aber doch für meines Vaters Sohn zu viel!“ – Plötzlich schlug er sich mit der geballten Hand vor der Kopf, und seine Stimme klang wie ferner Donner, als er fortfuhr: „Das hat mir der niederträchtige Landenschwengel eingebrockt! Aber diesmal soll er die Suppe allein auslöffeln!“ Dann faßte er einen kühnen Entschluß. Mit drei Schritten befand er sich draußen, kletterte auf einen Ochsenkarren und ließ durch Köhler verkünden, daß er eine Verteidigungsrede halten wolle.

„Escutem! Escutem bem! O alemãozinho quer falar! (Hört! Hört wohl! Der kleine Deutsche will reden!)“ Mit diesen Ausrufen scharten sich alle um das Vehikel und harrten mäuschenstill der Dinge, die da kommen sollte, und sie kamen! Nante donnerte eine Rede herunter, die den deutschen Zuhörern alle Haare zu Berge steigen ließ. Es war ein Wirrwarr von Sätzen, die in deutscher, französischer, lateinischer und portugiesischer Sprache zum Vorschein kamen. Die Brasilianer verstanden natürlich von der langen Rede nur die paar portugiesischen Brocken, die Nante zu seinem

de mantimento. Nante também deveria voltar com eles, mas, este não estava propenso a retornar. Primeiro porque havia descoberto uma fonte de cachaça velha, depois porque havia feito uma conquista, segundo Goldener, de uma pessoa duvidosa, uma negra não muito jovem que parecia estar totalmente apaixonada pelo alemãozinho. Nante, no entanto declarou que havia encomendado a comida e que voltaria mais tarde. Bem, ele até merecia umas horas de sono depois de tanta tribulação. Olhou com um sorriso debochado para Goldener, fazendo o dinheiro tilintar no bolso. “Cuida para a cor não desbotar”, retrucou Goldener no mesmo tom debochado, “cuida bem para que a lã não se prenda a ti e chegares a Blumenau parecendo um bode preto”!

Agora era hora de Goldener cair fora. Nante ficou rindo e disse: “É a pura inveja, é a pura inveja! É a mais pura inveja que está falando”. Sério continuou: “aliás, meus senhores, estejam certos que sempre saberei estabelecer o limite da decência”. Ele falou isso com tal nobreza e dignidade que meu pai se viu obrigado a rir. “Ah! Nante meu velho, nós o conhecemos muito bem e também podemos perdoá-lo se um gourmet da sua estirpe, uma vez, tem apetite por um bom presunto defumado”. “Deixe disso” retrucou, “o senhor é unísono com Goldener?” E amigavelmente continuou: “Sabe senhor Kleine, eu... eu acho que hoje de manhã me excedi”. “Nesse caso”, falou meu pai cordialmente, “devolva o que sobrou”! “Ah, não era isso que quis dizer; certamente me expressei mal, só quis insinuar, que o dinheiro...” “não vai chegar até amanhã”, completou meu pai. “É isso mesmo”, confirmou Nante. Felizmente ele ainda tinha um mil-réis, dando este ao resignado Nante a contragosto. “Agora são três que lhe devo”, retrucou com certo desprezo. “Muito obrigado! Não esquecerei de lhe devolver o empréstimo, assim que chegar minha remessa de dinheiro”. “Tudo em ordem”, disse meu pai, “companheiros de viagem precisam ser solidários”. “Esta também é minha convicção, senhor Kleine, assim é meu caráter, falou o egoísta compridão.

Os outros já aguardavam por meu pai. Goldener levava debaixo do braço o chapéu de Nante com os ovos e, assim regressamos. Ainda durante algum tempo escutamos Nante cantando uma antiga cantiga de estudantes, acompanhando o ritmo com batidas na mesa. Goldener falou: “Eh! Isto ainda vai dar em confusão. O grandalhão está festejando seu noivado

Glück mit hineinmischte. „Grande Império do Brasil! Gloriosa Pátria! Ilustre Senado! Viva Dom Pedro Segundo! Viva Brasileiros, viva monarchia!“ - Diese Schlußworte gaben den Ausschlag zugunsten des Redners. Sämtliche Brasilianer stimmten jubelnd mit ein, aber hinterher kam noch: „Viva o alemãozinho!“ Nante verneigte sich dankend und brüllte zum Überfluß noch dreimal hintereinander: „Viva o Imperador Dom Pedro segundo!“ Dann sprang er von seiner seltsamen Tribüne mitten in die Brasilianer hinein, umarmte in seiner patriotischen Aufwallung ein halbes Dutzend Mulatten und stand nun als waschechter Monarchist und glänzend gerechtfertigt in den Augen der Brasilianer da.

Aber Nante gab sich noch keineswegs zufrieden. Zur größten Verwunderung der Umstehenden kletterte er noch einmal auf seinen Ochsenkarren und schleuderte nun Donner und Blitz auf den Judas, den Verräter des Vaterlandes, den Anarchisten Goldener. – Endlich mußte er erschöpft innehalten. Er rang nach Atem und wischte sich den Schweiß aus dem Gesicht. Auf eine solche ungeheuerliche rhetorische Leistung gehört naturgemäß eine kleine Stärkung. Nante griff also in die Tasche und zog nicht etwa die bewährte Trösterin in allen seinen Nöten, sondern die unheimliche Rizinusölflasche hervor. Der bekannte Bösewicht hatte die Flasche umgetauscht, als Nante bei seinem Cancan-Tanz den Rock abgelegt hatte. – Nante zitterte vor Wut und wollte im ersten Grimm die unschuldige Flasche weit wegschleudern, besann sich aber und steckte sie wieder in die Tasche. Dabei murmelte er etwas vor sich hin, was niemand verstehen konnte. Segenssprüche für Goldener waren es wohl nicht. – Dann stieg er wieder zur profanen Erde hernieder und schritt – stolz wie ein Triumphator dem Hause zu, um dort eine seiner würdigen Stärkung zu sich zu nehmen. Der hinterlistige Commis aber lachte sich ins Fäustchen. Bei der ganzen Rummelei war es beinahe Mittag geworden, und da niemand gefrühstückt hatte, beschloß man wieder umzukehren. Nantes Hut voll Eier war der ganze Vorrat an Lebensmitteln, den die Fouragierer erobert hatten. Jedoch wurde den guten Brasilianern ans Herz gelegt, so schnell wie möglich etwas Eßbares zu schaffen. Nante sollte natürlich wieder mit um kehren, war aber durchaus nicht geneigt dazu. Erstens hatte er eine Quelle alten Schnapses entdeckt und zweitens eine, wie Goldener sagte, sehr zweifelhafte Eroberung gemacht in der Person einer schon nicht mehr sehr junger Schwarzen, die ganz toll in den Alemãozinho verliebt schien. Nante erklärte aber, er habe schon Essen für sich bestellt und wolle in ein paar Stunden nachkommen. Er müsse erst noch etliche Stunden ruhen. Nach den gehaltenen

com o carvão. Espero que esta história termine bem”. “É bem isso” falou meu pai, “eu estou com um mau pressentimento, um bom começo no Brasil”. Goldener retrucou: “Eu lavo as minhas mãos, o monstrengo quer assim mesmo, nenhum argumento consegue convencê-lo”. Então emendou: “Quisera que fosse amanhã!”

Quando o pequeno grupo voltou ao ancoradouro, já havia canoas com diversos suprimentos. Hoje, estavam vendendo, mas os comerciantes cobraram um preço modesto. Não demorou muito e estávamos reunidos fazendo uma boa refeição.

A Escursão de Nante

Já estava anoitecendo e nada de Nante voltar. Goldener foi acordado pelas três horas da manhã. Era Nante que estava ao pé de sua cama. Goldener estava sonolento e aborrecido. Na verdade, ficou contente que Nante estava ali, mas não queria que este percebesse como havia se angustiado. “Terminaste a orgia, que festejaste às custas de outros? O que queres realmente?” “Pst, Pst!”, fez Nante, “não grites desse jeito! Levanta rápido! Nós precisamos sair daqui antes do amanhecer!” “Fizeste mais dívidas para sumir no meio da noite?” “Nem pensar, é bem outra coisa, vem rápido! Eu contarei no caminho, meu querido, mas vem já! Todo minuto é precioso para mim”. “Para mim também”, respondeu Goldener, deitando-se novamente. “Criatura, como podes ser tão insensível?”, fungou Nante irritado, “escuta, eu preciso sair daqui imediatamente, ou pretendes deixar teu melhor amigo na mão?” “É melhor dizeres teu mais ‘caro amigo’, disse Goldener sarcasticamente, “aliás encontrarás a estrada imperial também sem mim, é só seguir a sujeira. Além disso, não me apraz uma caminhada matutina de estômago vazio”. “O café está pronto, também tem algo para comer, eu providenciei tudo. Vem comigo, meu menino de ouro, não me leves ao desespero”.

Goldener levantou-se repentinamente e disse: “Está bem, irei contigo, mas estás tão amedrontado e misterioso, que hás de compreender minha pergunta: “Dize-me honestamente, aconteceu alguma tragédia, mataste alguém?” “Não, foi simplesmente uma luta de box, sendo eu o mais atingido”, respondeu Nante. “No caminho contar-te-ei os detalhes”.

Anstrengungen könne es ihm niemand verdenken, wenn er einige Stunden schlafen wollte. Dabei klimperte er mit dem Gelde in seiner Tasche und sah Goldener höhnisch lächelnd an. – „Na, färbe dir man heute nicht ab“, sagte Goldener ebenso höhnisch lächelnd, „und paß nur gut auf, daß nix von der Wolle an dir hängen bleiben tut und du als schwarzer Schafbock in Blumenau einziehen tust!“

- Aber nun war es für Goldener Zeit zum Laufen. Nante blickte ihm lachend nach und meinte dann: „Es ist der reine Brotneid, der reine Brotneid! Die helle Eifersucht, die aus dem Tütendreherchen spricht. Übrigens, meine Herren“, fuhr er ernsthaft fort, „Sie können überzeugt sein, daß ich stets die Grenzen des Anstands wahren werde“. Er hatte diese Worte mit einer Hoheit, einer Würde gesprochen, daß mein Vater laut lachen mußte. „Na, Nante altes Haus“, meinte er gemütlich, wir kennen Sie ja alle viel zu genau, und dann ist's wohl auch zu verzeihen, wenn ein Feinschmecker Ihres Schlages einmal Appetit auf einen gut geräucherten Schinken verspürt.“ – „Ach was“, knurrte Nante, „Sie stoßen wohl auch in Goldeners Horn?“ fuhr dann aber wieder freundlicher fort: „Wissen Sie, bester Herr Kleine, ich bin – ich habe heute morgen wohl zu viel...“ „Nun“, unterbrach ihn mein Vater lächelnd, „dann geben Sie mir doch einfach den Überschuß zurück!“ – „Ach, so meinte ich es ja nicht; ich habe mich wohl falsch ausgedrückt, ich wollte damit andeuten, daß ich mit dem Gelde bis“ – „morgen nicht reichen werde“, ergänzte mein Vater. – „Jawohl, das war es“, bestätigte Nante. – Glücklicherweise hatte mein Vater nur einen Milreis bei sich, den er dem bescheidenen Nante mit etwas sauersüßer Miene reichte. – „Nun sind's dreie“, meinte dieser so von oben herab. „Besten Dank! Werde nicht verfehlen, wenn meine Wechsel eintreffen, Ihnen das Darlehen wieder zu erstatten.“ „Schon gut“, wehrte mein Vater ab, „Reisegefährten müssen einander helfen“. „Ganz meine Grundsätze, Herr Kleine, jawohl, ganz mein Charakter“, rief der lange Egoist.

Die anderen standen schon und warteten auf meinen Vater. Goldener hatte Nantes Hut mit den Eiern unter dem Arm, und so wurde der Rückzug angetreten. Noch lange hörten sie Nantes Stimme, der ein altes Studentenlied angestimmt hatte und den Takt dazu auf dem Tisch mit seinen großen Fäusten schlug. „Na, das scheint gut zu werden“, meinte Goldener unterwegs, „der Lange feiert seine Verlobung mit Fräulein Braunkohle. Wenn nur die ganze Geschichte gut abläuft!“ – „Jawohl“, erwiderte mein Vater hierauf, „mir schwant nichts Gutes. Ein netter Anfang in Brasilien.“ – „Ich wasche meine Hände in Unschuld“, entgegnete Goldener,

Goldener chegou à conclusão que o ar fresco da manhã era melhor do que o mormaço ao meio-dia. Assim, arrumou sua mochila, engoliu o café intragável que Nante preparara e saiu caminhando noite adentro com seu amigo do peito.

Caminharam em silêncio. Volta e meia tropeçavam em raízes ou pisavam em buracos cheios de lodo: a névoa matinal caía bem fininha, dando a impressão de chuvisco. Os dois viandantes usaram seus cobertores como casacos. Tiveram o maior cuidado ao se aproximarem da casa onde Nante tivera sua aventura no dia anterior. Andaram furtivamente, dando uma grande volta ao redor do sítio. Tiveram realmente muita sorte de passar despercebidos, sequer o cachorro latiu.

Após uma hora de caminhada começou a clarear. O sol despontou em toda sua magnitude e, somente agora Goldener percebeu a aparência de Nante. Ambos os olhos estavam azuis, o nariz, normalmente vermelho, estava roxo e mais parecia um pepino crescido. “Nante, que estado é este!”, gritou Goldener, estendendo-lhe um espelho. “Não vais querer que eu chegue a Blumenau contigo nesse estado! Qualquer pessoa logo verá como arranjaste este par de óculos azuis. Pelo amor de Deus, conta o que aprontaste”!

Nante recuou ao ver-se no espelho. “Não pensei que fosse tão ruim assim”, falou suspirando. “Mas, o que está feito, feito está. Eu mesmo tive culpa e preciso arcar com as conseqüências”. “Se isso pelo menos te ajudasse”, retrucou Goldener, “mas, continuarás a ser o Nante de sempre”. “Estás vendo, Goldchen, vou relatar tudo o que aconteceu porque sei que não me trairás. Ontem à tarde eu estava meio tomado e a bruxa negra se encarregou do resto. Durante a noite nos despedimos num canto escuro, não preciso entrar em detalhes. Eu lhe dei as últimas moedas de prata e fui embora. Infelizmente era tarde demais! Escutei alguém correndo esbaforido atrás de mim, então me virei depressa e acendi um fósforo. Vi um negro grande diante mim, segurando uma lança de ponta larga”. Goldener o interrompeu dizendo: “Que nada, deve ter sido um remo, cuja ponta se parece com uma lança”. “Bem, pode ser, achei que fosse uma lança. De um momento para outro estava sóbrio, não que estivesse com medo, mas porque a situação era delicada. Reconheci o perigo em que me encontrava. Eu nem tinha um canivete comigo, enquanto o diabo negro certamente possuía um

„das Untier will's nicht besser haben; alle Vernunftgründe verschlagen nichts mehr bei ihm“. Dann setzte er aber doch besorgt hinzu: „Ich wollte, es wäre erst morgen!“

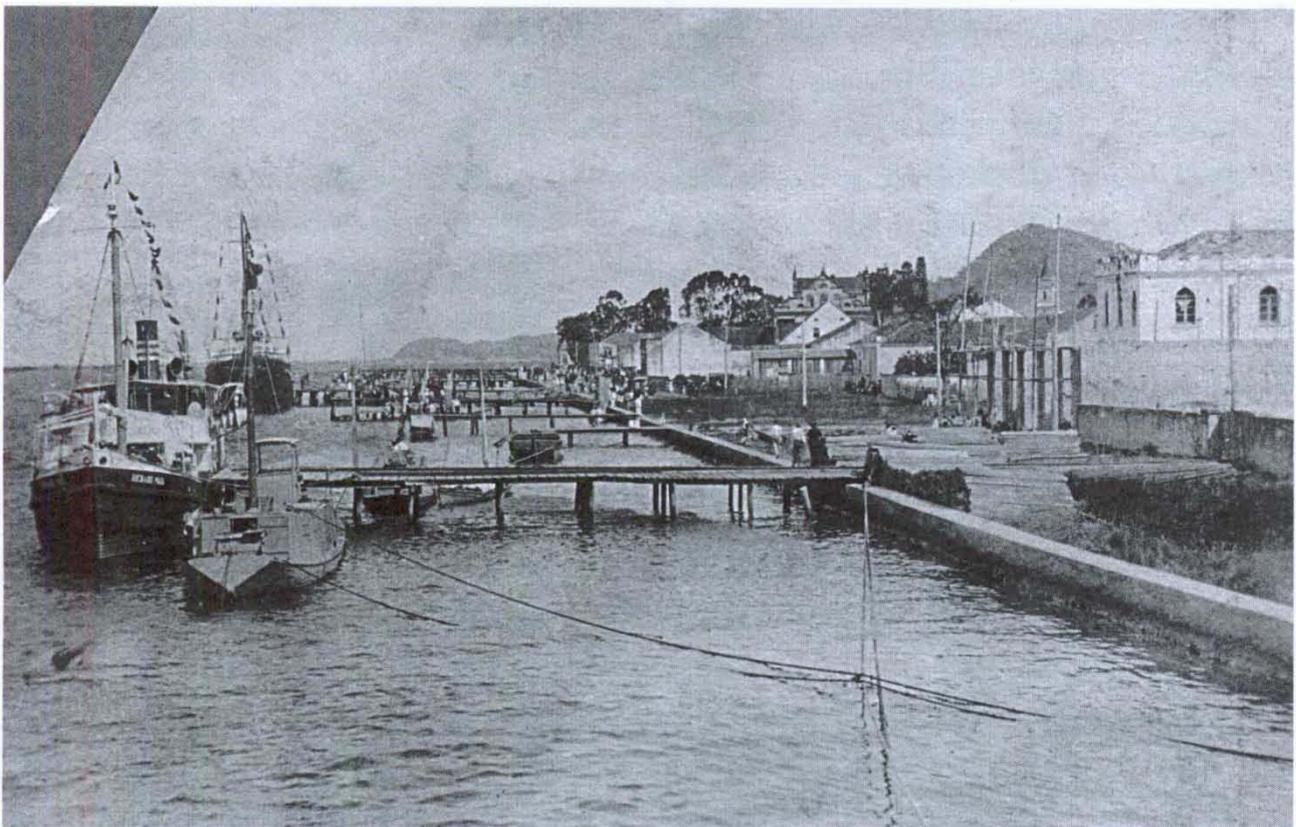
Als der kleine Trupp an der Haltestelle wieder anlangte, waren schon Canoas mit allerlei Lebensmitteln angekommen. Heute ging's für Geld. Doch waren sämtliche Verkäufer sehr bescheiden mit ihren Forderungen. Und so dauerte es nicht allzu lange, daß alle bald bei einer guten Mahlzeit saßen und es sich wohschmecken ließen.

Nantes Ausflug

Der Nachmittag verging, und die Nacht brach herein, ohne daß Nante wieder erschien. Es mochte dann wohl gegen drei Uhr morgens gewesen sein, als Goldener plötzlich geweckt wurde. Nante stand vor seinem Lager. Goldener richtete sich schlaftrunken auf und tat sehr ärgerlich. Im Grunde aber war er herzlich froh, daß Nante wieder leibhaftig vor ihm stand, aber Nante sollte nicht merken, wie er sich heimlich um ihn geängstigt hatte. – „Bist du endlich zu Ende mit deiner Orgie, die du mit anderer Leute Geld gefeiert hast? Was willst du eigentlich?“ – „Pst, pst!“ machte Nante, „schrei doch nicht so! Steh schnell auf! Wir müssen fort von hier, ehe es hell wird!“. „Haste wieder Ehrenschulden gemacht, daß du wie ein Dieb bei Nacht und Nebel verschwinden willst?“ – „Kein Gedanke daran, es ist etwas ganz anderes, komm nur schnell! Ich erzähle es dir unterwegs, Goldsöhnchen, komm nur! Jeder Augenblick ist kostbar für mich“. – „Aber Mensch, bist du denn ganz gefühllos?“ fauchte Nante in größter Aufregung. – „Du hörst doch, daß ich fort muß. Willst du denn deinen besten Freund im Stich lassen?“ – „Sage lieber, deinen „teuersten Freund“, meinte Goldener sarkastisch, „übrigens findest du die kaiserlich brasilianische Landstraße auch ohne mich, du brauchst nur dem Dreck nachzugehen. Zudem habe ich keine Lust, mit nüchternem Magen eine Morgenwanderung zu unternehmen“. – „Der Kaffee steht fertig, auch etwas zum Knabbern liegt dabei, ich habe alles selber besorgt, komm nur schnell, bester Goldjunge, und bringe mich nicht zur Verzweiflung.“

Mit einem plötzlichen Ruck fuhr Goldener wieder in die Höhe. – „Gut“, sagte er entschlossen, „ich gehe mit; aber du tust so ängstlich und geheimnisvoll, daß du es begreiflich finden wirst, wenn ich dich auf Ehre und Gewissen frage, ob dir das Unglück passiert ist, einen Menschen totzuschlagen?“ – „Nein“, erwiderte Nante, „es war nur ein regelrechter

facção. Evidente, que eu tinha diante mim o amante ciumento da bela flor que havia colhido. Não tive tempo para pensar. Othelo empunhou a lança, acertando meu peito, levando-me ao chão. Antes de recobrar a consciência já havia levado minha parte e, ainda tive que me dar por satisfeito de ele não ter usado a faca. Goldchen, sabes que não sou um adversário que se despreza. Quando consegui levantar foi a minha vez da desforra. Alguns socos bem aplicados e, o diabo desgraçado estava no chão, segurando o estômago com as duas mãos. Acredita, não fiquei lá, pois minhas pernas compridas fizeram o resto. Voltei bem mais depressa do que fomos na ida”. “Seu tolo! Deverias ter levado a lança, retrucou Goldener. Imagina, se o negro tivesse te alcançado, desta vez, com certeza, usaria a faca”. “Oh!” retrucou Nante, com um sorriso furtivo, “na pressa nem me lembrei disso. Aliás, por experiência própria eu sabia que o negro não conseguiria correr nos próximos quinze minutos. Estes socos no estômago são muito incômodos durante a corrida.” Goldener riu, coçou a orelha e disse aborrecido: “És afortunado, mas não estou gostando nada desta história. Tomara que



Vista do Porto de Itajaí - Séc. XIX
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

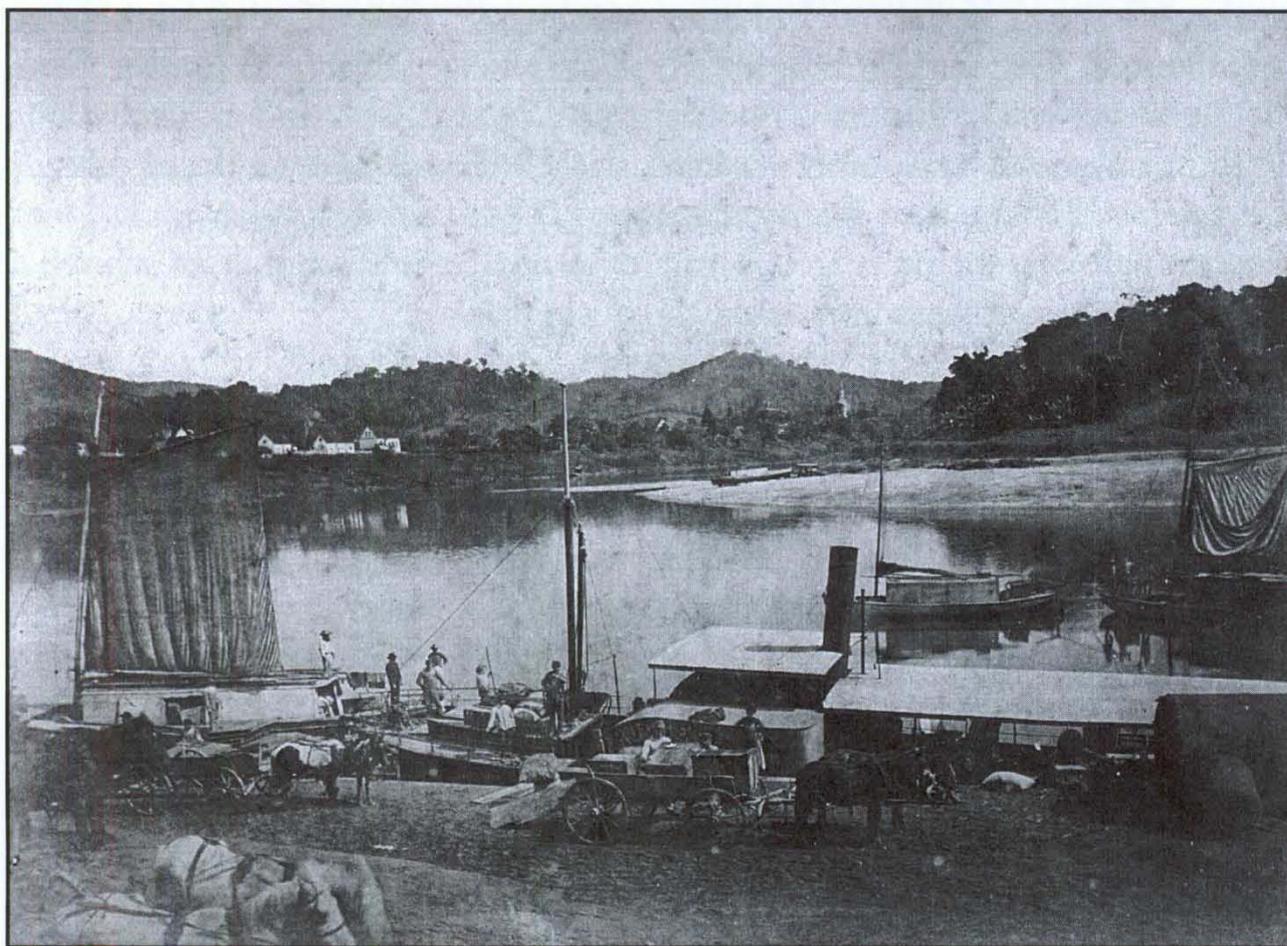
Faustkampf, bei dem ich das meiste selber davongetragen habe. Auf dem Wege will ich dir alles ausführlich erzählen“. – Goldener, der sich überlegt hatte, daß die Morgenkühle besser sei als die Mittagsschwüle stopfte schnell seine Schlafdecke in seinen Rucksack, stürzte Nantes selbstgebrauten Mokka todesverachtend hinunter und schritt dann mit seinem Busenfreund in die noch schwarze Nacht hinaus.

Stillschweigend ging einer hinter dem anderen her. Oft genug stolperten sie über eine Wurzel oder gerieten in ein tiefes Schlammloch; dazu rieselte der Morgentau wie ein feiner Sprühregen auf sie herab. Die beiden Wanderer nahmen ihre Schlafdecke heraus und legten sie sich als Mantel um. Als sie an das Haus kamen, wo gestern seine Abenteuer hatte, gebrauchte dieser die größte Vorsicht. In weitem Bogen schlich er mit Goldener um das Gehöft. Sie hatten auch wirklich Glück, daß sie ganz unbemerkt vorbeikamen. Nicht einmal ein Hund hatte angeschlagen.

Nach einer Stunde wurde es heller Tag. Die Sonne ging prachtvoll auf, und erst jetzt wurde Goldener gewahr, wie Nante aussah. Beide Augen waren schwarz-blau gerändert. Die lange Nase, die sonst rötlich schien, war ins Violette übergegangen, dazu hatte sie die Form einer ausgewachsenen Gurke angenommen. – „Aber Nante, Mensch, wie siehst du aus!“ schrie Goldener und hielt ihm einen kleinen Taschenspiegel vor die Augen. „Du wirst doch nicht verlangen, daß ich so mit dir in Blumenau einziehe! Jeder Mensch sieht doch gleich, bei welcher Firma du dir die blaue Brille geholt hast. Um des Himmels willen, sag an, was du wieder angerichtet hast!“

Nante fuhr ordentlich zurück, als er sein Ebenbild sah. „So schlimm hatte ich es mir nicht gedacht“, gestand er seufzend. „Aber was geschehen ist, ist geschehen. Ich bin selbst schuld daran und muß die Folgen tragen“. – „Wenn's nur bei dir was helfen würde“, entgegnete Goldener, „aber du bleibst dein Lebtag der Nante“. – „Du kannst leider recht haben“, seufzte Nante wieder und fuhr dann fort: „Siehste, Goldechen, ich will alles erzählen, wie es mir ergangen ist, weil ich weiß, daß du mich nie verraten wirst. – Ich war also gestern Nachmittag etwas im Schuß, und die schwarze Hexe tat das übrige. In der Geisterstunde nahmen wir draußen in einen verborgenen Winkel Abschied voneinander; ich brauche dir das wohl nicht erst näher zu beschreiben. Ich gab ihr meine letzten Silberlinge und trollte mich davon. Leider war es schon zu spät! Ich hörte jemanden keuchend hinter mir herlaufen, drehe mich also schnell um, streiche ein Streichholz an und sehe einen großen Neger vor mir, der in der Hand eine lange, breite

não tenhamos aborrecimentos por isso!” “Vou dizer o que vai acontecer”, falou Nante, “o negro vai se acertar com sua amada, que certamente terá uma boa desculpa para provar sua inocência. Minha fisionomia vai voltar ao normal e tudo vai ficar como antes”. “Gostaria que tivesses razão. Mas o que faremos agora? Eu não posso levar-te a Blumenau neste estado deplorável”. “Por que não? Eu caí no mato e, basta! Amanhã também já estarei com uma cara melhor.”



Vista do Porto de Blumenau - Séc XIX

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Lanze hält“. – „Ach was“, unterbrach ihn Goldener, „das wird ein Kanuruder gewesen sein, dessen breites und spitzzulaufendes Ruderblatt dir wie eine Lanze vorkam“. – „Na, ja, mag sein“ fuhr Nante fort, „mir schien es eine Lanze zu sein. Ich wurde nun auf einmal ganz nüchtern, nicht aus Furcht, aber die Situation war doch etwas kitschig. Ich erkannte die Gefahr, in die ich geraten war. Ich hatte nicht einmal ein Taschenmesser bei mir, während der schwarze Teufel doch gewiß das unvermeidliche Facão bei sich trug. – Offenbar hatte ich es mit einem vor Eifersucht rasenden Liebhaber der schönen Blume zu tun, die ich eben gepflückt hatte. Viel Zeit zur Besinnung hatte ich nicht; Othelo erhob seine Lanze und gab mir einen solchen Stoß vor die Brust, daß ich zusammenknickte. Ehe ich wieder recht zur Besinnung kam, hatte ich mein gehöriges Teil schon weg und mußte nur froh sein, daß er sein Messer nicht gebraucht hatte. – Goldchen, du weißt, daß ich kein zu verachtender Gegner bin, und als ich mich wieder aufrichten konnte, kam die Reihe an mich. Ein paar wohlgezielte Boxstöße – und der schwarze Teufelsbraten saß nun seinerseits auf der Erde und hielt sich den Magen mit beiden Händen fest. Du kannst mir glauben, daß ich mich nicht lange bei ihm aufhielt, meine langen Beine taten ihre Schuldigkeit. Viel schneller als wir am Tage hingegangen, kam ich jetzt in dunkler Nacht wieder zurück.“ – „Du langer Schafszipfel!“ sagte Goldener, „du hättest doch die lange Lanze mitnehmen sollen. Wenn nun der Schwarze dich nochmals eingeholt hätte, diesmal würde er doch ganz gewiß sein langes Messer gebraucht haben“. – „Oh“, erwiderte Nante mit einem seltsamen Lächeln, „da hab ich in der Eile gar nicht dran gedacht. Übrigens wußte ich aus Erfahrung, daß der Schwarze in der ersten Viertelstunde bestimmt nicht ans Laufen denken konnte. Solche Magenpflaster haben eine eklige Wirkung und sind sehr hinderlich bei einem Wettlauf.“ – Goldener mußte lachen, kratzte sich aber doch hinter den Ohren und meinte ärgerlich: „Du bist ein Teufelskerl, aber die ganze Geschichte gefällt mir nicht. Wenn nur nicht noch ein Nachspiel darauf folgt!“ – „Nun, das Nachspiel will ich dir sagen“, versetzte der leichtsinnige Nante, „der Schwarze versöhnt sich wieder mit seinem Schatz, die schon eine Ausrede finden wird, um ihre Unschuld zu beteuern. Ich bekomme meine alte Physiognomie wieder und alles bleibt beim alten.“ – „Ich wollte, du behieltest Recht. Aber was fangen wir nun an? In diesem schauerhaften Zustand kannst dich doch nicht in Blumenau sehen lassen.“ – „Warum nicht? Ich bin im Walde hingefallen, damit basta. Auch wird es morgen schon wieder besser aussehen in meiner Visage.“

A influência do “Talian” na fala catarinense*

José Curi*

Artigos

PALAVRAS (e
etnografia)

O português é riquíssimo em termos referentes a pessoas e vindos do italiano, quer padrão, quer dialetal. : Alpinista (it. Alpinista), arloto (ven. Arloto = negligente; relaxado no vestir; vadio; comilão), bandido (it. bandito), birbante (ven. birbante = patife, traste, tratante, biltre), bufão (it. p. buffone = palhaço, truão, funâmbulo), charlatão (ven. Ciarlatan), chusma (it. ciusma = gentalha; multidão de gente), capitão (trentino: capitan), canália (ven. canaglia), camerlengo (it. v. Camerlengo), doge (do ven. Doge), faquino (do gen. facchino = carregador de malas nas estações de trem na Itália), favorito (do it. favorito), funâmbulo (do lomb. funambulo), levantino (do it. levantino = dos países do Levante), malandrin ou malandrino (do it. malandrino. A forma portuguesa “malandro” deve forçosamente ser uma regressividade do termo malandrino, pois não existe no italiano a forma malandrano ou malandano), matóide (v.



* Estudo lingüístico-etnográfico em homenagem aos 130 anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos a Rio dos Cedros.

Continuação do texto publicado no Nº 05/06 - maio/junho de 2005.

Matoide = amalucado, louco), mariola (do v. Mariol= patife; gatuno; trante), nona (do it. nonna= avó), nono (do it. nonno= avô), pedante (do it. pedante), pirata (do gen. pirata= salateador), poltrão (do v. Poltron= mandrião, preguiçoso), saltimbanco (do it. saltimbanco= ginasta; acrobata; histrião, polichinelo, truão; charlatão)etc.

Bambino (do ven. Bambim), forma com que se chama uma criança. Nas colônias existem outros termos para chamar a criança, como bambin, putel, putelot, mas estas formas não vingaram em português.

Bertoldo, talvez nos veio através do bergamasco, mas o termo se prende ao nome do protagonista do conto popular de G. C. Croce. O Bertoldo é o tipo do nosso Malasartes, apto a fazer “dispeti” (falcatruas). Pode significar também uma pessoa palerma, toleirona.

Carbonário, do it. carbonaro, membro de uma sociedade secreta da Itália, partidário do carbonarismo que é uma corrente política originária de uma sociedade secreta, formada pelos carbonários (carvoeiros). Tal sociedade secreta, “derivada da franco-maçonaria foi formada para lutar contra o domínio napoleônico no reino de Nápoles (1806-1815) e depois contra os soberanos italianos restaurados após 1815. Organizou levantes e atentados (Nápoles, 1820-1815; Piemonte, 1821) sem consequências” Grande Enciclopédia Larousse Cultural (37), verbete carbonarismo (1998, p. 1. 160).

Camorra, do it. camorra, associação secreta igual à Máfia napolitana ou siciliana. No Brasil o termo pode significar rixa, contenda.

Carcamano, do talian paulista do século XX, já que era assim chamado o vendedor nos célebres mercadinhos que vendiam a fiado e marcavam as compras dos fregueses em cadernetas. Ao pesar a mercadoria, o carcamano metia a mão no prato da balança por baixo para aumentar o peso.

Duce, do lat. Dux, -cis, significa condutor, guia, chefe. Na Itália assim era chamado Benito Mussolini (1883-1945), fundador do Partido Fascista em 1919 (partido dos camisas negras).

Guibellino (do it. ghibellino) partido político partidário do imperador no Sacro Império Romano-Germânico, século XII, contrário ao partido dos guelfos que era partidário do papa. Dante era guibellino e foi chamado: *il ghibellin fugiasco* (o guibellino fugitivo).

Galeoto (do it. galeotto), indivíduo condenado a remar numa galé. Pode, outrossim, significar um medianeiro de amores e Dante (38), na Divina Comédia (1921, Inferno, Canto V. Verso 136) quando fala dos amores de Ginebra e Lancelote e meteu-se no meio o Gallehaut (Galeotto). Aí Dante pergunta quem foi que escreveu o livro em que aparece a traição de Ginebra com Galeotto, traição esta como a que existiu entre Paolo e Francesca, citados na Divina Comédia. “Galeotto fu il libro, e chi lo scrisse?”.

Lazarista (do it. lazarista), membro da congregação fundada por São Vicente de Paulo. (Lazarista, como lazaron, lazareto, são termos que se baseiam no nome bíblico de Lázaro, citado no Evangelho).

Paladino (do it. paladino), era o cavaleiro andante; era também o título que recebiam os doze de Carlos Magno que o acompanhavam nas batalhas. Significa: homem corajoso, destemido.

Pipeta, do vêneto pipeta, fumador inveterado. É um termo criado por Aquiles Bernardi (39) (Frei Paulino) (Caxias, 31. 12. 1891-Garibaldi, 11. 03. 1973) com o seu belíssimo livro: *Nanetto Pipetta* que narra as aventuras e desventuras de um imigrante italiano na América. Nanetto Pipetta encantou-me na infância e ainda encanta a muitos imigrantes italianos que conseguem ler o dialeto vêneto no qual o livro foi escrito. Atualmente o livro está na 9ª edição. Leiamos algo do cap. II intitulado: *Non c'è sale in zucca* (Não tem sal na cabeça). : *Nanetto ze stá gran desfortuná parvia che el ze nassuo en tel calente de la luna. Tri giorni dopo, festa de la sagra, i lo gá portá batedare. I se rapresenta al Piovan:*

- Riverendo el descusa. . .
- Cosa volete voi?
- Siorsí, batedare sta creatura.

- Che nome ci mettiamo?
- El diga, Reverendo?! . . .
- Che nome ci imponiamo?
- Siornó, no me piaze! . . .
- Dica lei, pantalone! . . .
- Massa bruto, Sior.
- Dica il nome che vuole, perdici?
- Nó. . . nó. . . nó. . . nó. . . Perdici no me vá, questo ze nome de na sorta de sêleghe grosse. . . Nome de oséi, nó; mi vogio on nome de Santo.
- Dite, duque, questo nome?. . .
- In munissípio i lo gá marcá Nanetto, fio de mi e de me muger, poareta, che la ghe vol on ben che mai! . . . Ma par via de sô Nonno a lo ciamaremo anca Pipetta (1990pp. 8, 9). Traduzindo. : Nanetto teve muita má sorte porque nasceu na lua minguante. Três dias depois, festa da sagra, o levaram para ser batizado. Apresentam-se ao vigário: / Reverendo, o senhor desculpe. . . / - Que quereis vós?/ Senhor, batizar esta criatura. / Que nome vamos dar?/ Sugira o senhor, Reverendo/ Que nome vamos impor?/ Senhor não, não me agrada! . . . / Diga você, toleirão! . . . /Muito feio, Senhor! . . . / Diga o nome que quer, cáspite?/ Não. . . não. . . não. . . não . Cáspite não me agrada, este é um nome de uma espécie de sobranceiras grossas. . . Nome de passarinhos, não; eu quero um nome de santo. / Dizei, pois, tal nome?. . . / No município (no tabelião) o registraram Nanetto, meu filho e de minha mulher, coitada, que lhe quer um bem imenso! . . . / Mas por causa do avô o chamaremos também Pipetta. ” N. B. : o dialeto vêneto falado nas colônias de imigrantes italianos do Rio Grande do Sul ao verbo ser acrescenta um z. Por isto que o padre Aquiles escreve ze em lugar de é, come escreverá zera el lugar de era, etc.

Sacripanta ou sacripante, o nome nos veio de uma personagem do poema Orlando Furiso de Ludovico Ariosto.

Traviata, transviada, extraviada (do it. traviata). O nome prende-se ao título da ópera de Giuseppe Verdi (La Traviata).

Observação: como em quase todas as comunidades dos imigrantes italianos havia corais, às vezes, até árias de óperas eram cantadas. A escola cantorum de Rodeio, da qual podemos ver a foto na página 37 era perita em cantar árias de óperas.

Dighe se sí, dighe de nó (canto. Apud Correio Riograndense (40)Ano 96, nº4. 933, 20/04/2005, p. 19.

Se la domanda se gó i stivai/ Dighe de sí, ma no i è pagai/ § Dighe de sí, dighe de nó/Se la me vol o sí, o nó/ Se la domanda se gó i calseti/ Dighe de sí, ma i gá i buzeti/ Se la domanda se gó le braghe/ Dighe de sí, ma le é sbregae/ Se la domanda se gó el gilé/ Dighe de sí, ma no l'é mé. / Se la domanda se gó el capel/ Dighe de sí, ma no l'é bel. (20 de abril de 2005, Ano 96, nº 4. 933, p. 19). (Traduzindo. : Dize sim, ou dize não. / Se ela perguntar se estou de botas/ dize sim, mas ainda não foram pagas/§ dize sim, dize não/ Se ela me quer, sim ou não/ se ela perguntar se tenho as meias/ dize sim, mas eles têm furos/Se ela perguntar se tenho as calças/ dize sim, mas estão rasgadas/Se ela perguntar se tenho o colete/Dize sim, mas não é meu/ Se ela perguntar se tenho o chapéu/ Dize sim, mas não é lindo).

e) DO DIVERTIMENTO

Ainda que a juventude de hoje, (4^a, 5^a ou 6^a geração dos imigrantes italianos em Santa Catarina) se divirta como toda juventude de classe média catarinense com futebol, voleibol, basquete, tênis, computador, video-game, televisão, cinema, discoteca, bailes, namoricos etc. não há negar que termos como: baletto, burleta, bochas, brisca ou bisca, mora, sagra, cinquilho, quadrilho, tressete, etc. são empréstimos do talian. Neste campo específico, tais termos influenciam no modo de viver e agir até descendentes de outras etnias aqui no Estado. É que o contexto lingüístico e situacional contribui muito para isto. Tal é também o pensamento de Georges Gusdorf (41) quando se entretém a analisar a palavra e a frase num contexto dado: “ Les plus urgent est de resssaisir la parole dans le contexte de la situation particulière où elle intervient. Une phrase ne se pose pas dans l'absolu: elle

suppose un certain état des relations entre les interlocuteurs” (1963, p. 78). (Traduzindo: o mais urgente é resgatar a palavra no contexto da situação particular onde ela intervém. Uma frase não se encontra no absoluto: ela supõe um certo estado de relações entre os interlocutores). “Solo così (afirma Arcaini (42) referindo-se ao contexto) possiamo dare garanzia di autenticità linguistica allo strumento comunicativo, proprio nella misura in cui la parola è, per sè, la funzione umana di integrazione sociale per eccellenza. In questa visione si iscrive il problema del lessico e del suo supporto, la grammatica.” (Traduzindo: Somente assim podemos dar garantia de autenticidade linguística ao instrumento comunicativo, na medida em que a palavra é, de per si, a função humana de integração social por excelência. Nesta visão se inscreve o problema do léxico e do seu suporte, a gramática).

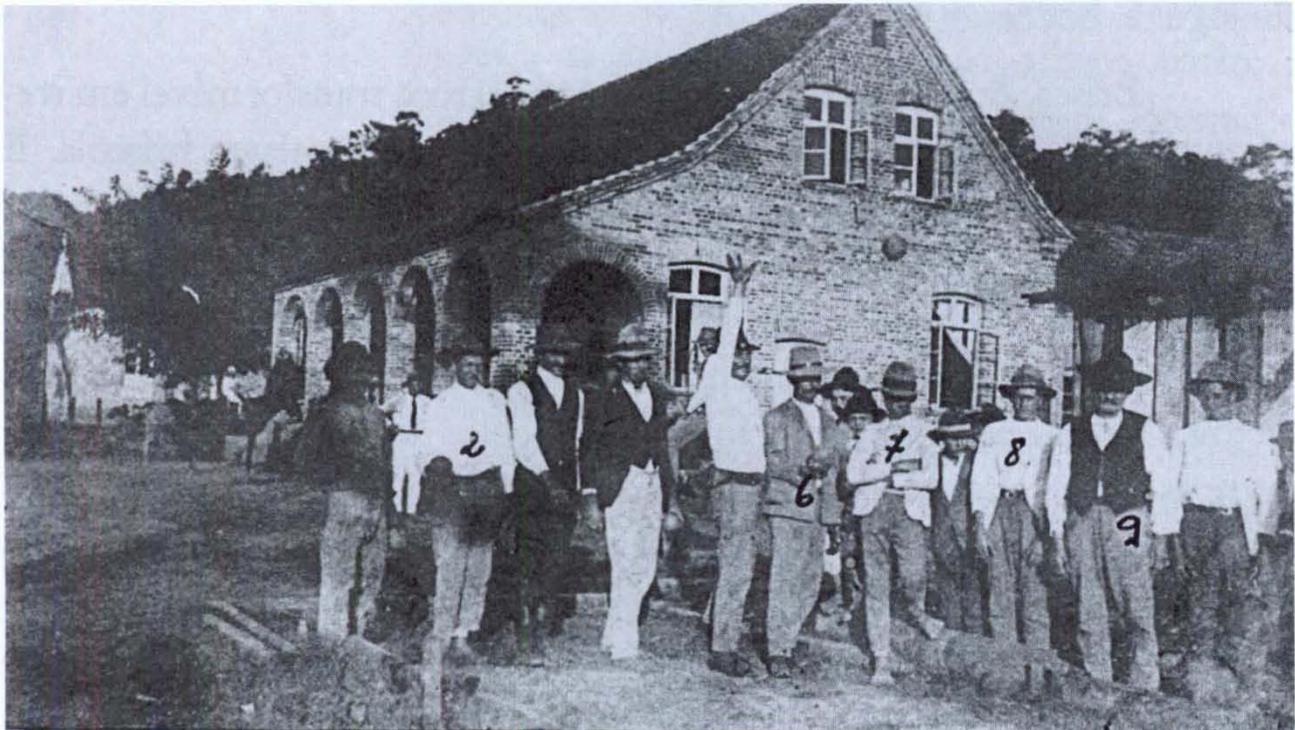
PALAVRAS (e etnografia)

Baderna. : na expressão: fazer uma baderna, isto é, bagunça. Antônio Joaquim de Macedo Soares, em seu Dicionário, diz-nos que é uma súcia dançante, e isto, em 1889. Logo, a origem do termo não pode ser do talian. E não é mesmo. A palavra tem história e prende-se ao nome de Marietta BADERNA, italiana e dançarina. Na primeira metade do século XIX ela e o pai vieram para o Rio de Janeiro e o sucesso de Marietta Baderna foi tanto que houve prós e contras. O termo, é pois, alusivo.

Baleto, do talian baleto ou balet mais a desinência o do português. Aqui faz-se sentir a influência do sufixo diminutivo -eto, comuníssimo no talian. A palavra baile prende-se ao latim vulgar ball-um com dissimilação. N. B. : O imigrante italiano é por natureza alegre, expansivo e o baile era uma maneira comunitária de se divertir. Eu me lembro que embora criança, também me divertia de vez em quando nos pouquíssimos arrasta-pés que se faziam na colônia de Rio Dos Cedros. E era bonito de ver aqueles homens rudes e bigodudos, às vezes de botas, abraçados a mulheres endomingadas com as mãos cheias de calos, dançando valsas e tarantelas ao som de um bandônio. Lembro-me que muitas vezes saíam brigas espetaculares (como as de filmes de caubói) e sempre por motivos fúteis, causa-

dos pelo excesso de bebida: esnhapa, bonican e birra. Quando em 1947 voltei do colégio para visitar os avós, disseram-me que os padres proibiram os bailes. E a rapaziada buscava os salões alemães da redondeza para dançar e aí. . . quantos casamentos entre rapazes italianos e moças alemãs!

Burleta, do talian burleta. Pelo que me lembro era uma pequena farsa e com música que alguns improvisados atores levavam ao palco das casas parroquias. Comenta a palavra Claudio de SOUSA (43) “ Burleta é uma palavra italiana que se tornou mais vulgar em nossa língua do Brasil com o êxito obtido pela comédia A Capital Federal, a que Artur Azevedo deu aquela classificação. Hoje, em teatro, ninguém define, exatamente, o que seja uma burleta, pois que os autores dão este nome a diferentes classes de peças. Em geral, serve mais para indicar uma comédia musicada, expressão que pode substituir aquela. ” (1920, p. 118).



Da esquerda para a direita, possíveis de serem reconhecidos por Lino Vicenzi. : nº 2 Ricco Bagatolli, nº 6 Giuseppe Vicenzi (pai de Lino Vicenzi), nº7 Giovanni Trisotto, nº8 Albino Zanghellini, nº9 Piero Dalcanale. A casa aos fundos pertencia a Angelin Dall’Agnello. O lugarejo é Nossa Senhora do Caravaggio em Rio dos Cedros. As pessoas citadas por Lino Vicenzi (expedicionário brasileiro) são imigrantes de 1875. A foto pertence ao arquivo da Paróquia da Imaculada Conceição.

Bochas, do talian *bocia*. Ainda que muitos etimologistas busquem formas hipotéticas, como: *bokia* (vaso bojudo), *bottia* (bola), *baucxia* (esfera), etc. é de se supor que tais formas tenham existido no latim vulgar, mas nós não as pudemos documentar. Entre os imigrantes italianos as bochas são todas feitas de madeira de lei. O jogo de bochas é sempre realizado dentro de uma cancha larga aproximadamente 2, 5 metros, e comprida uns 25 metros, toda ela revestida de areia fina. As formas mais jogadas são: 24 em que os quatro jogadores (dois contra dois) procuram fazer vinte e quatro pontos em tempo indeterminado. 48 em que no fundo da cancha, entre quatro bochas dispostas em cruz fica o bochim. Quem conseguir tirar o bochim em seco sem tocar nas bochas que o cercam, fará 48 pontos. Hoje, em Santa Catarina, este esporte faz parte dos Jogos Abertos.

Bochim, do talian *bocin*. É a bola menor que serve como fito, alvo no jogo de bochas.

Brisca, do polonês *briska* (pequena carroça transformável em tremó, usada na Rússia e na Polônia). Em talian temos a palavra *bríscola*. E temos que admitir aqui a queda da postônica para se chegar a brisca que é uma espécie de jogo. Edwin B. William (44) explica-nos a queda da postônica que era normal no latim vulgar. Diz-noz ele. : “Crê-se que o latim clássico sempre tivera um acento de intensidade e que um acento de altura, jamais afetou a linguagem popular, foi introduzido pelos meados do século II a. C. entre as classes altamente bem educadas pelos professores gregos, que pronunciavam o latim à sua própria maneira. (Kent, §66, l). Cinco ou seis séculos mais tarde, o acento de intensidade da ala popular foi muito incrementado na boca dos godos invasores, que acentuavam o latim com o acento de intensidade mais forte, característico de sua própria língua. Um dos resultados desse acento de intensidade incrementado foi estimular a síncope da vogal postônica. . . o que ocorreu no latim vulgar”. (1961, pp. 25-26).

Caça aos ovos coloridos (*la cassa ai ovi colorii*). Era costume nas

zuga, se zuga, e el compagno el gen for, e allora tanto fá guadagnar i doe o perder i trê. (Traduzindo. : para se jogar o cinquillo são necessárias cinco pessoas. Chama-se o companheiro, e se eu possuir belas cartas chamo o três de copas. Contudo, não se pode saber quem seja logo de início o companheiro, e então, vai-se jogando, jogando, e descartando, e o companheiro sairá naturalmente e então, tanto faz ganhar os dois quanto perder os três). Esta explicação deu-ma o José Leitempergher em 1970, portanto, é bem possível que haja outra forma de jogar o cinquillo.

Carére de cavai, um dos divertimentos preferidos pelos imigrantes do Vale do Itajaí, as célebres, barulhentas corridas de cavalos em pistas de barro. Nas apostas diziam que corria muito dinheiro. Havia, outrossim, muitas brigas. Eu tinha nove anos quando assisti a uma corrida de cavalos e morreu um jóquei, se não me falha a memória, Silvino Nicolodelli. Parece-me que daí para frente foram escasseando as corridas. Mas era bonito ver os rosilhos, os pangarés, os zebrunos, os tordilhos, gordos e barrigudos,



El sugo de la mora. (o jogo da mora)
Fonte: Corradin, s/d.

correndo desesperados em nuvens de poeira.

Escopa, do talian scopa. A palavra, na realidade, significa vassoura, mas em divertimento é um jogo de cartas, conhecido também como escopa de 15 para o qual se utiliza um baralho (tipo baralho espanhol ou italiano com desenhos diferentes dos nossos baralhos. Assim é, por exemplo, que o naipe de espadas é apresentado por espadas mesmo, o de paus por paus mesmos, o de flores, flores etc.) de 40 cartas do qual saem os 8, 9 e 10. Os jogadores podem ser 2, 3, ou 4.

Filó, do latim vulgar filu, através do talian filó. Para os primeiros imigrantes a palavra podia significar namoro. Já o Padre Dall'Alba (45) descreve o filó como se fora uma reunião familiar com comes e bebes. (1986, pp. 54-55). N. B. : a cerimônia do casamento nos primeiros tempos sempre tinha lugar de manhã na Igreja, e a noiva italiana usava, então, um vestido preto, longo até aos calcanhares, um avental e um xale preto na cabeça. Já a noiva alemã colocava na cabeça um gorro verde cheio de rosas, além, é claro, de vestir-se como a noiva italiana. Nos primeiros tempos nem se sabia o que fosse lua-de-mel, disse-me Angelin Lenzi.

Mora, do latim vulgar mora, através do talian mora. O termo já entrou no português de Santa Catarina, mas o jogo da mora, acredito seja praticado somente entre italianos. O jogo da mora se desenrola mais ou menos assim: duas pessoas martelam fortemente os dedos sobre uma mesa, proferindo ao mesmo tempo que martelam o número da soma dos dedos de ambas as mãos. À medida que os dedos caem sobre a mesa escutam-se diversos números que vão de dois a dez. Quando um dos jogadores acertar o número de dedos que cantou grita fortemente Mora! Ou dô chel more! Mio!, Sa la Mora! a la Mora! Ponto feito, o braço é levantado à altura do peito e outro parceiro é desafiado. Vence o confronto o jogador ou a equipe que fizer 12, 15, 16 ou 21 pontos. Caso haja empate combinam mais jogadas. Às vezes, o número 3 ou o número 6 são substituídos por gritos previamente combinados.

Pixirum, ou pixirim. A origem do termo não é do talian. Callage

(46) diz ser um vocábulo tipicamente gaúcho, mas não nos dá a origem (1928, p. 104). O pixirum ou pixirim, antes de ser um divertimento é uma espécie de ajuda mútua seguida de comes e bebes e, se o padre deixar, um bailezinho. Quando um colono está em apertos com a lavoura, o pessoal da vizinhança vai ajudá-lo. Aí vemos turmas cortando arroz, colhendo tabaco, capinando milho, etc.

Quadrilho, do talian quadrilio. Jogo de cartas no qual jogam quatro parceiros.

Sagra, do latim vulgar sacra pelo talian sagra com sonorização do grupo consonantal “cr”. Significa algo sagrado, e na realidade, era a festa do padroeiro ou padroeira da comunidade da Igreja Matriz, e tinha um papel sociológico importante que era o da fraternização entre todos os imigrantes da paróquia. A sagra sempre era antecedida por um tríduo ou uma novena. Antes da Missa Solene o andor do padroeiro ou padroeira era carregado em procissão pelas lideranças locais e membros de Associações Religiosas, enquanto as Filhas de Maria (também Associação Religiosa) carregavam o andor da Mãe de Deus. Que a procissão antecipava a Missa Solene, no-lo refere o Cônego Giacomo Vicenzi (47) no livro que escreveu sobre uma viagem que ele fez ao Estado de Santa Catarina em 1902 (1902, pp. 43-44). Mas, apesar de todo respeito pela procissão, entre as rezas do rosário e os enfeites de palmitos, bambus e flores pela estrada, de tanto em tanto repicavam foguetes. A sagra na Matriz de Rio dos Cedros era muitas vezes abrilhantada pela fanfarra da Capela de Nossa Senhora do Caravaggio. Podemos, em sã consciência, dizer que as sagras modernas, principalmente as que se realizam nas comunidades italianas no Vale do Itajaí, são sagradas como as de antigamente? Estive em algumas e observei que: : come-se comida típica italiana; dança-se à vontade; fazem-se teatrinhos em dialeto, ou melhor, em talian; cantam-se canções folclóricas de Trento e Veneza; namora-se muito e não se reza nada. Perdão, na abertura sempre há uma missa e no fim da sagra que pode durar dias, há o desfile folclórico ressuscitando usos e costumes, mostrando o desenvolvimento econômico da co-

munidade. As procissões há muito que desapareceram, e de Filhas de Maria não ouvi mais falar, se bem que minha irmã ainda guarde o diploma. Alguém poderia perguntar: não se brincava o Carnaval? No começo da imigração, embora muitos falassem do célebre Carnaval de Veneza, não havia tempo a desperdiçar, era forçoso trabalhar duro para ter o que comer e o que vestir. Faço notar que ainda hoje em dia o Carnaval nas comunidades italianas é simplesmente ignorado. Há danças em salões, mas blocos ou escolas-de-samba, com sinceridade, não conheço em comunidades de imigração italiana. Nos dias de carnaval é possível encontrar um que outro abobado desfilando pelas ruas ou estradas das comunidades, única e exclusivamente para fazer rir as pessoas, e sem querer, o tal abobado recorda-me os atoleimados das pequenas comunidades da Idade Média, aptos a fazer rir. Faço lembrar aos leitores que todos os chamados abobados, atoleimados ou excepcionais, sempre foram bem acolhidos pela comunidade italiana onde aparecem. N. B. : Apraz-me trazer aqui o que nos diz Gino Segata (48) a respeito da sagra nos pequenos paeselli de Trento. : “ Le chiamavano così, com'è uso ancora nei paesi, quelle alcune feste del nostro calendario cittadino ch'erano più o meno caratterizzate da manifestazioni tipicamente popolari come l'albero della cuccagna, el gioco della tombola, concorsi musicali, luminarie, gare di vario genere. Né alcuno mostrava di offendersi. Anzi, vi partecipavano tutti con curiosità ed entusiasmo. . . . La classica SAGRA di Trento era, mette appena conto il dirlo, quella di SAN VIGILIO la quale, oltre ad offrire le manifestazioni più o meno consuete a tali feste, ammanniva al pubblico due spettacoli di eccezione: Quello lirico, AL Sociale, e quello pirotecnico in piazza d'Armi. Il primo, che si dava nel tardo pomeriggio, era riservato ai cittadini d'un certo livello. Il nostro Tatro godeva fama, a quel tempo, d'essere uno dei migliori templi provinciali della lirica alla quale era esclusivamente e gelosamente riservato. E infatti d'arte lirica il nostro pubblico era espertissimo. Per San Vigilio, data la stagione si poteva sempre contare su artisti di primo piano, e per questo lo spettacolo assumeva il carattere d'una vera festa d'arte alla quale i trentini, nonostante la calura, intervenivano sfoggiando abiti da sera e toilettes di gran lusso che, attesa la

moda di quegli anni, comportavano una certa fatica. Sul podio direttoriale ci fu, una volta anche Toscanini, già famoso, sebbene ancora alle sue prime armi. E un'altra volta, tra gli spettatori, si potè annoverare Giacomo Puccini. Ma l'attesa generale era, naturalmente, per i "foghi" che si accendevano, calata la notte, a ridosso delle vecchie "albere" fiancheggianti il lato del convento delle Canossiane che dà su piazza Venezia. " (1965, pp. 21, 22). (Traduzindo. : " Chamavam-se assim, como ainda se chamam nos pequenos lugarejos aquelas festas do nosso calendário citadino que eram mais ou menos caracterizadas por manifestações tipicamente populares como o pau-de-sebo, o jogo da tómbola (loteria de cartões), concursos musicais, iluminações festivas, competições de vários gêneros. Ninguém se ofendia. Melhor, todos participavam de tudo com curiosidade e entusiasmo. . . . Clássica SAGRA de Trento era, por assim dizer, a de São Vigilio a qual, além de oferecer as manifestações mais ou menos normais em tais festas, animava o público com dois espetáculos de exceção: o lírico (no teatro Sociale) e o pirotécnico na praça das Armas. O primeiro que era apresentado já noite feita era reservado aos cidadãos de certo nível. O nosso Teatro tinha fama naquele tempo de ser um dos melhores templos provinciais da lírica (ópera) à qual era exclusivamente e generosamente reservado. Na verdade, em questão de arte lírica, o nosso povo estava por dentro. Pela festa de São Vigílio, dada a estação, sempre se podia contar com artistas famosos e por tal motivo o espetáculo assumia o caráter de uma verdadeira festa de arte à qual os trentinos, apesar do calor, assistiam exibindo trajes de noite e toaletes de grande luxo que, seguindo a moda daqueles tempos, não eram nada leves. No palco, dirigindo a orquestra, apresentou-se uma vez Toscanini, já famoso, embora estivesse compondo ainda as primeiras óperas. Certa ocasião, entre os espectadores estava Giacomo Puccini. Mas a grande e ansiosa espera era pelos fogos-de-artifício que eram acesos alta noite, abrigados pelas velhas árvores que cobriam o lado do convento das irmãs Canossianas do lado da praça Veneza. "

Tressete, do talian tressete = três setes. É um jogo de baralho que pode ser jogado entre duas ou quatro pessoas. Na maioria das vezes são

quatro os jogadores de tressete. O parceiro escolhido (sempre com antecedência e não como no cinquilha) não pode se descuidar nunca, pois se por uma distração perder, digamos, um ás, sai forçosamente uma blasfêmia por parte do outro parceiro. Chama-se tressete porque o número maior de pontos após cada partida é 21. Se o tressete for jogado só por duas pessoas dão-lhe o nome de “pichiquim”. Neste jogo o que mais vale é o naipe e a carta maior é sempre o três. A carta sem valor é chamada de “scartim”. Na mesa onde estão jogando tressete não pode faltar o copo com a bitruca.

LA MORA (poema de Dall’Alba, in opus cit pp. 34-35)

Mora! Mora! Tutta! Otto! / Sei! Tre! Due! Tre!Nove! Mora!/Che bel zugo ze la mora. Divertirse coi compagni!/ Due! Tre! Mora! Sei! La Mora!/Sera tazrdi, in cantina/ Sula tola, sempre in quatro. /Fa fin mal de tanto bater, /Colpi forti fin sui gropi. Quante sfide, quante grida!/ Quanto vin e quanta birra!/Ze una festa ogni volta/Che se zuga coi compagni. / Toni è sguelto. Bepi è pigro/ Nani grida, Mengo paga. /Tutti i beve, fin dir basta/ Se diverton fin sul tardi. /Con la mora, con le bocce/ Con le carte da quatrighio/ Se se passa in compagnia/ Bele ore, fino a note. / Da distante se li sente. /Gnochì forti sula tola. / Tra le ose dei cantante/Recordando madre pátria. /E con canti di montagna/ Con le bocce nella raia/ Con la mora e con le carte/Passan ore, passan feste/ Bravo, Piero! Forza, Nico!/ Vá a punti, barba Iaco!/Sfida tutti, nono Checo!/ Vu, zio Toni, n’altro goto:/ Ma che festa! Sembra sagra!/ Sia al sabo, sia in filó!/ Con el vin e con nosele!/Che alegria in compagnia! (Traduzindo: Mora! Mora! Toda! Oito!/ Seis! Três! Nove! Mora!/ Que lindo jogo é a mora!/Divertir-se com os companheiros!/À noitinha, na cantina/ Sobre a mesa, sempre em quatro/ Faz até mal de tanto bater Golpes fortes até nas falanges. / Quantos desafios, quantos gritos, /Quanto vinho e quanta cerveja! É uma festa cada vez/ que se joga com os companheiros. / Toni é ligeiro, Bepi é lerdo, /Nani grita, Mengo paga. / Todos bebem, até dizer chega/ Divertem-se até alta noite. / Com a mora, com as bochas/ Com as cartas de quatrilha/ Passam-se em companhia/ Lindas horas até à noite. /De longe dá para ouvir/ Socos fortes sobre a mesa/ Entre as vozes dos cantores/ Recordando a mãe pátria. /

E com cantos da montanha/ Com as bochas na cancha/ Com a mora e com as cartas/ Passam horas, passam festas. /Bravo, Piero! Força Nico! Vá a ponto, barba Iago!/ A todos desafia, vovô Checo! Vós, tio Toni, outro gole?/ Mas que festa! Parece sagra!/ Seja ao sábado, seja no filó!/ Com o vinho e com os doces/ Que alegria em companhia!).

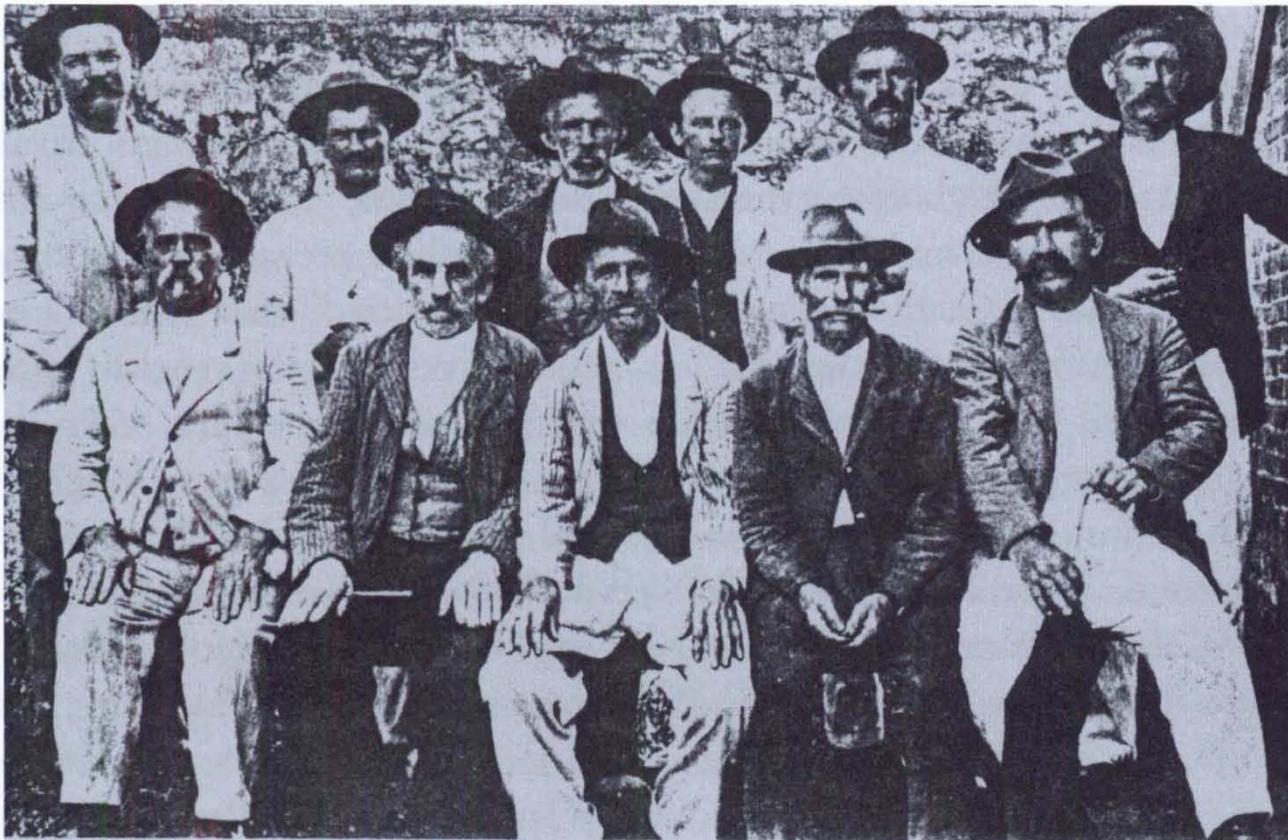
a) DEMÚSICA

De uma janela semi-aberta de um velho e nobre casarão, (seria aquela casa com o nome de Mamãe Margaritta, mãe de D. Bosco?) casarão conhecido como o “adestrador de músicos”, uma luzinha vasquejava com a execução embevecente de um trecho de grande dificuldade das penosas e harmônicas variações sobre a ária do Carnaval de Veneza. Quem executava o trecho era o maestro Carril, um apaixonado por música, enquanto fazia sorrir e chorar ao mesmo tempo o seu velhíssimo e mais que precioso estradivário. Entrei no casarão: no quarto nº1 as requintas em mi bemol desafiavam uns acordes da Giovenezza, o hino criado pelo fascismo italiano. No quarto nº2 as clarinetas teimavam em tirar sem erro o Va Pensiero da ópera Nabuco de Verdi. Os pistons, enclausurados no quarto nº3 quase sufocavam e ensurdeciam os pobres cavalos da Cavalaria Ligeira de Franz von Suppé. No quarto nº4 os baixos faziam gemer os vidros das janelas com toques de marchas. No quarto nº5 os bombardinos ficavam-se a desenrolar polcas. No quarto nº6 os saxs judiavam mazurcas. No quarto nº7 os trombones assustavam, entoando o canoro Mazzollin di Fiori. Os instrumentos que eu via me pareceram aptos a formar uma banda. Eu sabia que o maestro Carril era ótimo mestre de banda, mas por que estaria tocando violino? A banda não era a sua paixão? Não viera de Lavrinhas para formar uma banda com os seus adoráveis campônios – como costumava dizer? Carril com paciência beata copiava todas as partituras enchendo cadernos e cadernos, e isto tudo à mão, com tal primor e ordem de causar inveja a qualquer compositor. Os alunos, mais acostumados à enxada e à foice do que a serviços leves, ajudavam Carril a limpar, polir, soldar os instrumentos. Carril amava ver brilhar os instrumentos de sua banda, prin-

principalmente quando garbosa ela se apresentava nas festas religiosas das capelas e das paróquias. A banda para os imigrantes italianos tinha a mesma função do “tiro-alemão” para os alemães. Ela agregava os colonos, dava-lhes paz, alegria, algo doce e inefável de difícil explicação. Fora do altar era a banda que reunia multidões extasiadas com os olhos pregados nos instrumentos luzidios. Carril costumava dizer que a música dilata o espírito e o fortalece. Ainda que o imigrante italiano não tivesse tapetes mágicos para voar, Carril fazia questão de fazê-lo voar nas asas da melodia. Além de Carril, outro grande incentivador da banda (alma musical para os imigrantes italianos) foi Angelo Sabbatini, natural da Província de Macerata, região sul da Itália. Nasceu aos 9 de abril de 1834. Ordenou-se padre jesuíta. Com 31 anos vem para o Brasil e pára em Nova Trento e funda a banda musical com o nome de Società Filarmonica di Nuova Trento em 1890 (conforme os estatutos da banda, ela foi formada no dia 25 de maio de 1890) Comprou os instrumentos no Rio de Janeiro por 845 mil réis (eram 20 instrumentos.). Sabbatini faleceu em Itu em 1907. Além de grande músico era cantor, poeta, professor de latim e humanidades.

PALAVRAS (e etnografia)

O português é super rico em termos musicais vindos do italiano padrão ou dos dialetos, a ponto de muitos termos conservarem ainda hoje a grafia italiana. Haja vista: *aciacatura* ou *acciacatura* que indica as notas do acorde quando devem ser tocadas quase simultaneamente, *acordo* ou *acorde*, *adagio*, *agitato*, *alla breve*, *alla militare*, *allegro*, *al segno*, *arpeggio*, *baccheta* (pequena vara utilizada para tocar o tambor), temos em português também a forma *baqueta*, *batuta* (vareta com que o maestro rege a orquestra), *barcarola* (canto dos gondoleiros de Veneza), *basso*, *bel canto*, *bequadro*, *bombardino*, *cavatina* (pequena ária de ópera), *compositor*, *conservatório*, *contrabaixo*, *contralto*, *coreógrafo*, *coreto*, *clarim*, *clavicembalo* (ou *clavicimbalo*, *clavicórdio*, instrumento de cordas e teclado, antecessor da *spineta*, do *piano*, etc.), *corneta* (*cornetta*), *crescendo*, *cabaletta* (ária rápida de ópera) *cembalo*, *cantabile*, *cantata*, *dueto*, *da capo*, *dilletante*, *espineta*



Escola Cantorum Santa Cecília 1916.
Fonte: Arquivo José Ferreira da Silva.

(antigo instrumento de cordas e teclado, anterior ao piano), fioritura, impostazione, intermezzo, larghetto, maestrina, maestro, musicata, marcia, mezza voce, moderato, mordente, ocarina, partitura, presto, pavana, pífaro, piano, quarteto, ritornello (estribilho), solo, sonata, sonatina, soprano, solfejo, sotto voce, tenor, toccata, tremolo, trombeta, trombone, tutti, violino, violoncelo, virtuoso etc.

Ária do it. através do talian aria. É termo usado para designar uma peça musical cantada por uma só pessoa. Na ópera a ária podia ser chamada de cavatina, romança, rondó, etc. Entre os imigrantes italianos e descendentes, cultivava-se a ária, não só de ópera mas dos cantos populares também. Há em todas as festas sempre um tenor ou barítono improvisado para cantar uma ária.

Bravo! “ De ordinário, diz-nos Fetis, F. J. & Almeida J. E. d’ (49) juntam-lhe os italianos o nome do compositor, cantor ou tocador, a quem dirigem o aplauso, como bravo Rossini! Bravo Rubini! Bravo il Violino!”

Bombardino, é uma espécie de trompa. Se os alemães tinham nos clubes de tiro o seu centro social, os imigrantes italianos tinham nas bandas de música o seu mundo alegre. Hoje, as novas gerações descendentes dos imigrantes, principalmente as que abandonaram as comunidades agrícolas, não só não falam o talian, mas também não se dedicam à música como se dedicavam os nossos velhos imigrantes que tocavam a trompa do alto das igrejas para chamar os fiéis às cerimônias religiosas, e para anunciar a hora do Angelus.

Burleta. : Souza, Cláudio de, opus cit. diz-nos: “ burleta é uma



Fonte: Arquivo pessoal autor. Afresco pintado por Cechet no teto da Igreja de Nossa Senhora do Caravaggio em Rio dos Cedros.

palavra italiana que se tornou mais vulgar em nossa língua do Brasil com o êxito obtido pela comédia *A Capital Federal*, a que Artur Azevedo deu aquela classificação. Hoje em teatro ninguém define, exatamente o que seja uma burleta, pois que os autores dão este nome a diferentes classes de peças. Em geral serve mais para indicar uma comédia musicada, expressão que pode substituir aquela.” (1920, p. 118). N. B. : o termo caiu em desuso. Diz-se hoje comédia musical.

Ocarina, instrumento de sopro. Interessante a observação de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, (50). “ O termo ocarina é moderníssimo. . . em português, para o qual veio do Tirol italiano com uns

músicos, os ocarinistas, que em Lisboa estiveram aí por mil oitocentos e setenta e tantos, a quem chamavam apeninos, e que deram vários concertos nesta cidade. ” (Apostilas, II, p. 191, cit. por M. Guérios, opus cit, nota 197.)

Tarantela, do nap. Tarantela, prende seu nome à tarântula (aranha) e é uma música de ritmo acelerado como a polca.

OBSERVAÇÃO. : Dentre os muitíssimos cantos populares que os imigrantes costumam cantar e que trouxeram do Trentino, do Vêneto ou da Lombardia, os que nunca faltam são: “ Da L’Italia noi siamo partiti” e o “ Mazzollin de fiori”. O primeiro, segundo pesquisamos, parece ter sido composto pelo imigrante italiano Batista Rafaelli, primeiro a organizar uma banda de música no município de Ascurra, junto aos estudantes do Colégio São Paulo. O segundo é folclórico.

g) DE ESCULTURA, PINTURA E DESENHO.

No artigo que escrevi sobre a brabeza dos primeiros imigrantes de Rio dos Cedros na revista Blumenau em Cadernos que já citei, à página 29 da mesma revista, falei dos “santieri” (santeiros), fazedores de obras sacras, que existiam em todas as colônias de imigrantes italianos do Estado. Eu disse que muitos objetos de culto, como crucifixos, castiçais, candelabros, lampadários, matracas, umbelas, imagens de santos e santas, foram feitos por eles. Disse que tais obras eram feitas em madeira, barro, cimento, cera, gesso, estanho, ferro, lata, prata, etc. e que, infelizmente, não encontrei nenhuma feita de ouro. Recomendei que o leitor se quisesse admirar muitas obras sacras feitas pelos imigrantes italianos deveria visitar o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, de Azambuja, bem próximo à cidade de Brusque. Aí por curiosidade eu disse que no limite entre o município de Siderópolis e Nova Orleans podia-se admirar um crucifixo esculpido por Ângelo Moro, dito o Leto. Tal crucifixo é conhecido como o “Cristo Grande”, pois possui três metros e meio de altura e o corpo de Jesus possui um metro e setenta. Moro utilizou dois troncos para esculpir o crucifixo: um para o tronco de Cristo e outro para os braços. É uma belíssima obra de

arte. Conta-se que uma vez um colono, vendo o Cristo Grande, teria exclamado: “Cramenha, ma che demonio d’un Cristo!” (Cramenha, (blasfêmia) que demônio de Cristo!). Eu disse também que quem entrasse na igreja de Siderópolis poderia admirar a estátua de São Roque com mais de um metro de altura, esculpida em madeira por Beppi Frassetto, dito el Canoria. Em Rio dos Cedros há estatuetas de terracota, mas ninguém soube me dizer quem fosse o autor. Soube que um tal Giovanni Filippi, um dos primeiros habitantes da estrada dos Pomeranos em Rio dos Cedros, teria esculpido em madeira uma estátua de São Roque, mas Frei Lucínio Korte, primeiro vigário de Rodeio, visitando o oratório de São Roque, e vendo a estátua espantou-se e mandou-a queimar. . . Um dos maiores pintores de igrejas que passou pelas colônias foi Cechet. Apesar de não ter feito nenhuma escola de Belas Artes, sabia distribuir bem as cores, as luzes, a perspectiva. (Abaixo uma pintura de Cechet pintada no teto da Igreja de Nossa Senhora do Caravaggio em Rio dos Cedros).

PALAVRAS (e etnografia)

Bambochata, talian bambociata, é uma pintura representando cenas eróticas, cenas de orgias. Entre os nossos colonos bambociata era sinônimo de farra. Não acredito que algum pintor tenha pintado quadros orgiâcos ou de mulheres peladas. N. B. : É necessário pesquisar mais neste assunto.

Afresco, do it. affresco, é uma pintura feita diretamente nas paredes, principalmente de igrejas como as pinturas do Cechet.

Busto, do talian busto, mas o italiano padrão também o possui. É a representação da figura humana esculpida da cintura para cima. Os bustos encontrados nas colônias de imigrantes italianos são de cimento armado, mármore ou bronze. Neste mister artístico conheci Fioravante Ferro.

Caricatura, o termo é comum no talian. Diz Bruno Migliorini, in opus cit. p. 447. : “Il cui nome risale probabilmente ad Anibale Carraci”. Neste caso, caricatura seria um termo alusivo.

Escaiola, do talian scaiola. É um estuque adesivo que imita muito bem o mármore formado de gesso puro cozido.

Escarabocho, do it. scaraboccio que é uma redução das figuras ou dos desenhos.

Escorço, do it. scorcio, é a perspectiva.

Esfumatura, do it. sfumatura. São as sombras num desenho, muito comuns nos afrescos de Cechet.

Pitresco, do it. pittoresco. Diz Bruno Migliorini, in opus cit. p. 545. :”Riferito soprattutto a paesaggi di natura selvagia” (com referência a paisagens de natureza ainda virgem, como bosques).

Terracota, do it. terracotta, barro cozido, produto de cerâmica ou escultura cozida no forno

Tasselo, do talian tasselo, nome dado ao molde de ferro, lata, barro, gesso ou de qualquer outro material em que era vazado o metal liquefeito para se formar a estátua ou mais freqüentemente os bustos.

N. B. : Como a maioria dos “santieri” não assinava as obras, é difícil encontrar o nome dos artistas, a não ser o do Cechet e o de Ângelo Moro. O nome de Giovanni Filippi aparece numa porta de igreja ainda guardada, mas só as iniciais dele. Giovanni Filippi era conhecido com o nome de “sciopetero” (soltador de foguetes). Angelo Moro, mais conhecido com o nome de Leto, nasceu aos 21 de setembro de 1866 em Longarone, província de Belluno. Já era escultor na Itália. Morreu em 1945, e foi sepultado no cemitério de San Martin em Nova Veneza. Hoje, com o deslocamento da maioria dos jovens das colônias para os centros maiores a fim de estudar em cursos superiores, os artistas do pincel são muitos. Não só pintores, escultores, encontramos dispersos pelo Estado, mas também artistas da pena, riquíssima de filosofia de vida.

h) LITERATURA E PAREMIOLOGIA

A darmos crédito à paremiologia que coletamos de praticamente todas as colônias de imigrantes italianos aqui do Estado percebemos que a verdadeira literatura estava na filosofia de vida que os provérbios refletem. Numa primeira leitura linear ficamos decepcionados, pois descobrimos nos provérbios um homem rude, egoísta, presunçoso, mesquinho. Somente após leitura mais demorada dos provérbios e contato mais longo com os mais

velhos é que descobrimos uma alma cortês, altruísta, humilde e generosa. O imigrante italiano é um homem de idéias claras e pauta sua vida visando o fim último, a bem-aventurança, na qual ele acredita piamente porque é visceralmente católico. O seu lugar de nascimento é a sua pátria, o seu paesello. Adora trabalhar, visando o seu sustento e o futuro de seus filhos que os faz trabalhar desde pequenos. Tem simplesmente pavor da miséria e jamais, a não ser in extremis, pediria esmola. Tem orgulho de tudo o que possui e conseguiu com o suor de seu rosto. Leva a vida com austeridade e os princípios morais do catolicismo são para ele dogmas. Tem em alta estima a saúde, a beleza, a honra, a fama, a riqueza, a gratidão e a política. Dorme cedo e o sol jamais o pega na cama de manhã. Usa os melhores trajes em indo à missa, a enterros, a batizados, a casamentos. Salda seus compromissos em dia e um fio de sua barba tem mais valor que uma nota promissória. Não denegrir o nome de ninguém e orgulha-se de seu sangue na sua descendência: sangue bom! Não lhe falta o necessário, e se preciso guarda o dinheirinho debaixo do colchão e isto porque para ele a pobreza é simplesmente inoportuna, embora não seja avaro e se compadeça da aflição do próximo. É grato a um benefício porque em sua ignorância é sábio, comedido. Se não é analfabeto ama ler, especular e discutir idéias políticas e as discute com ardor. Em se convivendo com ele é que se sente a sua profunda religiosidade e sincera caridade, e se às vezes, se mostra um tanto incrêu, blasfemando sobre os sacramentos, tal incredulidade não passa de fanfarronice, pois neste campo ele é tal qual o Togno de Liberali (51) que se mostra incrêu, mas que no fundo é um crédulo mestre. : “- Dunque dovete savere che Dio no esiste, cari. Dio ze stá inventá dai preti e dai frati. - Permetel na dimanda? – el dise Beppin, fiol de Piero Gaban. – Come nó – risponde Togno. – Dio nol ghe ze miga, dizi vu, vera? – Gnente affatto. Dio non esiste – dise Togno, ancóra tuto insupérbio. – Ma, scusé savi, de ndove el vegnest for el sol?- Da caso. – E noaltri de ndove vegnem?- I nostri antenati sono discendenti da macachi. – E i macachi da ndove végnei?- Tut dal cas? – Cossa él pó sto cás? – Caso, caro mio, ze che prima no ghe sera e dopo eccoci che le robe le ghe zé, le se vede. Le robe le se fá da se stesse. -

Alora, a lé cussi? Avant che ghe fusse el sol, i fiori, le piante, noanter, i macác, i bisseti a no ghéra mia gnent? –Gnente affatto! – Ma se una roba no la ghe miga, gnanca no la ghé par poder farse, vé! Viva Dio par laurar a farse, bisón che la ghe sia, vé, e se la ghe no occur pi che la se fassa, orca la pipa! Togno el gá vardá intorno coi oci stralunadi e no gá asbesto responder altro. Alora, dalla rabia, móleghe na sbacchettata a Beppin che el gá tacá sigar come un desperá. ... In tuto caso Dio non ci obliga a... (1981, 3ªed. pp. 55-56) (Traduzindo: Logo deveis saber que Deus não existe, caros. Deus foi inventado pelos padres e pelos frades. – Permis uma pergunta? – disse Beppin, filho de Piero Gaban. – Como não!- responde Togno. - Deus não existe mesmo, dizeis vós, não é verdade?- De jeito nenhum. Deus não existe – disse Togno, ainda todo orgulhoso. - Mas, perdão, de onde saiu o sol? – Do acaso. – E nós de onde viemos? – Os nossos antepassados são descendentes dos macacos. - E os macacos de onde vieram? - Do acaso. – Tudo vem do acaso? Que é, pois, este acaso? –Acaso, caro meu, é o que antes não existia e depois, eis que as coisas existem, podem ser vistas. As coisas fazem-se por si mesmas. – Então, peço outra vez perdão, antes que existissem o sol, as flores, as árvores, nós mesmos, os macacos, as minhocas nada existia?- Absolutamente nada. - Mas se uma coisa não existe, também não existe para poder se fazer, vé! Viva Deus trabalhando para se fazer! É necessário que a coisa exista, vé, e se a coisa existe não há necessidade que ela se faça, orca la pipa! . . . Togno olhou ao redor com os olhos esbugalhados e não soube o que responder. Então, com raiva, dá uma coça com a vara a Beppin que começou a gritar como um desesperado”. . . . Apesar de incréu, Togno (leiamos o imigrante italiano) sempre coloca o nome de Deus no meio e blasfema o nome de Deus, mas nunca ofende a Nossa Senhora, mesmo que esteja possuído pela raiva. A paremiologia era e ainda é a grande via oral da literatura popular como uma filosofia de vida. Dir-me-eis, então: o nosso imigrante italiano não tinha acesso a outra literatura, a escrita? O que sabia ler o italiano padrão tinha acesso ao jornais que circulavam nas colônias, como: L’operaio, La Patria, L’Amico, La Voce del Parroco in Famiglia, La Vita Coloniale, La Tribuna, mas os que sabiam ler o italiano

padrão eram bem poucos, já vimos que a maioria absoluta dos imigrantes italianos falavam dialetos. Talvez o padre do púlpito explicasse o conteúdo de tais jornais, pois que eles refletem, diz-nos Mazurama (52) “ de modo geral o interesse pela preservação do amor à mãe-pátria, pela conservação da língua, da religião e dos costumes; incentivam as iniciativas que trazem progresso às colônias, sejam elas a indústria, o comércio, a agricultura, a instrução ou qualquer outro setor. . . . L’Operaio, impresso em Florianópolis, tem reflexos do movimento de unificação e traz freqüentes notícias sobre a campanha na África. . . . L’Amico e La Voce del Parroco in Famiglia, têm o objetivo comum de serem órgãos de divulgação e conservação dos princípios religiosos católicos. . . . Vita Coloniale, identifica amor à Pátria com um sentimento nacionalista mais forte que os demais, e incentiva a todos os italianos a colaborarem indo ao combate ou participando com donativos no apoio às associações beneficentes. . . . La Tribuna, dá especial realce às figuras nacionais italianas da época, principalmente ao “duce” e ao Rei, bem como aos vultos históricos, sobressaindo Giuseppe e Anita Garibaldi. ” (1987, pp. 30-31).

Pelo que me consta, em Santa Catarina, livros impressos em “talian” só o “Stiani in Colonia”, livro de poesia do padre Dall’Alba, publicado pela EDUCS e Lunardelli em 1986, e os nossos livros: “Resta quá con noaltri”, publicado pela Editora da UFSC em 1987 e Raconti de Rio Cedro, publicado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, Florianópolis, 1984.

Como disse, a verdadeira literatura do talian de Santa Catarina é oral, e pertence à tradição oral e é simplesmente ótima. Trago aqui os exemplos mais incisivos da filosofia de vida do nosso imigrante, já que se trouxéssemos todos os provérbios que recolhemos teríamos um livro à parte. Vede, pois, alguns exemplos. : “ A ciaro de candela, ne done, ne tela” (à luz da vela, nem mulher, nem tela). “Al fin dei conti, ntel toro no te monti” (em última análise, no touro não montas). “Ale lágrime d’en erede, solo i mati i ghe crede” (às lágrimas de um herdeiro, só os loucos acreditam). “ A sei ani se è putei, a sessanta se è ncor quei” (com seis anos somos crianças, e com

sessenta voltamos a ser crianças). “A sto mondo o adatar-se, o cambiarse, o spararse” (Neste mundo ou adaptar-se a ele, ou mudar de vida, ou então, dar-se um tiro na cabeça). “Bela scarpa pol diventare na bela savata” (lindo sapato pode mudar-se em lindo sapo). N. B. : O segundo bela em bela savata, tem o sentido de horrível sapo. O sapo em muitas colônias é chamado de scarpassa. Em italiano padrão é rospo). “Baso par forza, nol val na scorsa” (beijo forçado não vale nada, ou seja não vale uma casca de árvore). “Braghe no pol, se gurnial no vol” (as calças nada podem, se o avental não quiser. Referência ao domínio forte da mulher italiana no seio da família. É a “mama” tradicional que controla tudo em casa, até o marido). “Chi va al molin, s’infarina” (quem vai à atafona se enfarinha). “Carta e mulo i porta tuto” (papel e burro carregam tudo). “Chi cerca done e cavai senza difeto, el gaverá stala voda e nessune a leto” (quem procura mulheres e cavalos sem defeitos, terá a mangueira vazia e nenhuma na cama). “Chi gá fioi, tuti i boconi no i è soi” (Quem possui filhos, tem que dividir a comida). “Cavei e guai no i manca mai” (cabelos e dificuldades não faltam nunca). “Coi ciuchi e mati, no se fá pati” (com bêbados e loucos não devemos fazer pactos). “Chi parla tropo de libertà, vol dir che nol la gá.” (quem fala demais de liberdade, quer dizer que não a possui). “Col lat de gat, no se fá casat” (com o leite de gato não se faz queijo). “El mondo l’è fato a scarpete: chi se le cava, chi se le mete” (O mundo é feito de sapatinhos: há os que os põem e há os que os tiram). “Fin che ghé fiá, ghé speranza” (enquanto houver fôlego, há esperança). “Gropi, seradure e done, bisogna torli con le bone” (nós, fechaduras e mulheres é preciso tratá-los com bons modos). “L’è meio fruar le scarpe che i nissoi” (é melhor gastar os sapatos que os lençóis). “Lengoa longa, cervel curt” (língua comprida, crânio curto). “Le Barufe le scióca come i ovi” (as brigas estalam como os ovos). “L’amor el fá far salti, la fame ancor pu alti”. (o amor faz dar saltos, a fome saltos mais altos). “La lengoa no la gá ne pele ne osso, ma la tira el male adosso” (a língua não possui nem pele nem osso, mas atrai o mal a si). “I soldi e l’amicissia, i orbisce anca la giustissia” (dinheiro e amizade, cegam também a justiça). “La razon dei poretì, la é carga de difeti” (a razão dos pobres está

carregada de defeitos). “L’amor l’è potente, ma l’oro onipotente” (o amor é potente, mas o ouro é onipotente). “I débiti e i afiti, i magna i diriti” (dívidas e aluguéis, comem os direitos da pessoa). “Morir de grata, o morir de rogná, morir bisogna” (morrer de tanto coçar, ou morrer de sarna, morrer é necessário). “Meio el tacon ch’el sbregóm” (é melhor o remendo que o rasgão). “Omet, sioret e cavalet no i vale en pet.” (homem de pouca inteligência, senhor orgulhoso e cavalinho, não valem um pum). “Osel de gabia, quando nol canta de amor, el canta de rabia” (pássaro de gaiola, quando não canta com amor, canta com raiva). “Prima ti e dopo i toi, e dopo i altri se te poi” (primeiro você, depois os teus, e depois os outros se tu puderes). “Pel contadin, tanto fá sonar en corno o en violin” (para o colono, que nada entende de música, tanto faz o som de um chifre ou de um violino). “Porete quele case ndove la galina la canta e el galo tase”! (infelizes aquelas casas onde a galinha canta e o galo cala). “Prima i ociai, dopo el baston, dopo la goba e dopo el casson” (antes os óculos, depois a bengala, depois a corcunda e por último o caixão). “Quando en omo l’è stimá, el pol pissar en leto e dir che la suá” (quando um homem tem boa fama, pode urinar na cama e dizer que sou). “Sanitá e libertá, se é richi e no se sá” (saúde e liberdade, a gente é rica e não sabe). “Sior senza soldi, lumin senza óio.” (pessoa (senhor) sem dinheiro, lâmparina sem óleo). “En omo senza fede e senza religion l’è come na bestia senza parón” (um homem sem fé e sem religião é como um animal sem patrão). “En vilan in medo a dô avocati; en paltegan in medo a dô gati; en malá in medo a dô dotori, chi stá pedo de lori?” (um sem-vergonha no meio de dois advogados, um rato no meio de dois gatos, um doente no meio de dois médicos, quem está pior do que eles?).

Do nosso livro “Resta quá con noaltri” CURTI, J. (53) página 16, trascrevemos a poesia que escrevemos sobre as chaminés. :

Se drio te si a tornar d’en longo e amaro esilio/ che l’ambission dei soldi t’ha crucificá/ e ancor del to paeselo amato te voi veder/ quei camini sui querti sfumegando al vento/ come mati a pipar, te pol desmentegarte/ el gás l’è rivá, l’è freddo come el gelo/ de strada en gran sassin, l’ha sfrada-

su, ruiná/ quel fogolar a legna. . . St'ani con la mama/ con el pupá e la nona, sentai-dô davanti/ a quel fogo d'amor, parlavini...parlavini.../ disêvini poesie con alquanti ndovinei.../Pregávini, oh! Quante Ave-Marie pregávini!/ E adesso el fogolar l'é fredo, l'é lontan/ l'é morto. L'é tardi, l'é tardi. É molto tardi adesso/ NO I PIPA PU I CAMINI! (Traduzindo. : Se estás para voltar de um longo e amaro exílio/ que a ambição do dinheiro te crucificou/ e ainda queres ver de tua terrinha amada/ aquelas chaminés acima dos telhados fumegando ao vento/ como doidas a fumar, tu podes esquecer/ o gás já chegou e é frio como o gelo/ grande bandido da estrada, esfriou tudo/ arruinou aquele fogão- à-lenha. . . No passado com a mamãe, / com o papai e a vovó, sentados diante /daquele fogo de amor falávamos de tudo/ até poesias recitávamos com algumas adivinhações/ e rezávamos, oh! Quantas Ave-Marias rezávamos/ E agora o fogão-à-lenha é frio, está longe, morreu/ É tarde, é tarde, é muito tarde, agora/ NÃO FUMAM MAIS AS CHAMINÉS. N. B. : Eu acho que termos da poética, o talian de Santa Catarina nada nos deixou. Os empréstimos nesta área são anteriores à imigração italiana de 1875, e, mesmo da fracassada imigração de Nova Itália de 1836. Termos como égloga, estança, estrambote, madrigal, moteto, poesia, soneto, etc. todo e qualquer tratado de poética os traz e os etimologistas vão dizer que são termos vindos do italiano, sem fazer distinção se são de algum dialeto siciliano, vêneto, lombardo, etc. OBSERVAÇÃO. : Quanto à sobrevivência do talian aqui no Estado eu tenho minhas dúvidas, e me pergunto se ele sairá dos umbrais do doméstico ou morrerá nesta quinta geração. Mesmo que o talian saia dos umbrais do doméstico quem hoje em dia mais o difunde são os radialistas Renato Nichetti e Asir Beltran de Bento Gonçalves. O jornal “Correio Riograndense” sempre traz algo do talian, inclusive como estudá-lo com lições de gramática, apresentadas por Luzzatto, e uma continuação do romance de Nanetto Pippetta, ou a volta de Nanetto Pipetta Renato Nicchetti observa “ciacolar per aria (é radialista) è portar la contentessa ai noni, che i é quei che i mantien gran audienza dei nostri radii. Ma se metemo anca a far laoar per la zuventú tanto dificile con questa monopolizzazione culturale che ven de la TV im-

posta da grandi mési de comunicassiom, allora, se fá quel que se pôl. ” (Traduzindo. : palrar pelo ar é levar alegria aos avós que são os que mantêm grande audiência da nossa rádio. Mas se nos colocamos a trabalhar para a juventude tudo é mais difícil, dada esta monopolização cultural que vem da TV, imposta pelos grandes meios de comunicação (que são feitos em português, completaria eu) então, a gente faz o que pode. Depoimento feito por Nicchetti no Segundo Encontro de Imprensa Italiana no Brasil, realizado em Serafina Correa, em 1994. O talian está sendo substituído pelos cursos de italiano padrão em todas as colônias de imigrantes italianos. Com isto o talian está com os dias contados.

i) ALGUNS TERMOS DIVERSOS PARA CAMPOS SEMÂNTICOS DIVERSOS

Beladona, do it. belladonna, planta herbácea, venenosa, da família das solâneas (*Atropos beladona*, L.) empregada para chás. DOENÇAS: As doenças que mais atacavam os imigrantes tanto nas colônias do Vale do Itajaí, quanto nas colônias do Sul do Estado eram. : gripes, varicela, tifo, escarlatina, pertosse (nome italiano do coqueluche), cachumba, sarampo, crupe, malária, meningite, polmonite, etc. Como a maioria andasse descalça, eram comuns os bichos-de-pé. É de se notar que o nosso colono confiava a cura de seus males a ervas (chás), ao vinho e à pinga. Só mais tarde partia para os benzimentos. O chás mais comuns eram: o de sabugueiro, com a utilização das folhas para fazer saltar rapidamente para a pele o sarampo, e as raízes para doenças dos olhos; o de mazurana, de bomaistro para cargacion (dor) de estômago; o de menta, para a tosse; o de finócio, para diversas doenças; o de caroba para limpar o sangue; o emplastro de língua-de-vaca para tumores; o de goiaba, para diarréia; o de folhas de laranjeira para nervosismo e. . . somem-se mais a salsaparrilha, a copaíba, o rícino, o estramônio, a artemísia, o tamarindo, a camomila, o acanto e tereis os chás-panacéias.

Bruta béstia! Interjeição comuníssima nas colônias de imigração italiana quando se quer elogiar ou ofender alguém. E as interjeições são até

interessantes. : ma quê! Mama mia! Mascalzone!. Pezzo d'animale! Cramenha! Sacraeva! Dialo cornuto! Eco! Cane! Atento! Bravo! Guai! (cuidado!) Perdinci! (caramba!) Dio bono! Santo Cristo!Cáspite! Corno! (N. B. : conforme o uso, o imigrante italiano prepara o corno para guardar a pólvora; para levar água para a roça; para encher de cachaça ou vinho; para chamar o cão; para colocar nele a pria quando cheio de água. O imigrante italiano não se abespinhava com o sentido pejorativo da palavra).

Cocanha (do it. cucagna). Descrição da Cocanha, apud José Clemente Pozenato (54) “A topografia do Paese di Cuccagna é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão, que expelle, continuamente, moedas de ouro. Quando chove, nesse país, chovem pérolas e diamantes, mas podem chover também raviólis. Em direção ao porto, denominado de Porto dos Ociosos, navegam embarcações carregadas de especiarias, mortadelas, toda a sorte de embutidos e presuntos. Rios de vinho grego são atravessados por pontes de fatias de melão, e lagos de molhos soberbos estão coalhados de polpette e fegatelli. Fornadas permanentes de pão de farinha de trigo abastecem os habitantes do lugar. Aves assadas despencam do céu, direto sobre a mesa, enquanto as árvores cobrem-se de frutos nos doze meses do ano. As vacas parem um vitelo ao mês e os arreios dos cavalos são de ouro, mas as rédeas são lingüiças. . . A topografia se completa com uma colina na qual está a prisão destinada aos infratores da única lei que vigora no país, não trabalhar e gozar a vida. Para os camponeses pobres e atormentados pelo espectro da fome, a identificação da América com o Paese di Cuccagna, ainda que a soubessem inverossímil, talvez tenha sido estimulante por exprimir a reivindicação do desejo insatisfeito. (Cleodes Piazza Ribeiro in Paese di Cuccagna ou País das Maravilhas) (Porto Alegre, 2000, p. 8, não num.).

Companático: do talian companatico: qualquer alimento que acompanha o pão ou a polenta. Em português, poder-se-ia traduzir por conduto, presigo (musse, banha, queijo, salame, radici, galeto, etc.). O termo, nas colônias italianas, nos primórdios, era polissêmico e tanto poderia significar conduto, quanto qualquer alimento, mesmo que vindo do céu como a

Hóstia, seria um companático. MÉRICA sonho de cocanha e companático, e também sonho de aventura: mudar radicalmente de vida. Nada de assustar-se com o incógnito: perigos, tragédias, sofrimentos, desapontamentos, saudades. Foi como uma espécie de febre americana que invadiu Trento e Itália nos fins do século XIX. Virou uma espécie de loucura, um acanimento, um fanatismo “ nelle piazze, nelle bettole e nei filò non si discorre d’altro che di emigrazione, di Brasile e di Merica” (apud Voce Cattolica di Trento, 23 gennaio 1877). “ Stanchi di navigare nella miseria. . . e per trovare di che vivere” (dizia Domenico Giovannini di Ravenna em 1875 em sua petição às autoridades trentinas a fim de imigrar para a Merica) (Vide Grosselli, opus cit. p. 103.). A propaganda panfletária pintava a terra como se ela fosse a Terra Prometida. Enviados especiais, e ad hoc preparados, faziam conferências sobre as maravilhas da Nova Canaã. E os jornais diziam em letras garrafais que os imigrantes seriam donos de sua terra. Merica! Vamos para o Brasil porque se a floresta é rica, viçosa, com árvores gigantescas com copadas amarradas a cipós e com alturas de mais de 30 metros há material para serem construídos ranchos e casas. E por baixo destas árvores gigantes o sol dificilmente penetra para iluminar uma espécie de segunda mata com caetés, bromélias, ortigas, taquaras, palmitos, ticuns e etc. Que quereis mais? Uma floresta em cima de outra!. . . O companático se esconde nestas florestas, vamos buscá-lo! E não há como cozinhá-lo? É simples arme-se um caixão de madeira bem forte sobre quatro estacas. Encha-se tal caixão de terra e soque-se bem. Ate-se a um caibro um resistente cipó de embira ou de arame se houver. Amarre-se um gancho numa das pontas onde se possa pendurar as panelas. Faça-se bastante fogo que dure, se possível até de manhã, pois não há fósforos para acendê-lo novamente, use-se cascas de arribá e cozinhe-se não só os companáticos, mas faça-se, sobretudo, a polentina. Era mais ou menos assim o FOCOLAR dos primeiros imigrantes.

Radici. E outras verduras, como o capucho, as verzes, a carota (cenoura), o cetriuolo (pepino), o peperone, o piselo, a zuca, o pomodoro, o masciuscio (chuchu) eram cultivadas pela “mama” ntel orto (na horta) que,

às vezes, se misturava com flores, como: o cacto, a azaléia, a campanela, a camélia, a gardênia, o gelsomino, o gerânio, a gérbera, o gladiolo, o lírio, a mimosa, o narciso, a orquídea, a passiflora e sobretudo a rosa.

Búlgheri ou búgheri. Os índios eram assim chamados pelos primeiros imigrantes, dos quais tinham um verdadeiro pavor. E não era para menos: dois imigrantes da família Chiarotti foram mortos a flechadas; em Morro Pelado massacraram a Giovanni Fanton; em Ribeirão Basílio mais de 100 índios atacaram moradias de emboscada (foi aí que se destacou em bravura André Ferrari que lutou corpo a corpo com eles com um facão. André tentou desfechar vários tiros, mas o rifle falhava cada vez que era posto em ação, e os índios, zombando, fingiam cair mortos). (Isto nos conta Deretti M. (55) sob o título: “ Apiúna nos meus Apontamentos” in Blumenau em Cadernos, tomo XXXII – set. 9l. Nº 9, pp. 281-282). O padre Luigi Marzano (56), que veio para Urusanga em 1889, narra-nos um ataque de índios que acoanteceu em Rio Deserto (Urussanga). Diz-nos o padre:” Estávamos a 10 de fevereiro de 1883 e os quatro irmãos de sobrenome Baldassar, residentes em Rio Deserto, tranqüilos cortavam árvores. Cantavam felizes ao som das machadadas. Um deles, de nome Giovanni, afastou-se um tanto para observar uma grande árvore e medir-lhe a circunferência. Mal caminhara 25 ou 40 metros, quando, sem ao menos pressentir o perigo, sente-se atingido por flecha e tomba ao chão com um grito. Acorrem os irmãos, apavorados, e cheios de horror vêem seu irmão numa poça de sangue com o corpo atravessado, lado a lado, por uma flecha. Tomam-no entre os braços e carregam-no à casa mais próxima. ” (1904, p. 114). G. Benz (57), conta-nos que em Timbó, em 14 de outubro de 1876, os índios mataram uma moça de 16 anos com uma flechada à altura do coração, saindo a flecha do lado esquerdo das costas. Diz-nos, ainda, que feriram uma menina de 6 anos com pancadas na cabeça. (apud Blumenau em Cadernos, Tomo XXIX, abril de 1988, nº 4 p. 15). Em Rio dos Cedros mataram a moça Teresa Paternolli no lugarejo chamado São José, e em Rio Herta, outro lugarejo de Rio dos Cedros, trucidaram a família Majeski. Nas colônias do Vale do Itajaí o número de imigrantes mortos pelos índios sobe a mais de 41 e mui-

tos foram, outrossim, os feridos. Com a criação do piquete denominado “caçadores de bugres”, tendo à testa Martinho Marcelino, os índios praticamente debandaram das colônias. Foram a partir de 1914 pacificados por Eduardo Hoerhann. Interessante notar que o Dr. Hugo Gensch estudou a língua dos botocudos e acolheu em sua casa uma menina índia de nome Martinha. Era uma korikrá, isto é, filha de chefe. Veja-se para uma leitura interessante sobre índios e sua pacificação. : Deeke, J. (58) “Os botocudos do Rio Plate” in Blumenau em cadernos, Tomo XXIX, jan. De 1988 ed. 372, p. 17 à 21).

Fiorim = florzinha. Nas colônias de imigração italiana aqui em Santa Catarina chamava-se florim a moeda que fora cunhada em Veneza com o nome de ducato. Diz-nos Mons. Quinto Davide Baldessar, in opus cit, pp. 67-68. : “ Tal moeda chamada ducato, veio passando de geração em geração, atravessando os séculos e as fronteiras, mas a flor de lis sempre acompanhou o ducado, que finalmente passou a se chamar “fiorino” (florzinha), por causa do lírio, nome esse oficializado pelo próprio doge de Veneza. Leopoldo II, Granduque de Toscana, cunhou esta moeda em 1826 e também lhe deu o nome de “fiorino”, dividido em 100 “quatrini” e $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$ de fiorino. Toscana emitiu seu último fiorino em 1859 que continuou em circulação até o final do século passado, quando os imigrantes partiram da Itália. Daí se explica o porquê dos nossos imigrantes terem batizado o nosso mil réis pelo nome de fiorino ou simplesmente fiorim. . . . Outra palavra que entrou na linguagem dos imigrantes foi “quatrini”, como sinônimo de dinheiro ou “eschei” (skei). E o sistema monetário dos imigrantes não saiu do fiorino e do ventin, porque o “conto” (mil réis) era tão difícil de alcançar que nem teve correspondente na linguagem do imigrante. ”

SEGUNDA PARTE: CONTRIBUIÇÕES GRAMÁTICAS.

a) Desnasalização: O talian não possui nasalização, mas alguma ressonância nasal se observa quando da aproximação das consoantes nasais m e n. Por motivo de tal desnasalização a língua falada em Santa Catarina tende a ser menos nasalizada, haja vista. : garage, molecage, folhage, nom, coração, bençom, etc. Bertil Malberg (59) já observara a desnasalização

italiana em confronto com a francesa. (1966, p. 42).

b) O “r” ápico-alveolar é pronunciado de tal modo que a ponta da língua, tocando os alvéolos, é lançada para frente pela corrente de ar. O talian não pronuncia os dois erres (rr) e nem possui o “r” uvular, típico da pronúncia francesa. Daí a pronúncia *tera* (*terra*), *bariga* (*barriga*), *sera* (*sera*), etc.

c) O talian está cheio de troncamentos, e talvez por isto, aqui em Santa Catarina se observem quedas de vogais e consoantes finais. : funo em lugar de fundo; cantano, em lugar de cantando; observá por observar, cantá por cantar etc. Faço observar que o dialeto caipira (a primeira língua que os nossos imigrantes contactaram) também devora muitas finais.

d) No campo da derivação própria o talian influenciou a fala catarianense com inúmeros sufixos. Vede. : -ata. : cantata, concordata, caricata, serenata, sonata, etc. -ada. : aguada, balaustrada, escalada, fachada, pasquinada (esta palavra prende-se a pasquim + ada e a origem do termo é atribuída a Pasquino. Se a história aqui não mente, Pasquino era um sapateiro romano, conhecido pelo seu espírito satiresco e maledicente. Por alusão o povo romano designou Pasquino o dorso de uma estátua mutilada de Ajax (ou Hércules) na praça onde trabalhava o sapateiro. Epigramas ou diálogos sarcásticos eram postos ao pé da estátua. E por séculos tais diálogos e epigramas aconteceram como um repositório de calúnias e anedotas do povo romano. . . Aqui no Brasil, por algum tempo circulou um jornal com o nome de Pasquim. Lutava contra a ditadura militar e divulgava assuntos existenciais com ótimas entrevistas. O Pasquim brasileiro tinha nomes de peso, como: Jaguar, Ziraldo, Sérgio Cabral, Millor Fernandes, Henfil, Paulo Francis, etc.). -ana, -ano: porcelana, pozolana, portulano, pantano, soprano, etc. -ela, -elo: bagatela, bambinelo, mortadela, saltarelo, modelo, etc. -eta, -eto: espineta, galetto, soneto, GAZETA (nome da moeda veneziana do valor do preço do jornal na época distribuído em Veneza, século XVI. Com o tempo, por contaminação, o termo se tornou o nome do próprio jornal). -esco: grotesco, pitoresco, cavalheresco, dantesco. (O termo dantesco é uma referência ao poeta Dante Alighieri (Florença, 1265 -

Ravenna, 1321), autor da Divina Comédia. A referência sempre faz recordar as terríveis descrições do inferno que o poeta faz, mas a Divina Comédia fala também do Purgatório e do Paraíso). -ina, -ino: cantina, cavatina, faxina, maestrina, serpentina, figurino, faquino, travertino, violino, etc. -im: talharim, trampolim, pasquim, etc. -ito. : gambito, granito, favorito, etc. -ola: barcaroala, caçarola, carriola, ventarola, etc. -ona: beladona, primadona, madona. (exemplos estes tirados de Ernesto C. Ribeiro (60) dos seus Serões Gramaticais (1956, pp. 218-219). -one: canelone, minestrone, provolone, trombone, etc. -ficio: panifício, lanifício, pastifício, vinifício, etc. -ífico: pacífico, lactífero, magnífico, etc Fala-nos Migliorini, In opus cit p. 673. : “Accanto ai vecchi vocaboli di lanificio, setificio, panificio, che dal significato astratto di “ arte di lavorare la lana, la seta, di fabbricare il pane” erano passati a quello concreto di “luogo dove se lavora la lana, las seta, si fabbrica il pane” si foggiano numerosi altri nomi specialmente in Lombardia: calzaturificio, canapificio, caseificio, cotonificio, etc. ”. -ista: marmista, propagandista, eletricista, etc. -tura: caricatura, miniatura, partitura, etc.

e)eria por aria: leiteria, marceneria, loteria, etc. A propósito de -eria por -aria diz Carolina Michaëlis de Vasconcelos (61) “ Por causa dessa origem estrangeira e da igual de loteria, e mais alguns derivados em eria, como tapeceria, os escritores antigos, e mesmo os clássicos, escreveram-nos sempre ou pelo menos de preferência com -eria=aria” (s/d. p. 317).

e) In=em. Na construção: éramos EM três (quando o correto em português seria: éramos três) aparece clara a influência do talian: érimi in trê. A preposição em é comum em frases que indicam companhia aqui em Santa Catarina. : éramos em muitos naquele passeio.

f) Ir na ao invés de ir a, ou ir em. : vou na cidade (por vou à cidade). Vou na companhia de você (ao invés de: vou em companhia de você). Nden in citá.

g) A em lugar de de. : l'é difícil a crederghe questo (é difícil de se crer nisto).

h) A colocação dos pronomes oblíquos é livre no talian. O pronome

me oblíquio pode até iniciar a frase. : Te lo giuro (juro-te); me piase sto vin (agrada-me este vinho).

i) Dentre os advérbios, citemos. : adagio, alla breve, allegro, agitato, da capo, etc.

“ E partiu Israel com tudo quanto tinha. . . ”

E nesta Santa Catarina, terra abençoada, chegaram legiões de italianos para construir pedaços da Itália. E estes pedaços de Itália se encheram de gente humilde, respeitosa, trabalhadora, visceralmente católica, caridosa para com os necessitados, de alma pura e cantante. E as colônias trabalhavam, suavam, riam, jogavam, cantavam e, sobretudo, rezavam; e os filhos dos imigrantes italianos fizeram amizade com os filhos da terra, e em pouco tempo pareciam estar em casa cantando o “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas”, e respondendo na escola ítalo-brasileira que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral. Mas os filhos dos imigrantes italianos, falando rápido, quase cantando, gesticulando muito, desnasalizando a língua portuguesa, criando nela termos sonoros, quase música aos ouvidos, nem desconfiaram que os filhos da terra falavam devagar, não tinham o hábito de gesticular falando, e aceitaram cheios de boa vontade as palavras que lhes recordavam trabalho, instrumentos de trabalho, comida, bebida, divertimento, arte; e os filhos da terra ainda meditavam os provérbios que lhes traduziam a filosofia de vida do louro ou bruno imigrante que trazia como símbolo de trabalho a enxada ao ombro. . . E que esforço sobre-humano do filho do imigrante italiano para aprender a língua portuguesa, penetrar-lhe a gramática, falá-la e escrevê-la corretamente a ponto de sabê-la melhor que muitos filhos da Nova Terra. E por quê? Porque era preciso, oportuno, na Nova Terra, vencer ou vencer.

Notas de fim

37. LAROUSSE CULTURAL (Grande Enciclopédia) Nova Cultural Ltda, 1998, verbete carbonarismo, p. 1160.
38. DANTE ALIGHIERI – La Divina Commedia, G. B. Paravia & C. Torino – 2ª Ristampa. 1921, Canto V. Inferno, v. 137. : “Galeotto fu il libro e chi lo scrisse!”
39. BERNARDI, A. – Nanetto Pipetta, 9ª ed. EST/CR/EDUCS, 1990, pp. 8-9.
40. CORREIO RIOGRANDENSE, Ano 96, nº4. 933, 20 de abril de 2005, p. 19.
41. GUSDORF, G. – La parole. Presses Universitaire du France, 1963, p. 78.
42. ARCAINI, E. – Principi di Linguistica Applicata (proposte per una glottodidattica scientifica: struttura- funzione-trasformazione, ed. Il Mulino, B ologna, 1967, p. 339.
43. SOUZA, Cláudio de. – “ Os estranageirismos em nosso teatro”. In Revistaz de Língua Portuguesa, 5, Rio de Janeiro, 1920, p. 118.
44. WILLIAMS, E. B. – Do latim ao Português, Ministério da Educ. e Cult. Instituto Nacional do Livro, 1961, pp. 25-26.
45. DALL’ALBA, J. L. Pe. – STIANNI IN COLONIA, Caxias do Sul-EDUCS-Lunazrdelli, Fpolis, 1986, pp. 54-55.
46. CALLAGE, R. – Vocabulário Gaúcho, s/ed. Porto Alegre, 1928, p. 104.
47. VICENZI, G. - Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902, Nicteroy, Typographia Amerino, 1904, pp. 43-44.
48. SEGATTA, G. -Piccola Trento d’Altre Tempi. (Figure e Volti). G. B. Monauni editore – Trento, 1965, pp. 21, 22, 23.
49. FETIS, F. J. & ALMEIDA, J. e. D’ – Dicionário de música, s/ed. Porto, 1858 s. v. cit. por Guérios in opus cit. nota 188.
50. GONÇALVES VIANA, A. Dos Reis - Apostilas II p. 191, Apud Guérios, opus cit. nota 197.
51. LIBERALI, R. d. Pe. - Tognò Brusafraati (Baure de dô compari) 3ª ed. ESTSL de Brindes, Caxias do Sul, 1981, pp. 55-56.
52. MAZURANA, V. Miragens e Fantasmas do Imigrante Italiano do Sul de Santa Catarina – tese de mestrado na UFSC, Fpolis, 1987pp. 30-31.
53. CURI, J. - Resta quá con noaltri. Editora da UFSC, Florianópolis, 1987, p. 16
54. POZENATTO. J. C. - A Cocanha – Editora Mercado Aberto Ltda. Porto Alegre, RS, 2000 p. 01.
55. DERETTI, M. – Apiúna nos meus apontamentos. In Blumenau em Cadernos, tomo

XXXII set. 1991, n^o9 pp. 281-282.

56. MARZANO, L. - *Coloni e Missionari Italiani nelle foreste del Brasile*, Tipografia Barbera, Firenze, 1904 pp. 114, s.

57. BENZ, G. "Carta de 15/10/1876." In *Blumenau em Cadernos*, tomo XXIX n^o 4 abril de 1988, p. 15.

58. DEEKE, J. - "Os botocudos do Rio Plate". In *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXIX, jan. 1988, ed. 372, pp. 17 à 25.

59. MALBERG, B. *La Phonétique*, ed. PUF. Paris, 1964, p. 15.

60. RIBEIRO, E. C. Dr. - *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa*, 6^a edição Livraria Progresso Editora – Salvador, Bahia, 1956, pp. 218-219.

61. MICHAËLIS, C. V. de- *Lições de Filologia Portuguesa*. Livraria Martins Fontes editora, s/d. p. 317. (sine l).

BIBLIOGRAFIA

ARCAINI, E. - *Principi di Linguistica Applicata*. (Proposte per una glottodidattica scientifica: struttura-funzione-trasformazione. Ed. Il Mulino, Bologna, Italia, 1967.

AULETE, C. - *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 5 vol. Ed. Delta S. A. Rio de Janeiro, 5^a ed. 1964.

BALDESSAR, Mons. Q. D. - *Imigrantes. (Sua História, Costumes e Tradições)*. Ed. do a. 1991.

BENZ, G. "Carta de 15/10/1876" In *Blumenau em Cadernos*, tomo XXIX, n^o 4. Abril de 1988.

BERNARDI, A. - *Nanetto Pipetta*, 9^a edição EST/CR/EDUCS, 1990.

BUENO, F. Da S. - "As influências italianas na fala de São Paulo". In *Jornal de Filologia*, I, N^o1 São Paulo, 1953.

CABRAL, O. R. - *Santa Catarina (história-evolução)*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1937.

CALLAGE, R. - *Vocabulário Gaúcho*, s/ed. Porto Alegre, 1928

CORREIO RIOGRANDENSE, Ano 96, n}4. 933, 20 abril de 2005.

CORRADIN, G. & CERRATO, A. Et al. ...E Cantavam. Ed. Meridional, EMMA, Porto Alegre, s/d.

COROMINAS, J. - *Breve Dicionario Etimológico de la Lengua Castellana*, ed. Credos, Madrid, 1961.

COSTA, H. R. da - "Genoveses no Brasil". In *Revista Genealógica Latina*, São Paulo, n^o 3. 1951.

- CURI, J. - Resata quá con noaltri. Editora da UFSC, Fpolis, 1987.
- Dll'ALBA, J. L. Pe. - Stianni in Colonia. Ed. EDUCS- Lunardelli, Fpolis, 1986.
- DANTE ALIGHIERI - La Divina Commedia. G. B. Paravia & C. Torino-2ª ristampa, 1921.
- DEEKE, J. "Os botocudos do Rio Plate". In Blumenau em Cadernos, tomo XXIX, nº 372, jan. 1988.
- DELISO, V. - Storia Dimenticata, ed. DC- Luzzatto, Porto Alegre, 1993.
- DERETTI, M. - " Apiúna nos meus apontamentos". In Blumenau em Cadernos, tomo XXXII, nº 9, set. 1991.
- DESTEFANI, F. - " Notícias históricas de Rodeio". In Vita Franciscana", nº2, Petrópolis, 1940.
- FABRE, A. NUEREMBERG, A. Et al. - Criciúma em Dados. Fund. Educ. De Criciúma, FUCRI, 1976.
- FETIS, F. J. & ALMEIDA, J. e. D' - Dicionário de Música. s/ed. Porto, Portugal, 1858.
- FINARDI, J. E. - Colonização Italiana de Ascurra (1876-1976). Ed. Gráfica 43 S/A Blumenau, SC 1976.
- GONÇALVES VIANA, A. Dos Reis - "Apostilas II".
- GROSSELLI, R. M. - Vincere o Morire (Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane). Litografia EFFE E ERRE, Trento, 1986.
- GUÉRIOS, R. M. - "Os empréstimos italianos na língua portuguesa", SEPARATA, ed. Bernasa, Rio de Janeiro, 1973.
- GUSDORF, G. - La Parole. Presses Universitaire du France, Paris, 1963.
- KERSKOVITS, M. J. - Antropologia Cultural (Man and his Work), Editora Mestree Jou, vol. 2º São Paulo, 1964.
- HOYBE, P. - "Quelques mots d'emprunt venant de l'Italie Septentrionale". In Memoriam KB Anfeld, Coimbra, Portugal, s/ed. 1951.
- KAHANE, H. R. - " Comment on Pizza". In Romance Philology, v. l6, l. 1962.
- KORTE, L. " Documento histórico" (Tradução do Padre Vitor Vicenzi). In Blumenau em Cadernos, l8, n}2, fev. De 1977.
- LAGO, P. F. - Santa Catarina, a terra, o homem e a economia. Ed. Imprensa Universitária, UFSC, Fpolis, 1966.
- LAROUSSE CULTURAL (Grande Enciclopédia), ed. Nova Cultural Ltda, R. 1998.
- LIBERALI, R. D. Pe. - Togno Brusafрати (Baure de do compari) 3ª ed. EST, Caxias do Sul RS 1981.

- MALBERG, B. - La Phonétique, ed. PUF, Paris, 1964
- MARZANO, L. - Coloni e Missionari Italiani nelle foreste del Brasile, Tipografia Barbera, Firenze, 1904.
- MAZURANA, V. Miragens e Fantasmas do Imigrante Italiano do Sul de Santa Catarina, Fpolis, SC 1987.
- MEYER-LÜBKE, W. - Romanisches Etymologisches Wörterbuch. Heidelberg, 1935.
- MICHAËLIS, C. V. de - Lições de Filologia Portuguesa, Livraria Martins Fontes Editora, s/d.
- MIGLIORINI, B. - "Italianismi accolti in altre lingue". In Storia della Lingua Italiana, 2ª ed. Firenze, 1962.
- NASCENTES, A. - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. Livraria Acadêmica, Rio, 1955
- PIAZZA, W.F. - Nova Trento - Ed. comemorativa do 75º aniversário da colonização Italiana : 1875-1950.
- PIAZZA, W.F. - A Colonização de Santa Catarina. Editora Pallotti, Porto Alegre RS 1982.
- PEDROTTI, G. - Vocabolario Dialettale degli Arnesi Rurali della Val d'Adige. Ed. Soc. per gli Studi Trentini, Trento, 1936
- POZENATTO, J. c. - A Cocanha. Ed. Mercado Aberto Ltda, Porto Alegre, RS 2000.
- REAL, R. M. - Dicionário de Belas Artes, 1 Rio 1962.
- RIBEIRO, E. C. Dr. - Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa, 6ª edição, Livraria Progresso - Salvador, BAHIA, 1956.
- RIBEIRO, J. - Dicionário Gramatical, 3ª ed. , 1906.
- ROSSI, G. - " Homenagem ao Dr. Blumenau". In Commemoração do 50º Aniversário da Fundação de Blumenau, 1850, 2 set. 1950. Blumenau, Typographia Baungarten, 1900.
- SACHET, C. & SACHET, S. - Santa Catarina 100 anos de História (O Livro), vol. 1 Editora Pallotti, Porto Alegre, RS 1997.
- SAN ISIDORO DE SEVILLA - Etymologias, Bibliot. De Autores Cristianos, Madrid MCMLL
- SANTANA, J. - Canções Itazianas, ed. da UFSC, Fpolis, SC 1982.
- SAPIR, e. - Lingüística como Ciência. Livraria Acadêmica, Rio, 1961.
- SAVOIA, CAV. (dei Principi) PIO de. - Boletim do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália, nº geral 207, série 16, set. de 1901.
- SEGATTA, G. - Piccola Trento d'Altri Giorni (figure e volti) G. B. Monauni e3d. Trento, 1965.

- SOUZA, C. De - "Os estrangeirismos em nosso teatro". In Revista de Língua Portuguesa, 5, Rio, 1920.
- STRINGARI, J. Pe. - Canhenho de Português, Livraria e ed. Salesiana, S. P. 1961
- STOER, h. (Pastor). - " O barracão dos Imigrantes em Blumenau". , In Blumenau em CADERNOS, XX BLC. Blumenau 20 (6) jun. 1979.
- TAGLIAVNI, C. - Glottologia. Casa Editrice R. Patrón. Bologna, It. 1963.
- VICENZI, G. - Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902. Nicteroy, Typographia Amerino, 1904.
- VICENZI, V. - História de Rio dos Cedros. Ed. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1975.
- WILLIAMS, E. B. - Do latim ao português, Minist. da Educ. Cult. . Int. Nac. do Livro, 1961.

Síntese Biográfica do autor



José Curi nasceu em Rio dos Cedros aos 15 de agosto de 1931. Estudou com os Salesianos de Ascurra, Lavrinhas, Pindamonhangaba e Lorena. É formado em Letras Neolatinas (bacharel e licenciado) e em Filosofia (bacharel). Tem curso de pós-graduação em Linguística. É Doutor em Letras e Livre Docente em Linguística. Professor da UFSC (Filologia Românica), aposentado. Além de pertencer à Academia Catarinense de Letras, pertence à Academia de Filosofia de SC, ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. É acadêmico correspondente da Academia Belles-Lettres, Sciences et Arts de La Rochelle, França.

Poliglota fala e escreve em várias línguas, e embora sua produção científica se restrinja a revistas especializadas, dele podemos ler: Juca Jacu & Cia (1979); Cassoga Capital Cassoga (1982); Traze-me o Girassol (1982); Curso de Italiano para Brasileiros (4ª. ed. em 2001); Raconti de Rio Cedro (1984); Resta quà con Noaltri (1987); Espanhol para brasileiros (1994). Dúvidas de português? Acabe com elas, (2ª ed. 2005).

Este estudo lingüístico- etnográfico obteve o 3º lugar no II Concurso Estadual de Monografias Oswaldo Rodrigues Cabral, edição 1997-Fpolis, 29/6/1998.

Para ser italiano

Caroline Jaques Cubas*

Artigos

Sentidos da comemoração do centenário de imigração italiana em Nova Trento, 1975

Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.¹

O ano de 1975 foi peculiar para Nova Trento. Jornais da época divulgavam a *feira* que vinha sendo preparada para comemorar o Centenário de Imigração Italiana para o Brasil². Nesta *feira*, as características atribuídas aos imigrantes passavam a ser exaltadas como auxiliadoras na construção da *grandeza*³ do estado catarinense. O termo *feira* pode ter vários significados. Rita Amaral, em sua tese de doutoramento sobre os sentidos do festejar no Brasil, propõe, como uma das alternativas possíveis, interpretar o termo *feira* como uma *cerimônia para reavivar os laços sociais que correm, sempre, o risco de se desfazerem*.⁴ Maria Bernardete Ramos Flores vê nas feiras uma possibilidade de reforçar laços e reafirmar identidades⁵. No entanto, é Flores também que chama a atenção para a participação da coletividade como uma caracterização de *feira*: *As feiras, de maneira geral, caracterizam-se pela repetição, pela sua particularidade em reunir a coletividade, pelo momento de exacer-*



*Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

bação social.⁶ No caso do centenário, é preciso, portanto, ponderar o uso deste termo, uma vez que foi um acontecimento único - não se repetiu - e a participação popular, ao longo deste artigo, será questionada. O mais apropriado, a partir destas reflexões, é referir-se ao centenário como uma comemoração, uma vez que, de acordo com o dicionário, comemoração implica em trazer à memória, fazer recordar e lembrar.⁷

Podemos perceber, através da leitura de alguns jornais de 1975, que houve grande expectativa (por parte de instituições governamentais, principalmente das prefeituras de Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros) a respeito desta comemoração. Em Nova Trento, por exemplo, os preparativos foram iniciados com um ano de antecedência.⁸ A promessa de estímulo e participação direta de instituições sediadas na Itália foram o respaldo necessário para a iniciativa de trazer à tona práticas e representações culturais, tidas como o espólio dos ancestrais que imigraram no final do século XIX, e que estavam parcialmente adormecidas. Para isso, a partir de 1975, estabeleceram-se vínculos com pessoas e organizações - governamentais ou não - italianas, organizaram-se associações culturais, promoveram-se eventos, festas e gincanas de cunho étnico, articularam-se viagens e intercâmbios com fins turísticos, didáticos e de reaproximação com possíveis familiares, agências italianas financiaram a produção de mercadorias *típicas* (queijos e vinho) e, além disso, o idioma italiano foi sendo aos poucos introduzido na matriz curricular das escolas da cidade. Todas estas ações voltadas para um cultivo ou revitalização da *identidade italiana*.

A questão das identidades está intrinsecamente ligada ao conceito de alteridade, de diferença e do reconhecimento dessas diferenças. Pierre Bourdieu aponta que *existir não é somente ser diferente mas também ser reconhecido legitimamente diferente*⁹. Podemos afirmar que a identidade de um certo grupo é formada através de elementos que possibilitem o auto-reconhecimento deste grupo e que permitam aos *diferentes* reconhecê-lo como tal. Fredrik Barth, ao falar sobre identidades étnicas afirma que as *características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças objetivas, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes*¹⁰.

Há ainda um outro aspecto que auxilia na definição das identidades: o aspecto territorial. Neste sentido, Nestor Garcia Canclini afirma que:

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma

*entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável (...). Aqueles que não compartilham constantemente esse território, nem o habitam, nem têm, portanto os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes, são os outros, os diferentes.*¹¹

É claro que nenhum dos elementos acima citados, isoladamente, chega a ser definidor. Entretanto, a junção de vários deles possibilita a composição de uma identidade para determinado grupo. No caso de Nova Trento, os elementos *festejados* durante as comemorações do centenário atuaram como respaldo para a reelaboração de uma identidade – a partir da qual ela passasse a ser conhecida exteriormente – para a cidade.

Podemos afirmar então, acerca das comemorações do centenário, que elas auxiliaram nesta reelaboração, construção ou até mesmo na invenção de uma tradição italiana para a cidade. A construção de identidades através da invenção de uma tradição pode ser compreendida se partimos do princípio de que as identidades não são o resultado de heranças culturais homogêneas, mas de uma invenção ou reelaboração contínua de traços culturais. Segundo Manuela Carneiro da Cunha a construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição ,elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados seu sentido se alterou¹².

Dentro deste aspecto, podemos fazer um paralelo com a reflexão de José Roberto Severino acerca da consolidação da cultura açoriana como marca de sucesso da Marejada. A Marejada é a *Festa Portuguesa e do Pescado* realizada anualmente em Itajaí, SC, sempre no mês de outubro. A comemoração homenageia a cultura açoriana atribuída ao município. Todavia, segundo Severino, esta cultura açoriana é discutível, uma vez que a contribuição de outras etnias, como a italiana e a alemã, as quais são visíveis ao longo das ruas itajaienses (estilos arquitetônicos, nomenclatura de ruas) foram deixadas de lado em prol da solução de dificuldades políticas e econômicas. A consolidação da cultura açoriana e de uma festa do pescado impulsionaria as atividades pesqueiras que passavam por uma crise e, conseqüentemente, influenciavam as atividades e estabilidade do Porto de Itajaí. Por este motivo, de acordo com o autor *Tornava-se necessário ter uma origem, uma tradição a ser exaltada. Nem que se tivesse que literalmente inventar no presente*

representações de um passado para a cidade¹³. E Nova Trento, mesmo que por motivos diferentes do caso itajaiense, precisava da tradição. Precisava de elementos que dessem visibilidade ao município perante outras cidades do país e que possibilitassem o desenvolvimento econômico, um pouco anestesiado durante as décadas que sucederam a Segunda Grande Guerra e a Campanha de Nacionalização.

Voltando às comemorações do centenário, no dia 22 de julho de 1975 um dos jornais mais influentes do Estado, o Jornal de Santa Catarina, publicou uma grande-reportagem ilustrada sob o título: *Nova Trento comemora 100 anos de imigração italiana e quer renascer*¹⁴. Já no primeiro parágrafo da reportagem podemos encontrar quais as maiores necessidades do município na época:

*O renascimento de uma cidade que já teve importância na história do passado, é a necessidade maior e atual do município de Nova Trento. Esta ânsia de crescer e se integrar adequadamente ao desenvolvimento do estado e, conseqüentemente, do país, é o desejo de seu povo e a aspiração das autoridades municipais, reafirmadas durante a comemoração do Centenário de Colonização Italiana no município.*¹⁵

A matéria segue narrando o cronograma das festividades, dedica espaço à delegação italiana que veio visitar o Estado, faz inúmeras referências ao discurso do então governador indicado pelo governo militar, Antônio Carlos Konder Reis, e termina por descrever as futuras melhorias prometidas para o município. As comemorações duraram oito dias e nove noites (de 18/07/1975 a 27/07/1975) e, durante estes, houve apresentações de dança, de corais, da Banda Padre Sabatini e dos alunos da Escola Francisco Mazzola entre outras. O ápice das festividades foi, entretanto, no sábado (19/07/1975) com a chegada da delegação de autoridades da Província de Trento, da Itália e no domingo (20/07/1975) com a visita do governador Konder Reis. O discurso do governador destacou aspectos como a fé e a *democracia social e racial amparada pela revolução de 1964*¹⁶ como sendo características do município de Nova Trento. Entretanto, o ponto que obteve maior destaque na reportagem foi a promessa de melhorias para o município e que essas seriam iniciadas pela construção de uma estrada asfaltada que ligaria Nova Trento à BR-101 através de São João Batista. A comemoração do Centenário atuou como respaldo para todas estas promessas de melhorias.

Percebe-se claramente que no ano de 1975 houve modificações nas representações e discursos sobre a cidade de Nova Trento. Muito se falou em imigração italiana, em comemoração do Centenário e em um possível olhar do governo italiano para os descendentes em outros países. O fato de *ser italiano* voltava à tona como um elemento a ser comemorado e institucionalizado.

A preocupação maior dos membros da comissão responsável pelos preparativos da comemoração em Nova Trento, de acordo com o *Jornal de Santa Catarina*, foi a de *conscientizar a população da importância da comemoração do centenário e do possível benefício que ela traria ao município*.¹⁷ Para isso, o prefeito Eurides Battisti pediu à população que colaborasse consertando as calçadas, construindo muros, pintando as casas e embelezando os jardins defronte às residências, para que os visitantes tivessem uma boa impressão da cidade. Neste sentido, se havia a preocupação em *conscientizar a população da importância da comemoração* e se o poder público “pediu” pelo aformoseamento da cidade podemos deduzir que, provavelmente, a iniciativa de comemorar o centenário não partiu desta mesma população. Essas comemorações, segundo o jornal, foram interpretadas para grande parte de população, como renascimento cultural (por fazer referências as “tradições italianas”) e político-econômico (pelas melhorias prometidas para a cidade pelo governo estadual a partir de então). *O povo não desprezou as últimas oportunidades para comentários a respeito do renascimento da cidade que viveu oito dias sob clima de festa*, dizia o *Jornal de Santa Catarina* de 29/07/1975.¹⁸ Entretanto, antes de falar em um possível *renascimento* é necessário discutir o que estava sendo comemorado. O que, afinal, estava *renascendo*? Qual tradição estava sendo comemorada?

Canclini, ao falar sobre os territórios de identidade afirma que esta, quando posta em cena é celebrada em festas e *dramatizada* – grifo meu – nos rituais cotidianos.¹⁹ Kathryn Woodward afirma que *uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo aos antecedentes históricos*.²⁰ Vejamos, então, quais os antecedentes históricos de Nova Trento:

A vinda dos imigrantes para o Brasil veio atender às necessidades dos dois lados do Atlântico. Por um lado, o capitalismo europeu estava se reorganizando e, ao mesmo tempo a Itália atravessava uma forte crise e,

por outro, o Brasil demonstrava necessidade de ter essas populações *brancas e trabalhadoras* em seu território.

Sobre o processo de imigração italiana para o Brasil, Renzo M. Grosseli²¹ desenvolveu um extenso trabalho de pesquisa. A obra “Vencer ou morrer” relata, através de fontes orais, documentos oficiais, cartas e jornais, a imigração de trentinos, vênnetos e lombardos para SC. A primeira parte do trabalho é dedicada à situação dos italianos ainda em solo europeu. Descreve problemas econômicos, políticos e sociais e elucida a difícil situação dos imigrantes trentinos que pertenciam a uma etnia italiana, entretanto viviam em solo alemão. O fato é que o a região do Trentino Alto-Ádige (Províncias de Trento e Bolzano) pertencia ao Império Austro-Húngaro, o qual estava permanentemente envolvido em guerras e conflitos. Esta situação se transformou somente pelo Tratado de paz de Saint-Germain, assinado em 10 de setembro de 1919. Este tratado, firmado no final da Primeira Guerra Mundial entre as potências aliadas e associadas de um lado e a Áustria de outro, retirava todos os direitos austríacos sobre os territórios situados fora da nova fronteira estabelecida. O tratado entrou em vigor em 16 de julho de 1920.²²

Em um segundo momento, Grosseli aborda o *êxodo* dos italianos/trentinos em direção ao Brasil. Discute os motivos que levaram à imigração, as primeiras expedições, a atuação da propaganda e, principalmente, os contratos firmados com o governo brasileiro. Entre eles podemos citar o Contrato Caetano Pinto, onde se estabelecia que viriam, em dez anos, 100.000 imigrantes ao Brasil. A particularidade deste contrato foi o fato de que o imigrante não precisava desembolsar o montante referente à viagem, o que precipitou e aumentou as filas de imigrantes a partir de 1875.

Na terceira e última parte o autor narra os italianos no Brasil. Comenta sobre suas surpresas, dificuldades e o que encontraram ou deixaram de encontrar em terras americanas. Restringe-se, por fim, a descrever as colônias de Blumenau e Itajaí-Príncipe Dom Pedro, os contratemplos de se viver em meio à floresta, a relação com os *bugres*, e as maneiras encontradas para a manutenção e adequação do credo católico e dos costumes trazidos durante a viagem. Segundo Grosseli, frente às dificuldades encontradas na Itália *o camponês trentino encontrou uma solução camponesa: Não (...) procurou mudar a sociedade, mas mudou de sociedade.*²³

A cidade de Nova Trento, apesar da presença de outras etnias como a alemã e polonesa, construiu-se, conforme é demonstrado nos livros de registro de casamentos em Nova Trento (1882-1887 e 1904-1911)²⁴, sob forte influência dos imigrantes trentinos, e a necessidade de restabelecer uma identidade cultural pode ser interpretada de inúmeras formas. Entretanto, um paralelo com a *invenção de tradições* é possível na medida em que nem todos os elementos que compõem o que foi festejado como tipicamente italiano, ou melhor, trentino, vieram na bagagem daqueles que para cá imigraram a partir de 1875. Algumas danças, roupas e canções não fazem parte de cultura trentina mas foram assimiladas como tal em um momento em que eram indispensáveis para a reelaboração de uma identidade italiana a ser exaltada na cidade. Por exemplo: A *Tarantela* é uma dança festejada e sempre presente nas comemorações realizadas em Nova Trento, entretanto, não é uma dança trentina e sim napolitana. O famoso molho *bolonhesa* está presente em todos os cardápios de qualquer restaurante que sustente a caracterização de *tipicamente italiano* em Nova Trento, porém, como se percebe pelo próprio nome, ele vem de Bolonha. E não foram apenas os elementos característicos da Itália – mesmo fragmentada – que foram assimilados como tal. A mandioca é uma raiz que os trentinos só vieram a conhecer em terras brasileiras, mas, frente às dificuldades dos primeiros anos no Brasil, ela acabou por ser incorporada ao cardápio vendido como *italiano*.

Maria Bernardete Ramos Flores, em seu estudo sobre a Oktoberfest na cidade de Blumenau, aponta que:

*...a criação de novos imaginários lida com a história, a memória e imaginários antigos. Estes fenômenos são húmus que aduba a terra, na qual é possível criar processos culturais novos que de alguma forma têm estabelecido conexões com o passado.*²⁵

Quando falamos em invenção ou em reelaboração de tradições, não temos por objetivo tornar ilegítimo aquilo que foi comemorado e exaltado a partir do Centenário de Imigração. Ressaltamos, no entanto, a necessidade de uma reflexão mais elaborada acerca destes elementos que compõem o que atualmente chamamos de tradição ou identidade italiana. A comida, saboreada em jantares e almoços, é um exemplo pois, como foi dito acima, incorporou vários elementos encontrados em terras brasileiras.

*Aos poucos, a partir de seu habitus, os colonos criaram condições de sobrevivência transformando o ambiente hostil em civilizado*²⁶. E os alguns dos elementos, hostilizados a princípio, acabaram sendo englobados nas *artes de fazer* desses imigrantes. Eles aprenderam a utilizar a ordem imposta e, de acordo com Michel de Certeau²⁷, sem sair do lugar onde tiveram que viver e que lhes impunha uma lei, eles instauraram pluralidade e certa criatividade. Tiraram efeitos imprevistos daquilo que, a princípio, não conheciam.

O Centenário da Imigração Italiana para o Brasil foi comemorado no ano de 1975 e, ao contrário do que possa parecer, após esta data a retomada (reelaboração) da italianidade voltou a adormecer. O governo Italiano, talvez pelo fato de a Itália não estar completamente reestruturada, não delegou a *atenção* previamente prometida. As entidades esperadas não foram estabelecidas ou institucionalizadas. Não é possível pontuar exatamente os motivos pelos quais o processo de reelaboração da identidade italiana, com o fim das comemorações do centenário, se estagnou, parou temporariamente. Tal fato mereceria um estudo direcionado e, por enquanto nos é possível apenas conjecturar. A única certeza que temos é que há um hiato de, em média, 10 anos entre 1975 – comemoração do centenário – e a metade da década de 1980, quando as reflexões em torno da italianidade foram retomadas.

Adiles Savoldi ressalta, em entrevista realizada com Roselys C. dos Santos que:

*... em 1980 inicia o IVRAL – Instituto Veneto per rapporto dell'arie lontane – (Instituto Veneto para o relacionamento das áreas distantes) com o objetivo de chegar até os seus descendentes. Este instituto começa a patrocinar viagens de descendentes para a Itália. Pagavam uma pequena parcela. Lá eles ficavam 15 dias viajando por conta da região. Isso durou até 1994.*²⁸

Em relação à cidade de Nova Trento temos, em 13 de março de 1985 a fundação do Circulo Trentino da cidade. Entre seus principais objetivos destacavam-se:

- Representar a comunidade neotrentina perante as autoridades, entidades e comunidades de Trento, Itália.
- Promover, manter e incentivar o intercâmbio cultural, científico e artístico com a Província Autônoma de Trento, com suas cidades, especialmente Trento, sua capital, donde vieram os antepassados do povo de Nova Trento;

- Promover, manter e incentivar, por todos os meios a preservação das tradições, costumes, usos e festas dos antepassados e, sobretudo, o ensino e cultivo da língua italiana e dialeto trentino.²⁹

Em 1987, este mesmo *Círculo* propiciou a ida de três jovens neotrentinos para Trento com a finalidade de, através de cursos, desenvolverem conhecimentos na área de Zootecnia, Viticultura e Fruticultura. Possibilitou também a ida de vários outros jovens para um intercâmbio cultural de 30 dias em Trento. Nesta época, o *Círculo* funcionava em sede própria, com uma biblioteca aberta ao público porém, atualmente, ele não dispõe mais desta sede. Segundo Agostinho Orsi, vice-presidente do *Círculo* em entrevista para o site da cidade, o projeto para a construção de uma nova sede já foi encaminhado e a planta de construção, já elaborada, foi enviada para a Itália e muito bem recebida.

Segundo Cadorin³⁰, foi também da diretoria do *Círculo* a idéia de organizar uma festa de *tradições italianas* denominada *Incanto Trentino*, que teve sua primeira edição de 14 a 16 de outubro de 1988.

De acordo com os objetivos do *Círculo* podemos perceber que o conceito de tradição e cultura que exaltavam era aquela estática. *Preservar*, de acordo com o dicionário é o mesmo que *livrar de algum mal ou dano, livrar, resguardar*³¹. Quando falam em *preservar* tradições, costumes, usos e festas querem afirmar que as práticas dos imigrantes trentinos em terras brasileiras foram, e precisam continuar sendo, efetuadas da mesma forma como faziam na Itália. Descartam, destarte, todos os elementos incorporados em solo brasileiro e consideram que as adequações e transformações que aconteceram – e acontecem constantemente – são maléficas para a almejada *cultura italiana* de Nova Trento.

Muito se ouviu falar em Nova Trento no decorrer dos últimos anos. O município vem gradativamente ganhando espaço na mídia devido à canonização de Madre Paulina e pelo fato de estar se tornando um pólo no turismo religioso do país. Entretanto, as características “tipicamente italianas”, às quais a imagem da cidade é associada, vêm, nos últimos anos, se apresentando como um amplo campo de pesquisa. Festas, corais, grupos folclóricos, gincanas e a inauguração de restaurantes e cantinas são alguns dos fatores que auxiliam na promoção da cultura italiana do município. Muitos dos neotrentinos descendentes daqueles que vieram ao Brasil a par-

tir de 1875 se definem como italianos e, deste modo, se diferenciam dos *brasiliani* não descendentes.

Este processo, entretanto, é um tanto quanto recente. Ao andarmos pelas ruas da cidade e conversarmos com as pessoas, percebemos que sentem, às vezes, um certo orgulho pelo fato de se considerarem *italianos*. Sabemos, porém, que durante um determinado período este orgulho não pode ser manifestado e foi muitas vezes permutado por sentimentos confusos, onde a vergonha, o medo, a inveja e a admiração pelo *outro* se mesclavam.³² Isto fez com que as gerações vindouras não fossem familiarizadas com a cultura italiana, até estão passada de geração para geração.

Eis a importância de se discutir os elementos que fomentaram a reelaboração de uma identidade italiana (ou italianidade) no município de Nova Trento tomando por base o ano de 1975, quando foi comemorado o centenário da imigração italiana para o Brasil, e compreender, desta forma, os meios através dos quais esta vem sendo reinventada até os dias de hoje.

Notas de fim

² O Jornal de Santa Catarina publicou, na semana de 01-07/01/1975 três matérias sobre o centenário fazendo alusão ao termo festa: “Imigração italiana: festa começa hoje”; “Apesar da chuva Rio dos Cedros amanheceu colorida: era a festa do centenário da imigração”; “Festa de imigração italiana continua em Rodeio e Rio dos Cedros”.

³ *idem*.

⁴ AMARAL, Rita. *Festa a Brasileira: sentidos de festejar no país que “não é sério”*. São Paulo: USP, 1998. Tese de doutoramento defendida junto ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível no site www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html.

⁵ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *OKTOBERFEST: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

⁶ *Idem, ibidem*. p.42.

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.131.

⁸ Nova Trento se enfeita para o Centenário de Imigração Italiana. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 13 e 14/07/1975. p.04.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p.139.

¹⁰POUTIGNAC, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade* (seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth). São Paulo: Paz e terra, 1998. p.194.

¹¹CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP, 1998. p.190.

¹²CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*. In *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.101.

¹³SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Editora da Univali, 1999.p.51.

¹⁴Nova Trento comemora 100 anos de imigração italiana e quer renascer. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 22 de jul. 1975. p.04.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem

¹⁷Nova Trento se enfeita para o Centenário de Imigração Italiana. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 13 e 14/07/1975. p.04.

¹⁸ Neotrentinos encerram os oito dias de festejos. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 29 de jul.de 1975.p.04.

¹⁹CANCLINI, Néstor Garcia. Op. Cit.

²⁰WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.11.

²¹GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

²²CF. SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de mestrado em Antropologia Social.

²³GROSSELLI, Renzo Maria. Op. Cit. P.17.

²⁴ Livros de registro de casamentos em Nova Trento (1882-1887 e 1904-1911). Arquivo da Mitra Diocesana de Florianópolis. Disponível no site www.blumenau.zaz.com.br/trento/sn-ntrcas1882.htm, acessado em 19/11/2002.

²⁵FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. Cit. p.41.

²⁶MOSER, Anita. Op. Cit. P.33.

²⁷ Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001.

²⁸ SAVOLDI, Adiles. op.cit.

²⁹ *Jornal da Emancipação Política*, edição comemorativa, 08/08/1985. Apud CADORIN, Jonas. Op. Cit. P.208.

³⁰ Idem, *Ibidem*.

³¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985, p.382.

³² Refiro-me aqui ao Estado Novo de Vargas, onde qualquer manifestação de cultura estrangeira era motivo para prisões e/ou humilhações. Em relação à campanha de nacionalização em SC ver FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra interna in BRANCHER, Ana (org). *História de Santa Catarina (estudos contemporâneos)*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

Bibliografia:

AMARAL, Rita. *Festa a Brasileira: sentidos de festejar no país que “não é sério”*. São Paulo: USP, 1998. Tese de doutoramento defendida junto ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível no site www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP, 1998

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *OKTOBERFEST: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade: da cultura residual mas irreductível*. In *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1987.

POUTIGNAC, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade (seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth)*. São Paulo: Paz e terra, 1998.

SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de mestrado em Antropologia Social.

SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Bom de bola e de texto

Gervásio Tessaleno Luz¹

Esporte & Lazer

Era um craque em dois campos: o do futebol e o da crônica esportiva. Aurélio Sada, o Sadinha, que nos deixou dias atrás, jogou pelo Palmeiras e escrevia no diário A Nação.

Mesmo os não-fanáticos pelo esporte bretão, liam, com prazer, sua coluna. Levou o humorismo ao terreno árido do comentário pebolístico. Lembrava, pela fina ironia, Stanislaw Ponte Preta, de quem era fã.

Seus trocadilhos (era mestre!) deixam saudades. Conversávamos numa esquina quando surgiu Alcides Machado, o alfaiate elegante. Para provocá-lo, disparei:

- Alcides faz ternos a machado.

Contestou:

- Absolutamente. Não vês o nome da alfaiataria dele? Capri. É que ele faz *caprichosa*mente as confecções.

Observador atento, passou-me estes episódios:

- Antigo comentarista de uma rádio blumenauense, depois dedicado à política, registrou o nascimento de outra filha de um amigo, mui



¹ Professor, escritor. O autor publicou este texto na edição de 28 de junho de 2005, no Jornal de Santa Catarina.

estimado, terminando por dizer: “Ao fulano de tal, nossos cumprimentos pelo nascimento de sua terceira *rebenta*”.

- Essa ficou famosa aqui na praça. Há muitos anos, jogavam duas equipes da 2ª Divisão da Liga Blumenauense de Futebol naquela beleza de praça de esporte que era da extinta Empresa Industrial Garcia. Em dado momento da partida, a bola saiu do campo, quando o narrador da mais antiga emissora da cidade falou: “A bola se perde pelo lado das gerais. Aliás, os dois lados aqui são laterais, porque o estádio não tem arquibancada.”

- Durante certo tempo, andei à cata de súmulas de jogos arquivadas na LBF para ver o que declaravam os juízes representantes da entidade no preenchimento das mesas. Numa dessas súmulas, no espaço destinado às declarações do árbitro, que dirigia uma pelada sem qualquer incidente, estava escrito: “Não houve *nada de normal*”.

- Este jogo teve até bola quadrada, como diria o meu amigo Mano Jango (João Vieira).



Palmeiras Esporte Clube: Da esquerda para a direita em pé - Adalberto – Augusto – Osni – Nelsinho – Antoninho e Ludin. Agachados: Jonas – Nadinho - Teixeira – Sadinha e Marzinho.

“Matando saudades”

Aurélio Sada²

Esporte & Lazer

Um “BRA-BLU” em
1930¹

Extraída da edição de 10 de janeiro de 1950 do jornal A Nação, merece constar de “Blumenau em Cadernos”, pelo aspecto interessante do relato, a seguinte matéria de autoria de Heitor Ferraz sobre um dos muitos clássicos do futebol do passado de que participou com a camisa do Brasil, lá por 1930, quando tinha cerca de uma década a rivalidade entre os clubes mais populares da cidade:

“Ano de 1930, jogo do Blumenauense x Brasil. O campo está cheio, não sei se é na Sociedade de Ginástica ou na Rua das Palmeiras, tem tanta gente que eu não posso ver. Os segundos quadros terminaram de jogar, e agora vêm eles, os bichões dos primeiros.

É agora. Lá vêm Weege I; Weege II, Emílio; Heitor, Natal, Marquardt; Mário, André, Aristeu, Probst, Patesko. Brasil! Brasil!

Lá vêm Koenig; Schadrack, Kilwagen; Wehmuth, Menny e Werner; Mayer, Meisner, Guido, Pedrinho, Kapp. Blumenauense! Blumenauense!



¹ Velha crônica de Heitor Ferraz.

² Este nosso colaborador faleceu em 16 de junho de 2005.

Uma nuvem apaga o campo, de repente.

Bate-bola. O juiz chama e os vinte e dois se alinham. Aristeu dá o pontapé que põe tudo em movimento. Meny pula em cima da bola. Começa a disparada, arremessos, recuos, esbarrões.

André chuta alto, Mário recolhe e atira, mas Koenig salta e abraça. Blumenauense, Blumenauense, Blumenauense!

Meisner serve Kapp e este procura a área, mas Weege alivia. Natal atrapalha, Patesko raspa, Pedrinho entra, manda rasteiro e Weege engole a bola.

Blumenauense 1 x Brasil 0.

A bola vai ao centro. Blumenauense, Blumenauense!

O barulho é tão grande que ninguém escuta. O jogo continua quente.

Palmas, com as mãos e os sapatos, brados, guinchos, assovios, delírios. Os corações estão todos off-side. Intervalo.

O segundo tempo muda o jogo, mas os gestos e as palavras são os mesmos, e o resultado é outro. Brasil, Brasil, Brasil!

O resultado foi de 2 x 1. Os nomes dos clubes e dos jogadores esparramam-se no ar, como confétis sincronizados. O onze vencedor sai arfando, capengando, suando e sorrindo. Um apanha a bola esquecida no chão e leva-a debaixo do braço. Ninguém se importa com a bola. Entretanto, se não fosse a bola, não haveria futebol ”.

Friedenreich em Blumenau (1941)

Aurélio Sada¹

Esporte & Lazer

Torcedores ouvem
de El Tigre
a verdade: não é
catarinense

A edição de Cidade de Blumenau de 24 de maio de 1941, quando tinha Antônio M. Bertoli e João Vieira a dirigir a seção de esportes, trouxe em uma de suas (poucas) páginas, escrito de Luiz Reis intitulado Conversando com “El Tigre”, numa ocasião em que o paulista Arthur Friedenreich, de todos o maior atacante do futebol brasileiro do passado, visitava Blumenau, além de outras cidades do Estado, desfazendo aqui, ele próprio, a persistente “verdade” de que era filho de Santa Catarina.

Nome de larga projeção no futebol mundial, como um de seus mais habilidosos e terríveis goleadores de todos os tempos, entre outros detalhes, citou Fried um fato verdadeiramente impressionante, ocorrido no único jogo perdido pelo extinto Paulistano, ao efetuar longo giro pelos gramados da Europa, onde perdeu só uma vez (Oxl), na França: somente na primeira fase foram marcados 35 escanteios contra o time local da Sete, número jamais registrado em futebol. E nada de bola entrar, para pelo menos igualar a contagem e manter a invencibilidade paulista no Velho Mundo.



¹ Colaborador da Revista.



Id: 428257. Agencia DIV. Data Evento: 20/01/1969. Reprodução Reich2 S3 ARQUIVO - 20.01.1969. ESPORTES JT – FUTEBOL – FRIEDENREICH ARTHUR FREIDENREICH com o time paulistano - Produção foto PB.

Se Friedenreich, convidado pelo presidente da Liga Blumenauense de Desportos, apitou mesmo a partida entre Brasil e Amazonas, valendo para o turno do 1º campeonato organizado pela entidade dirigida por Alfredo Campos, nada se soube pela imprensa, recebendo o antigo e famoso dianteiro inúmeras demonstrações de apreço e admiração durante sua permanência na cidade, onde esteve para tomar conhecimento de outros detalhes de suas raízes familiares.

Há pouco menos de 64 anos daquele momento histórico para Blumenau esportiva, vale transcrever a matéria redigida pelo saudoso Luiz Reis sobre revelações feitas por Fried, quando o Café Pinguim era o ponto de convergência de torcedores apaixonados pelo futebol, dados a fococas ou coisas sérias.

35 ESCANTEIOS

“Com grande contentamento, fomos encontrar Arthur Friedenreich

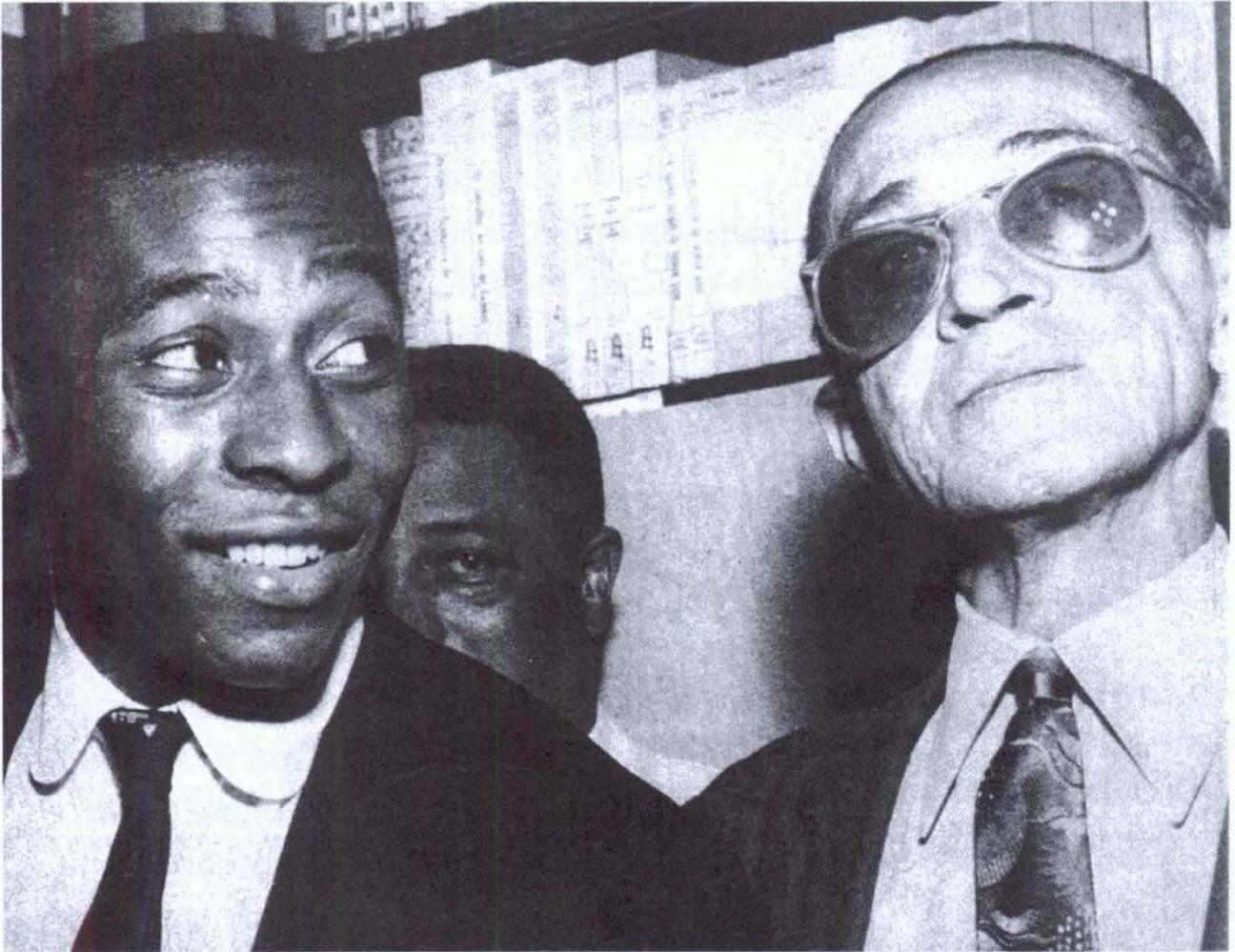
no Café Pingüim, tarde de 4^a feira, cercado de uma roda de desportistas locais que, por vez, trocavam uma extensa rodada de “duplos” deliciosos da Antártica Paulista (não é reclame). Depois de um pequeno reconhecimento de terreno, avançamos e tomamos parte ativa na “blitzkrieg” Antártica, ao mesmo tempo que assestavamos as nossas baterias auditivas em direção ao rei do futebol, que, com sua jovialidade e simpatia, era, naturalmente, o centro de atração daquele círculo.

Fried, amavelmente, respondia perguntas incessantes que de todos os lados lhe endereçavam, já a serviço profissional, em Blumenau, a qual a primeira vez visita. Falou de família, de seus parentes aqui, os quais tinha vontade de conhecer pessoalmente, e os catarinenses ficaram um tanto desconsolados em saber que contrariamente ao que se propala, “El Tigre” não é barriga-verde, mas sim paulista. Seu avô, porém, foi um dos fundadores da comunidade blumenauense e seu pai é nosso conterrâneo. Depois, chegou a vez dele falar alguma coisa da sua extraordinária e inigualável carreira futebolística.

Modestamente, Friedenreich falou como ocorreu o lance que deu a vitória aos brasileiros, no célebre campeonato sul-americano de 1921. Atribuiu ao não menos famoso Neco o mérito desse grandioso feito, explicando: Neco, de posse do couro, no campo uruguaio, driblou dois adversários e atirou em gol. A bola bateu na trave, voltou ao gramado e Varela, o grande beque uruguaio, cabeceou, mas Fried investe e impedindo a ação daquele zagueiro, coloca a pelota no canto esquerdo da meta dos nossos terríveis competidores, conquistando assim o único tento daquele memorável match. Fried diz que, depois de Scarone, Neco foi o melhor atacante que conheceu.

Jornada gloriosa do Paulistano, na Europa. Vitórias consecutivas.

A única derrota, frente ao Sete, o grande craque acentua que não costuma apresentar desculpas para os insucessos dos jogos em que atuou, mas, a uma pergunta curiosa, responde que como é freqüente em futebol, a célebre vitória do clube francês foi, a seu ver, uma dessas fatalidades da sorte. Adversário inferior, mas entusiasta. Campo diminuto e coberto de neve, que abundantemente caía na ocasião. Logo de início, os franceses atacam e a pelota, interceptada por Barthô, “espirra” no pé deste e vai



Id: 428259. Agencia DIV. Data Evento: 08/09/1969. descrição: Reprodução Reich4 S3 ARQUIVO - 08/09/1969. ESPORTES JT - FUTEBOL - FRIEDENREICH ARTHUR FRIEDENREICH com Pelé - Produção Foto PB.

aninhar-se na rede, desarmando Nestor. Depois desse feito, os europeus colocam-se inteiramente na defesa, anulando todos os ataques dos brasileiros.

Trinta e cinco escanteios, só no primeiro tempo (coisa nunca vista em futebol) foram consignados contra o Sete, nesse jogo. Mas o Paulistano caiu vencido pela contagem mínima.

Falou-se na decadência do nosso futebol. Arthur Friedenreich, como pudemos observar, não se sente bem em tocar neste assunto. Revela que foi um dos fundadores da Liga de profissionais em São Paulo, mas visava uma outra finalidade que não a do simples mercantilismo.

A preciosa palestra ainda continua, cheia de evocações dos áureos tempos em que Fried e seus comandados faziam todas as nações do mundo curvarem-se ante o Brasil, nos campos de futebol, tornando a nossa terra

melhor conhecida lá fora.

Por último, deu a todos nós uma boa notícia: a pedido, apitará a próxima partida do campeonato, Amazonas x Brasil, no primeiro domingo de junho.

Com esse feliz remate, terminou a nossa tão desejada conversa com o soberano, ainda não destronado, do futebol mundial.”

Gols, pênaltis perdidos e o fim

Há quem diga que Arthur Friedenreich tem reconhecido e registrado, na Fifa, o exagerado número de 1329 gols em 1239 jogos, números apurados, não se sabe por quem, a um tempo em que os jogadores atuavam bem menos que a atividade de Pelé, mas é preciso assinalar que Fried cumpriu carreira bem mais longa que o Rei.

Aqui no Brasil, já houve quem somasse partidas (oficiais) e tentos anotados pelo inesquecível artilheiro em 561 e 554, respectivamente, no período de 1909 a 1935, portanto, numa carreira em torno de 26 anos.

Por outro lado, a tão explorada lenda de que Friedenreich nunca desperdiçara um dos diversos pênaltis que chutou, carece de verdade. Vários deles não chegaram a ser convertidos pelo craque que ficou na história.

O dianteiro do pé esquerdo tão temido por goleiros do país e fora dele, nasceu em São Paulo no dia 18 de julho de 1892, morrendo lá mesmo a 6 de setembro de 1969, não sem passar pelos dissabores de uma velhice em que viu apagar-se, pouco a pouco, seu extraordinário nível de popularidade, tornando-se esquecido por gerações que foram se sucedendo e dele apenas ouviram falar.

Na lei natural das coisas, deu em acusar problemas de saúde de todo inevitáveis, transformando-se em vítima - mais uma - do ostracismo a que são atiradós, sejam quais forem, os predestinados ao sucesso e à fama de suas habilidades pessoais.

Arthur Friedenreich não foi exceção no ocaso da vida, desaparecendo em meio à presença e abraços confortantes de amigos e admiradores (poucos) que deixou, curvando-se à ação do tempo, inimigo infalível e implacável do papel que nos é ditado para curtirmos nossas passagens pela vida afora.

Migração e memória: entre a pólvora e o bálsamo

Ancelmo Schörner¹

História &
Historiografia

Migrantes
paranaenses em
Jaraguá do Sul.

“Começaram a contar essas histórias há muito guardadas, mas não esquecidas... “ eu imagino (...) o falar da história guardada deve ter dado a essas Marias e esses Josés a sensação de que falar não é só um direito, mas é também um dever”. (Luiz Roberto Alves. *Conversam Paulo Freire e Luiz Roberto Alves. Contos e causos populares*. SBC: Liberdade, 1984, p. 9).

“Ah, recordar é função muito complicada! Os fragmentos acodem aqui e acolá. Os pedaços vão caindo e remontam na feitura das coisas. Quem escolhe seu rumo? A roda d’água gira redonda, mas a água se espraia em espirros incertos que se juntam no caudal da torrente movediça e seguem seu destino”. (José Afonso da Silva. *Buritizal*. RJ: PT, 1997, p. 11).

A migração emerge como um dos temas mais importantes da pesquisa de história oral. Desde a década de 70 os historiadores da migração compartilham preocupações sobre a confiabilidade e validade da memória como uma fonte histórica, sustentando que ela deveria ser



¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

corroborada por outras fontes, que ela não pode ser considerada isoladamente.

Mas muito pouca atenção tem sido dada à importância da entrevista para essas pessoas. O que significa, para os migrantes, serem entrevistados? O que significa a possibilidade de falar de si, de sua história?

Como parte da pesquisa para minha tese de doutorado sobre migrantes paranaenses em Jaraguá do Sul, visitamos, entre os dias 24/07 e 21/08/2003, 65 casas no Morro da Boa Vista e falamos com 66 pessoas, sendo 61 migrantes, dos quais 20 do Paraná. Da mesma forma, entre os dias 26/08 e 05/10/2003 visitamos 32 casas no Morro da Pedra e falamos com 32 pessoas, sendo 30 migrantes, dos quais 26 do Paraná.

Muitos me disseram que nunca ninguém tinha falado com eles sobre isso, perguntado sobre sua vida, como era lá, na roça, como é na cidade, como foi para chegar “até aqui”. Enfim, da importância de “sua” memória.

Seu Antônio, por exemplo, com quem falamos várias vezes durante o mês de setembro de 2003, é de Guarapuava e está no Morro da Pedra desde 1990. Insistentemente nos perguntava se o que eu estava fazendo iria “virar livro” e se ele iria aparecer. Se fosse, ele queria uma cópia. Seu Jango, “lá do Cantagalo”, e que mora no Morro da Pedra desde 1989, também me perguntou isso várias vezes.

Seu Antônio, um de nossos guias pelo morro, não me deixava sair de sua casa tão facilmente. Estava sempre com chimarrão esperando. E mesmo quando ia ao morro para falar com outra pessoa, me parava e chamava “prum chimarrão”. Do lado de sua cadeira na varanda da casa tinha outra cadeira reservada para mim. Sua mulher, Dona Cleonice, diarista, chegava por volta das 14 horas, como ele, que chegava da fábrica, preparava seu palheiro e “dê-lhe” contar história, ver fotos... Não raro chamavam vizinhos, conhecidos para tomar chimarrão e conversar comigo, como era o caso de Dona Maria, a mulher que “largou seus “fios” pelo mundo”.

Com esse grupo eu percebi mais profundamente a importância para eles de contarem suas histórias e de serem ouvidos. Com o tempo eu fui percebendo por que eles chamavam os outros: que era para nada se

perder...para terem certeza de que o que estavam “buscando na memória” era o que tinha acontecido e que ela não os trairia. De qualquer maneira, sempre havia outros da mesma região que acrescentariam algum detalhe, que confirmariam histórias... No Morro da Boa Vista também foi assim, mas não chegava a juntar gente nas casas. Íamos às casas, falávamos com as pessoas, mas eram só eles.

Diante disso, de que memória estamos falando? Estamos partindo da idéia de que a memória é um constante diálogo do migrante com outros espaços e outros tempos, onde o sentimento de pertencimento surge de experiências vividas em tempos desenrolados em outrora e o reconhecimento do passado implica em projetos para o futuro. Ou seja, a memória ajuda a apontar para o futuro, para o possível.

Partindo de um fragmento de *Du Côté de chez Swann*, de Marcel Proust, SEIXAS (2001, p. 93) começa seu artigo sobre memória², em geral, e memória coletiva, em particular.

“(...) Em mim também muitas coisas foram destruídas que acreditava durariam para sempre e novas foram edificadas. (...) Mas há bem pouco tempo, começo novamente a perceber (...) os soluços que tive a força de conter. Na realidade, eles nunca cessaram; e é apenas porque a vida agora se cala mais em volta de mim que eu os ouço de novo...”.

Para a autora, essa é a concepção de uma memória – vinculada a acontecimentos felizes ou dramáticos, muitas vezes traumáticos, outras vezes aparentemente banais; enfim, uma memória de alguma forma significativa – que permanece inativa até o momento (...) em que, estimulada pelo presente, é passível de ser reativada e de emergir atualizando aquilo que não existe mais há muito tempo; fatos, experiências e emoções que, entretanto, nunca deixaram realmente de lá estar.

Assim, testemunhas vivas da história num certo tempo e no tempo, os migrantes reconstroem, nas entrevistas, suas próprias vidas e resgatam suas memórias, roubadas/transformadas que foram pelo trabalho precoce, pelas dificuldades, pelas injustiças e preconceitos sofridos, mas também revivem suas vidas, feitas de alegrias, tristezas e muitas esperanças.

A emoção de muitos ao falar de sua infância, da vida na roça, da

“vida de propriedade de outro”, dos primeiros dias na cidade, é a amostra do quando isso é verdade; ela é como um sinal que reforça o sentido de suas vidas e a dos seus, e são, ao mesmo tempo, sua redenção. Parafraseando Euclides da Cunha, podemos afirmar que o migrante é, antes de tudo, um forte.

O testemunho pessoal permite entender como as matrizes em movimento das forças sociais impactam e moldam os indivíduos em movimento, e como os indivíduos, por sua vez, respondem, agem e produzem mudanças na arena social mais ampla. Esclarecendo aspectos da experiência dos migrantes, que de outro modo poderiam ser negligenciados (ingênua ou propositadamente), aqueles que trabalham com história oral têm desafiando teorias monocausais, lineares e econômicas, e reformulando as maneiras pelas quais a migração é entendida.

Então, a história oral³ é uma ferramenta importante para entender os “mundos internos” dos imigrantes, para explorar como a subjetividade – conhecimento, sentimentos, fantasias, esperanças e sonhos – de indivíduos, famílias e comunidades informa e molda a experiência da migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por essa experiência”⁴.

Entre as maneiras pelas quais a história oral pode contribuir para um maior entendimento histórico da experiência dos migrantes, está o compromisso com o pluralismo, isto é, a afirmação da importância de um papel ativista para os processos de testemunho pessoal que não apenas relata, mas participa ativamente do processo de construção da identidade, frequentemente vinculado a uma afirmação de necessidades sociais e demandas políticas específicas contra a marginalização, a negligência ou o racismo da sociedade dominante.

Através de suas memórias podemos conhecer os caminhos percorridos e as circunstâncias caminhadas e adentrar em histórias que demonstram deslumbramento pela vida, isto é, vidas que entrelaçam fragmentos diante dos quais se pode reconstituir parte de seu passado. Esses personagens possuem verdadeira história e destino, trazem as marcas dos acontecimentos e se desenvolvem contraditórios, ambíguos e concretos; eles evidenciam esse traço comum que os une e que, vivenciando fábricas e os mundos do trabalho fabril, plantando e colhendo em diversas roças,

atravessando matas, vales, serras e cidades, os identificam⁵.

Quando dissemos “concreto”, estamos falando do migrante Carlinhos, que nasceu em Palmas, mas viveu boa parte de sua vida em General Carneiro, e está em Jaraguá do Sul e no Morro da Boa Vista desde 1991 e de suas dificuldades em construir sua casa a 84 degraus abaixo da rua. Estamos falando de Dona Sônia, que saiu com o marido, “lá de Mariluz”, em 1981 para “procurar pelo Compadre Alcides em Jaraguá do Sul”.

Nossas pesquisas com migrantes paranaenses em Jaraguá do Sul atestam a importância das lembranças na construção do migrante individual e das identidades das comunidades migrantes (o Morro da Pedra é constituído de 90% de migrantes paranaenses). A experiência da migração, que por definição está centrada em torno de um processo de disjunção aguda, apresenta ao mesmo tempo uma necessidade urgente de construir identidades e histórias de vida coerentes, de um passado que possamos preservar.

Assim, as lembranças que todos têm sobre de onde vieram, moldam seu sentido do “eu” e, dessa forma, afetam as maneiras como constroem suas vidas. Ademais, as histórias de vida são “narrativas explanatórias” que desempenham um papel crucial na vida cotidiana. Na verdade, as histórias podem ser usadas para explicar as diferentes motivações e trajetórias de vida dos dois grupos, mas também como evidência do processo de autovalidação implícito na narrativa autobiográfica.

Como a experiência da migração continua durante toda a trajetória de vida do migrante, os significados que os migrantes atribuem à sua experiência passada, e as maneiras pelas quais a história de vida é entendida, lembrada e contada, também mudam com o passar do tempo. As histórias dos migrantes têm sido sempre uma parte fundamental da experiência da migração, trabalhando com a imaginação de futuros possíveis, mostrando como os migrantes conviveram com as conseqüências de sua migração e delas extraíram sentido. Em cada estágio, as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida. Quando registramos estas histórias, não captamos apenas evidências inestimáveis sobre a experiência anterior e as histórias vividas. As próprias histórias representam a constante evolução dos modos pelos quais os migrantes cons-

troem suas vidas através de suas histórias. Encaradas desta maneira, as histórias dos migrantes proporcionam evidências tanto sobre a experiência passada quanto sobre as histórias de vida que são uma parte importante de sua experiência.

Partindo de um jogo de palavras, Alistair Thomson nos brinda com um belíssimo texto sobre as relações estreitas existentes entre migração e história oral. O seu título “Histórias (co)movedoras” é um útil jogo de palavras sobre a história oral da migração porque está centrado na experiência pessoal de mudança entre lugares, assim como indica a natureza comovedora dos relatos para o narrador e sua audiência⁶. Ou seja, a experiência migratória abarca velhos e novos mundos e continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subseqüentes. Esta é, sem dúvida, uma definição bastante ampla e chama a atenção para uma sobreposição neste campo entre o estudo da migração e o estudo das comunidades migrantes ou étnicas no que diz respeito ao preconceito e à discriminação, tema significativo para eles.

De acordo com Jacy Alves de Seixas, atualmente as sociedades assistem a uma nova e poderosa revalorização da memória, considerada por muitos como um dado histórico inovador – o que permitiu a Pierre Nora⁷ afirmar a inelutabilidade de uma memória historicizada⁸. Essas sociedades, nossas sociedades neoliberais ditas ‘globalizadas’, passaram nas duas últimas décadas por transformações marcantes, que vêm recolocando com ímpeto a relação memória e sociedade e, sobretudo, a relação memória e exclusão social. No entanto, é preciso aquilatar que presenciamos hoje a estruturação de uma exclusão de novo tipo, à qual a imagem êxodo vem se aplicar como uma luva.

Hoje, as populações em êxodo dirigem-se a lugar algum, apontando para a constituição de novos guetos (que vêm substituir a imagem dos antigos, que se tornaram talvez demasiado escandalosos e publicizados) que se singularizam pela mobilidade permanente, pela constante circulação e pela não-visibilidade. Nós os identificamos e reconhecemos nos interstícios e cruzamentos urbanos, nas estradas que cortam o país em marchas afirmativas buscando cidadania: mas também nos guetos simbólicos, em mobilidade no interior das fronteiras não palpáveis (ou mais difícil-

mente palpáveis) das sexualidades, dos gêneros, das etnias, culturas e religiões. Enfim, nós os encontramos nas cidades, nas periferias, nos morros, nos desempregados, nos sem terra, nos sem teto, nos sem esperança. São em larga medida esses grupos sociais, tão heterogêneos quanto nos é possível pensar, os sujeitos do boom de memória que hoje presenciamos, os sujeitos dos direitos e deveres de memória contemporâneos.

Em Jaraguá do Sul, mesmo que em menor proporção, mas não menos intensa no que diz respeito à discriminação e preconceitos diversos, isso não é diferente e o conflito entre “nós” e os “outros” não cessa, isto é, o migrante representa sempre o “desconhecido”, o “diferente” e, por isso, não raras vezes é motivo de estranheza, preconceito, rejeição.

A divisão entre esse dois “mundos” é tão intensa em Jaraguá do Sul que chega a tomar contornos de fronteiras físicas. Os territórios simbólicos de conduta moral expressam-se em espaços físicos, cujo exemplo mais significativo são os “loteamentos de paranaenses”, entre os quais figuram os loteamentos Ana Paula (I, II, III e IV), o Santo Antônio, o Morro da Pedra, o Loteamento Souza, a Vila Machado...

Sobre isso, uma das representações mais fortemente presente nos discursos da cidade “oficial” é a que apresenta uma nítida divisão entre os trabalhadores que são de Jaraguá do Sul e os que são de fora. Essa dicotomia manifesta-se em um radical antagonismo entre “os daqui” e “os de fora”, representando um conjunto de valores associados a um modelo definido e definitivo de comportamento moral pretendido pela cidade como um todo, em geral, e pelas empresas, em particular.

“Os daqui” são os que já estão na cidade, mesmo que em outras épocas e situações, também vieram de fora, isto é, do Paraná ou de outras cidades de Santa Catarina, bem como de outros Estados; “os de fora” são os migrantes, que vêm atraídos pela oferta, nem sempre verdadeira, de emprego e melhores condições de vida.

A incorporação dos migrantes, genericamente chamados “paranaenses” à cidade e ao mercado de trabalho de Jaraguá do Sul foi bem mais complexa e problemática do que em geral se supõe. Longe de uma simples e linear transferência de mão-de-obra de uma região para outra, a

migração foi um processo contraditório e que, muitas vezes, despertou e exacerbou preconceitos (com a migração veio o preconceito, e frases como “Volta pra tua terra, pé vermelho” puderam ser lidas nas paredes dos banheiros de empresas de Joinville. Ou, o que é pior, “em meio a tantas siglas como 5S, TQC e CCQ, ligadas à qualidade total, há uma estranha e preconceituosa: PEPR, isto é, Programa de Eliminação de Paranaenses⁹”.

No mercado de trabalho, tais discriminações não existiram apenas da parte de alguns empregadores contra trabalhadores de origem paranaense. Como veremos, divergências e preconceitos também campearam no conjunto da sociedade, inclusive entre os próprios trabalhadores. Contudo, a cidade oficial também não fica atrás.

“Já sofri discriminação por parte de uns colegas “espertos” da empresa, que dizem que eu moro em uma favela. Mas esse não é o maior problema. A coisa é triste também porque ficamos escutando toda hora que viemos pra Jaraguá roubar emprego, trazer os crimes, essas coisas. Isso não é verdade porque tem gente que presta e que não presta em todo lugar”. (Paulo veio de Terra Roxa e está há 14 anos em Jaraguá do Sul e há 12 mora no Morro da Boa Vista. Entrevista concedida em 15/08/2003).

“Tem muita gente que só sabe dizer que paranaense é bandido e que vem pra Jaraguá do Sul tirar emprego dos que já estão aqui. Se eles olhassem um pouco pra trás na história iam ver que muitas empresas de Jaraguá foram fazer propaganda lá na nossa terra pra gente vir pra cá. Até pediam pros parentes trazer gente pra trabalhar nas firmas, que naquela época estavam precisando. E agora nós é que somos bandidos, gente que não presta”. (Natalício é de Verê. Mora no Morro da Pedra desde 1992. Entrevista concedida em 27/08/2003).

“Dizem que os paranaenses vêm aqui pra roubar emprego, causar confusão. Isso não é verdade. Falam também que aqui no Morro da Pedra mora só favelado. Até um prefeito disse uma vez que aqui só tinha favelado, mas acontece que ele nunca veio aqui, nem sabia de nós. Como podia chamar a gente de favelado?”. (Margarida é de Iporã e está há 15 anos em Jaraguá do Sul, onde sempre morou no Morro da Boa Vista. Entrevista concedida em 28/07/2003).

Assim, contar suas histórias é uma forma de lutar contra os rótulos de identificação (“paranaense”, “pé-vermelho”, “serrano”, “de fora”) que definem e moldam a experiência da migração.

Então, esculpindo uma teoria a partir da experiência, o testemunho do migrante oferece singulares vislumbres do interior vivido nos processos de migração. Suas histórias de vida (as histórias de vida nos revelam maneiras de representar, ou de tentar representar, outros mundos: um que foi deixado para trás no passado, outro encontrado no presente, e outro ainda em que o antigo e o novo estão sendo negociados), por outro lado, demonstram a complexidade do real processo da migração e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidade, tanto de origem quanto de destino.

Assim, o testemunho pessoal permite entender como as matrizes em movimento das forças sociais impactam e moldam os indivíduos em movimento, e como os indivíduos, por sua vez, respondem, agem e produzem mudança na arena social mais ampla. Esclarecendo aspectos da experiência dos migrantes, que de outro modo poderiam ser negligenciados (ingênua ou propositadamente), aqueles que trabalham com história oral têm desafiando teorias monocausais, lineares e econômicas, e reformulando as maneiras pelas quais a migração é entendida – entender melhor os significados subjetivos da experiência histórica.

Diante disso, é mister que nos interroguemos sobre a realidade da memória, mais do que nunca transformada em fato histórico de notável visibilidade. É necessário, também, interrogar-nos sobre a ambigüidade da memória coletiva, que é, ao mesmo tempo, memória das solidariedades, memória fundadora de identidades. Uma memória que se encontra na base das múltiplas subjetividades que definem essa virada de milênio, mas, igualmente, memória das exclusões e dos ódios, carregada de explosiva afetividade e que tem servido de substância e combustível às violências desmedidas, a conflitos e guerras contemporâneos. Em outras palavras, a memória pode ser chamada para exorcizar, compreender ou perdoar, servir de bálsamo ou de pólvora. Memórias dos acontecimentos felizes e gratificantes, das vitó-

rias e realizações convivem e, muitas vezes, são soterradas pelas memórias das humilhações e ressentimentos, das violências sofridas (geralmente em silêncio e em aparente aquiescência) pelos indivíduos e grupos sociais ao longo dos anos”.

A memória dos migrantes não é parte constitutiva de imagens congeladas no passado, posto que através delas podemos reavivar as palavras, os sentimentos, as informações, os percursos... Maria Célia Paoli nos chama a atenção para o fato de que a “construção de um outro horizonte historiográfico se apóia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos. Ela aposta, portanto, na existência de memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, são fortes referências de grupo mesmo quando tenham um fraco nexos com a história instituída. É exatamente aí que se encontra um dos maiores desafios: fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica”. Trazer essas memórias à luz, contudo, implica em não sacralizar a sua presença, isto é, uma história ‘dos vencidos’ não pode ser a construção de novas mitologias, mas a produção de um direito ao passado que se faz como crítica e subversão constantes das versões instituídas¹⁰.

A lembrança utiliza inúmeros espaços que são referenciais dotados de significados, subordinados ao tempo e ao espaço e às relações sociais, familiares, de detalhes da intimidade e de imagens sonhadas. Dessa forma, para Célia Toledo Lucena, os lugares ocupados por um grupo não podem ser considerados como um quadro negro sobre o qual se escrevem e depois se apagam as anotações. O lugar recebe a marca dos moradores e estes, a marca do lugar. No novo lugar, o migrante constrói a própria relação das práticas do espaço com a ordem construída¹¹.

As histórias de migrantes são histórias de deslocamento e tensão. As lembranças e as tradições orais recordam também a vida cultural das comunidades migrantes, a importância das práticas culturais familiares para a preservação da identidade e da comunidade migrantes, o interjogo complexo entre as culturas introduzidas pelas minorias e as práticas dominantes da sociedade “principal”, as transformações culturais e as tensões (se alguns chegam a dizer “agora sou jaraguense”, não podemos esquecer o

quanto essa frase está carregada de evidências detalhadas da luta dolorosa para se tornar um “jaraguaense”). Todos esses elementos são iluminadas pelo testemunho dos migrantes e pela tradição oral.

Para Ecléa Bosi, a lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado. Como todo diamante, a memória só pode causar admiração pela sua beleza. A exemplo dos diamantes ainda brutos, ela possui uma riqueza que é difícil de avaliar¹². Por isso, essa memória (do migrante) preciosa precisa ser lapidada pelo esforço acurado do espírito. O que precisa ser feito, então é, escutar, admirar e contemplar esses relatos cheios de vida; admirar esse trabalho de reelaboração feito pelos migrantes que retraçam suas trajetórias de vida; entender o mundo do migrante, e o modo como o migrante entende o seu mundo...; procurar descobrir os laços sociais e as determinações que a própria consciência do migrante não consegue descobrir; a memória do migrante é sempre diamante, mas um diamante delicado, eivado pelas dores, esperanças, dúvidas, alegrias e lutas de muitas vidas cruzadas; admirar e explorar esse diamante exige, seja do pesquisador que escreve, seja do leitor, um respeito radical pela vida do outro, do migrante. Porque, na verdade, não existe nada mais precioso do que a vida, essa vida que nos é relatada¹³, e que supera o nosso entendimento.

A história dos migrantes denota uma busca de encontro com as raízes, história de alguém cuja memória sobreviveu à migração, às espoliações econômicas e culturais. É essa memória, tecida em novo contexto e com novos significados, que move no presente esse sujeito. Os discursos dos migrantes confirmam que a memória é mutável, flutuante, mas que também possui marcos relativamente estáveis. Isto porque as várias narrativas possuem pontos comuns que sustentam a representação do grupo.

A memória está carregada de reconstrução. Ela é uma imagem reconstruída a partir do presente, a partir de outras reconstruções que já foram realizadas. Memória que tem a ver com o presente e não só com o passado. Ela, com suas reminiscências, vão ao passado e voltam ao presente. Por isso, ela não copia o passado, mas procura moldar um consenso de interpretação. Reconstrói na cidade a imagem de si, para si e para os outros. A memória que vai sendo organizada visa igualmente alcançar o reconhecimento dos outros.

Um apelo fundamental e permanente dos profissionais que trabalham com a história oral da migração tem sido que a própria história do migrante pode ser registrada ou mal documentada, e que a evidência oral proporciona um registro essencial da história oculta da migração e, que sem os relatos de primeira mão dos migrantes, as migrações modernas dificilmente poderiam ser estudadas hoje em dia. Novamente, em se tratando de Jaraguá do Sul, isso não é diferente, isto é, as experiências desses migrantes, que começam a chegar que vieram para Jaraguá do Sul desde os anos de 1970 não foram registradas e/ou preservadas e, por isso, não estariam refletidas nos escritos. Felizmente, ainda dá tempo de recuperar essas trajetórias e travessias.

Suas memórias e histórias são as ocasiões para propor uma leitura cruzada dos textos orais e escrita da realidade dos migrantes, de suas narrativas, sublinhando a importância do corpus narrativo da elaboração de uma identidade e, através desta, mostrar uma apropriação da história do lugar de migração e do espaço.

A memória de diferentes grupos sociais constitui um bem cujo valor é inestimável, principalmente diante do atual processo de globalização que se vive e que, para alguns estudiosos, possui o significado da homogeneização: anulam-se as diferenças, mas permanecem as desigualdades. É nesta perspectiva que a memória é um recurso excelente de resistência, pois permite, talvez melhor que qualquer outro meio, não somente lidar com a dimensão objetiva dos fatos vividos mas também com o lado subjetivo dos indivíduos que constituem os diferentes grupos sociais. O estudo da memória pode possibilitar ainda muito mais, à medida que permite descortinar situações conflituosas, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e processos como o de construção de identidades.

Ou seja, a memorização possibilita reconstruir identidades tanto individuais quanto coletivas dos diferentes grupos sociais. Esse processo possui um movimento que é próprio do seu tempo. Temporalidade essa que se caracteriza pela reversibilidade, mais precisamente, um movimento marcado pela saída do presente, ida ao passado e retorno ao presente.

Esse movimento da memória é análogo ao do migrante: este sai da terra de origem, vem para a cidade, no caso Jaraguá do Sul, e regressa à

terra natal. A expectativa de retorno parece invadir a maior parte dos migrantes que aqui aportaram. A volta às origens ocorre permeio de dois movimentos. O primeiro dá-se no plano do real – retorna-se à terra natal nem que seja por alguns dias – a saudade como fruto da memória faz com que a volta ocorra na realidade. O segundo ocorre no plano das lembranças: regressa-se à terra onde nasceu às vezes conscientemente, às vezes inconscientemente. No primeiro caso, afloram as lembranças porque o indivíduo ou grupo quer lembrar; no último, sonha-se com a terra natal, que também é lembrança. Assim, o migrante, ao lembrar, voltar, ao voltar, sonha, ao sonhar, resiste, ao resistir, vive...

Através do trabalho das lembranças, reconstrói-se na cidade o que deixou no local de origem. A análise da memória permite captar não só as lembranças, o imaginário, mas também as reconstruções reais. É nesta perspectiva que a memória significa resistência. E por isso os processos de homogeneização estão longe de ocorrerem no caso dos migrantes. Assim, enquanto existir esse grupo social na metrópole existirá a sua memória, expressa no trabalho, na música, na dança, na comida e na arte de benzer e de curar.

Para muitos, a migração é uma forma de resolução dos problemas, das dificuldades cotidianas da vida no campo. A migração aparece como solução para a conquista de melhor qualidade de vida e de melhores salários. E na busca desse sonho, fixaram-se em Jaraguá do Sul, em seus loteamentos, em suas periferias, em seus morros, lugares onde as condições de vida (não) são muito melhores do que no local de origem. Assim, ela pode significar a possibilidade de se realizar as aspirações de conseguir melhores condições de trabalho, o acesso aos bens de consumo, ao maior conforto, à educação e à assistência médica. Todas essas condições de vida são encontradas na “cidade grande” e não na “roça”, lugar onde viviam.

A migração tem, contudo, para a maioria dos que se colocam em movimento, um efeito devastador sobre sua vida: rompe laços familiares, expressa a miséria e a impossibilidade da sobrevivência econômica no pequeno lote agrícola, próprio ou arrendado, denuncia a exploração que inviabiliza a vida sedentária e lhe impe a vida (nômade) que desmoraliza, empobrece sua vida social.

A representação do migrante como invasor demarca, através das identidades, os espaços de atuação. A naturalidade, enquanto marca de origem, torna-se condição de ilegitimidade para a efetiva atuação (e participação) no espaço. Assim, independentemente da forma de designação (“pé vermelho”, “paranaense”, “serrano” etc.), a identidade regional é marcada socialmente pela oposição de classe: o critério classificatório de base regional encobre a linha de diferenciação de classes sociais. Este mecanismo reflete em nível de reconhecimento, a divisão social e seus conflitos, constantemente mascarados.

Como os estudos sobre a migração apontam amplamente, a vivência no lugar de origem também é marcada pela pobreza, pela exclusão em relação ao sistema social, político e econômico vigente, pela impossibilidade de acesso à terra, pelo sofrimento gerado por problemas da natureza (como a seca), diante dos quais não se dispõe de recursos para enfrentar, as histórias de vida parecem revelar a impossibilidade de, nas inúmeras andanças, construir e manter uma rede estável de relações ancoradas espacialmente. Estes migrantes estão sempre a caçar o seu lugar tanto físico quanto social¹⁴.

A decisão de migrar pode ser uma escolha individual, pessoal, mas ao falar de sua experiência de ser migrantes, a presença da coletividade marca fortemente sua lembrança e está nos permite perceber como os sujeitos reinterpretem e “reinventam” as experiências vividas no lugar de origem e no contexto da cidade. Assim, as múltiplas relações que “costuram” as várias falas dos migrantes reforçam o significado do coletivo na experiência histórica de ser migrante.

Ao se lidar com a memória dos migrantes, atenção especial deve ser dada ao fato real e concreto de que o seu refazer e o seu reviver estão também condicionados, não só por costumes e tradições próprias de seu meio, por suas lutas sociais, políticas, marcadas por pequenas vitórias e muitas derrotas, mas também por arquétipos oficiais. São anos de propaganda e de cultura oficial agindo por sobre as classes dominadas e buscando com isso moldar-lhes o comportamento e reprimir-lhes as manifestações interiores e exteriores em busca de maior soberania, dignidade e melhoria de vida.

A ida para a cidade possibilita uma sensação de progresso, onde o vislumbamento de resolver a situação anterior já vale a pena ir para cidade, para a fábrica. Embora ocorra uma reação de acanhamento ao primeiro contato com a “grandiosidade” da cidade (e da fábrica), cujos tempos são marcados pelos imperativos da produção, os migrantes os decodificam e (re)elaboram estas circunstâncias impostas numa atitude que intercala fascínio e contrariedade, conformismo e resistência. Assim, os percursos migratórios significam “um alargamento de suas visões do mundo, onde, à medida que se defrontam, a todo o momento, com os limites impostos pela realidade pétrea, vão adquirindo o estofo, a fibra, a firmeza – características dos que pelejam pelos sonhos do futuro”¹⁵.

Pesquisas e trabalhos desta natureza podem, sem dúvida, em muito contribuir para o refazer histórico de uma época, de um período, de uma conjuntura. São partes vivas, porque revividas, porque refeitas, de um painel mais amplo no qual se conjugam fatos, tempo, experiências, emoções, conflitos, noções de valores, tradições, rupturas, continuidades que compõem a trajetória histórica, e se “transformam”, então, em pólvora que serve para irromper novas configurações sociais, novas relações entre espaços centrais e periféricos... por isso a importância das entrevistas para os migrantes.

Referências

2 A memória é um constante diálogo do migrante com outros espaços e outros tempos, onde o sentimento de pertencimento surge de experiências vividas em tempos desenrolados em outrora e o reconhecimento do passado implica em projetos para o futuro. Ou seja, a memória ajuda a apontar para o futuro, para o possível.

3 Entre as maneiras pelas quais a história oral pode contribuir para um maior entendimento histórico da experiência dos migrantes, está o compromisso com o pluralismo, isto é, a afirmação da importância de um papel ativista para os processos de testemunho pessoal que não apenas relata, mas participa ativamente do processo de construção da identidade, frequentemente vinculado a uma afirmação de necessidades sociais e demandas políticas específicas contra a marginalização, a negligência ou o racismo da sociedade dominante.

4 THOMSON, Alistair. **Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração**. In: **Viagens e Viajantes**. Revista Brasileira de História, vol. 22, n.º. 44, ANPUH/Humanitas,

São Paulo, 2002, p. 349.

5 SCHÖRNER, Ancelmo. **Trajetórias, travessias, histórias.** In: SCHÖRNER, Ancelmo. **Trajetórias, travessias, histórias: batalhas pela vida e pelo pão.** Joinville: Oficina Comunicação, 2002, p. 6.

6 THOMSON, Alistair. **Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração.** In: **Viagens e Viajantes.** Revista Brasileira de História, vol. 22, nº. 44, ANPUH/Humanitas, São Paulo, 2002, p. 341.

7 NORA, Pierre. (Org.). **Les Lieux de mémoire. La République.** Paris: Gallimard, 1984.

8 SEIXAS, Jacy Alves de. **Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história.** In: Revista História, São Paulo, nº. 20, 2001, pp. 95-96.

9 NASCIMENTO, Jociane Maria do. *“Tem que ser paranaense”: migração e preconceito.* Departamento de Comunicação, Curso de Jornalismo. Grande Reportagem. Univali, Itajaí, novembro de 1996, mimeo, p. 19.

10 PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado.** In: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo/Departamento de Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania.** São Paulo: DPH, 1992, p. 27.

11 LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999, p. 82ss.

12 BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** São Paulo: Cia. das Letras, 3ª. ed., 1994.

13 “(...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com as imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada pessoa”. (Ecléa Bosi. Memória e sociedade. São Paulo: Cia. das Letras, 3ª. ed., 1994, p. 55).

14 PENNA, Maura. **Caçando um lugar: a identidade regional no trajeto da exclusão.** In: Revista Travessia, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano VII, nº. 19 (Identities), maio-agosto/94.

15 LOPES, José Carlos Cacau. **A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril.** São Paulo: Hucitec, 2000, p. 85.

Correspondência & Tradução

Curt Heise¹

Correspondência &
Tradução

8) De H. Blumenau/ Lauterberg

Lauterberg, Agosto de 1849.

Meu caro senhor e amigo!

Apenas no dia hoje consegui dispor de tempo para agradecer-lhe e sua Exma. esposa pela reiterada fidalguia com que nós fomos recebidos, pois tive que cuidar de diversos negócios em Hasselfelde e também, mercê de um tratamento à base de água, me reteve aqui por 4 semanas, a qual me deixa pouco tempo e certamente ainda vai acontecer por mais 3 semanas.

Incluso segue a relação dos produtos dos quais necessito...e para cada frasco, pedir-lhe-ia a fineza de prover cada frasco com uma etiqueta indicativa, e anexá-las ao volume que contém os mesmos; chegando ao Rio eu providenciarei a colagem das etiquetas nos frascos correspondentes. Se casualmente o senhor dispuser de mais alguns exemplares de etiquetas em branco, seria ótimo, no caso de algum extravio ou de ou dilacerar



¹ Tradutor e colaborador da Revista Blumenau em Cadernos. Estas correspondências foram publicadas no periódico alemão Braunschweigisches Jahrbuch für Landesgeschichte Band 84, 2003.

alguma. No caso do Acid. títanic, que queira por gentileza pintar o alcatrão na cor branca, ferr.lactic. em azul e mencionar estes detalhes em sua descrição.

Quanto ao colodium eu prefiro um mais potente, pois pretendo usá-lo preferencialmente na cobertura de feridas recentes, pois este é tido como o mais recomendável no isolamento da influência do tempo.

Quanto ao titan que eu lhe prometera, enviei-o no final de maio para Nordhausen. Espero tê-lo recebido e ser o mesmo do seu agrado. Caso estiver disposto em retribuir este favor, então me ceda uma porção cada de organ e anorgan, preferencialmente acondicionado em frascos cristalizados (Ref. ao pedido de produtos químicos para iluminar uma caverna).

Meu amigo, eu lhe peço este favor possibilitando realizar esta história... e pode estar certo que retribuirei na primeira oportunidade.

Minha hidroterapia que já vai completar 5 semanas, das 7 pretendidas, me toma muito tempo... Para a audição não estou muito esperançoso, para o meu rosto só almejo uma pausa, pois uma cura total se apresenta como difícil. O tempo está triste e pouco animador, o que dificulta a cura. Dia 16 de setembro pretendo partir.

Minha partida deve se dar somente em dezembro, pois quero evitar o mês de novembro – época de muitos vendavais; esta fatalidade me preocupa muito, pois as minhas plantas e o meu estado de saúde sofrem muito nestes navios muito frios.

Adeus, meu amigo e senhor – e cumprimento-o e a sua esposa efusivamente. Seu amigo autêntico e atencioso.

Dr.Hermann Blumenau.

9) De H.Blumenau / Hasselfelde

Hasselfelde 5.12.1849

(ref. Quitação de uma dívida ref. a produtos químicos, envio de documentação para candidatos a imigração e um comunicado que em breve ele viajará através de Braunschweig e Hamburgo, para o porto de Antuérpia, por onde embarcará).

10) De Augusta e Hermann Trommsdorff.

10-a) (De Augusta) Trommsdorf nata Rothstein/ Erfurt.

Meu caro Blumenau!

(Explica o porquê de sua demora em lhe dar notícias por correspondência)

Sentimos demais, ao sabermos de sua dolorosa experiência... Também nós, nos últimos anos, passamos por dissabores.

Inicialmente tivermos a perda de nosso filhinho, e isto numa época de muitos acidentes em nossa fábrica. Um jovem químico de meu marido perdeu um olho numa explosão de Kalium e sofreu queimaduras que lhe valeram um internamento hospitalar de 5 meses – foi um acontecimento horrível. No mesmo inverno, o meu marido perdeu seus dois contadores. H.Vilian esteve enfermo por muito tempo antes de vir a falecer e o outro senhor morreu vítima de um mal do joelho e que se prolongou por tempo deplorável. Coitado do meu marido. Ele teve que se desdobrar e trabalhar arduamente, às vezes, até uma até duas horas da madrugada, e mesmo assim sem dar conta de todo o trabalho.

O senhor vai saber através de meu marido que os nossos sobrinhos de nome Müller, estão preparando a sua partida para o Brasil.

Tudo indica que lhes causa imenso prazer - e para nós motivo para consolo – que os rapazes, são de opinião que não serão felizes na Europa, e se juntarão ao senhor. Pedimos-lhe que se incumba de seu bem estar pessoal, e de resto confiamos em Deus que cuide de sua parte espiritual. Ele cuidará de suas almas para que não se percam e que o destino pelo qual optaram, seja espiritualmente correto.

Passe bem e lembre-se da sua fiel amiga,
AUGUSTA TROMMSDORFF

Mar de letras

Enéas Athanázio¹

Autores
Catarinenses

É um mar de letras em forma de livros, suplementos e jornais que aporta na minha praia, em ondas diárias, maiores ou menores, de perto e de longe. Como é impossível abordar todos eles, em artigos especiais, como mereceriam, tentarei dar aqui uma idéia.

A revista francesa “Jalons”, conhecido “cahier de poésie” da cidade de Vichy, publicou em seu número 80, correspondente ao primeiro semestre de 2005, meu artigo “La forêt de la poésie”, traduzido para o francês por Jean-Paul Mestas. O texto aborda a poesia do mineiro Aricy Curvello e foi publicado pela primeira vez em minha coluna do “Jornal Página 3.” O segundo artigo, complementar ao primeiro, deverá ser publicado no próximo número.

Enzo Bonventre, renomado poeta e tradutor italiano, cultor dos clássicos e grande erudito, publicou a “plquette” denominada “Aere Perennius – Dal libro delle Odi di Orazio”, nova versão do latim com duas interpretações em siciliano de Marco Scalabrino. Foi publicada por



¹ Escritor e Advogado.

Kaekna Edizioni (Cecina - 2005) e dedicada ao titular desta coluna ("Al poeta brasileiro EA"). Enviou dois exemplares, sendo um para alguma biblioteca catarinense. Ao generoso poeta, meu melhor agradecimento.

A "Coleção Broquéis", de Florianópolis, publicou elegante edição do poema "O Acampamento", de autoria do celebrado poeta Aricy Curvello (2004). Planejada pelo editor Jayro Schmidt, autor da gravura da capa e da ilustração, teve impressão serigráfica de Zé Fagundes e papel artesanal de Patrícia Amante. Contém no apêndice a fortuna crítica desse poema que já foi publicado em inúmeros locais, inclusive em Portugal, e traduzido para o francês, o espanhol e o italiano. Dois comentários de minha autoria sobre o poema estão em meu mais recente livro, "Crônicas Andarilhas" (Editora Minarete - 2005).

Por falar em "Crônicas Andarilhas", o livro começa a fazer carreira. Paulo Nunes Batista, de Goiás, diz o seguinte: "Li todo seu livro de impressões de viagens e gostei muito. É trabalho sério, cheio de surpresas. Você não perdoa a mediocridade ululante que avassala o País. Ensina e a gente aprende bastante sobre o nosso Brasil, esse desconhecido." Euclides da Cunha, de Minas, escreve: "É um livro primoroso que nos mostra coisas interessantes de um Brasil que não conhecemos. É um livro para ler repetidas vezes."

Circula mais um número da veterana revista "Notícia Bibliográfica e Histórica", editada pela PUC de Campinas e tendo como responsável o Prof. Odilon Nogueira de Matos. Neste número aparecem interessantes ensaios de vários autores, como Vasco Mariz sobre Cabral, Hitoshi Nomura sobre Cascudo, José Antônio de Ávila Sacramento sobre memória documental e diversos a respeito de Campinas e região. São sempre ilustrativas as notas do responsável, abordando temas variados. Merece referência a nota sobre "Sir" Richard Francis Burton, sua presença no Brasil e o que escreveu a respeito do país. Esse viajante incansável, erudito e escritor notável foi biografado por Edward Rice em magnífica obra, publicada pela Cia. das Letras em tradução de Denise Bottmann (1991). Tive ocasião de

comentar esse livro em outra oportunidade.

Várias editoras têm enviado seus livros, destacando-se no último período os seguintes: “Dicionário da Escravidão Negra no Brasil”, monumental obra póstuma de Clóvis Moura, meu pranteado amigo. Com 440 páginas, em tamanho grande, contempla em milhares de verbetes tudo que diz respeito à escravidão. Trabalho de pesquisas, leituras e anotações de uma vida inteira que o autor não chegou a ver em forma de livro. Publicação primorosa da EDUSP – Editora da Univ. de São Paulo. – “Meus Contos Esquecidos”, antologia de Lygia Fagundes Telles, a premiada contista contemplada com o Prêmio Camões. Publicada pela Editora Rocco, do Rio de Janeiro. – “Minha Vida de Escritor”, história em quadri-nhos de José Versino Prosa (Marco Antonio Pavão), publicada pela Scortecci Editora, de São Paulo, mostrando o caminho para a edição dos iniciantes. – “A Cidade Morria Devagar”, de André Carvalho e João Leite, relatando a bem sucedida história de uma cooperativa da cidade de São Roque de Minas (MG). Belo livro, publicado pela Editora Armazém de Idéias (BH). – “Rapsódia de Espantos”, volume de poemas de Silvério da Costa, publicado pela Editora da UFSC. O autor tem várias obras publicadas, mantém coluna na imprensa e desenvolve intensa atividade cultural. Reside em Chapecó. – Oferecido por um amigo, recebi “Lideranças do Contestado”, de Paulo Pinheiro Machado, livro relevante para o conhecimento da “guerra do novo mundo”, publicado pela Editora UNICAMP – Editora da Univ. Estadual de Campinas (SP).

A Rede Vanguarda, de São Paulo, ofereceu-me o DVD “Monteiro Lobato é Gente de Vanguarda”. Com 61 minutos de duração, faz ampla reportagem sobre a vida/obra de Monteiro Lobato (1882/1948), exibindo documentos raros, fotos de lugares e pessoas ligados à vida do escritor e depoimentos dos que o conheceram ou são estudiosos de sua obra. Também são reproduzidas falas de Lobato. Pena que os gravadores da época fossem deficientes, alterando a voz das pessoas, de forma que a de Lobato aparece alambicada, muito diferente da verdadeira fala do escritor, segundo os que o ouviram. No conjunto, o DVD é positivo, sem os equívocos que aparecem em outros, inclusive em um dos mais conhecidos, sempre

reprimado pela TV Cultura.

A Universidade do Contestado (UnC), campus de Caçador, ofereceu-me o DVD “Museu Virtual do Contestado”, contendo amplas informações a respeito. Almir Martins, escritor, compositor e músico de Imbituba, oferece o CD “Raízes dos Açores”, contendo o romanceiro açoriano daquela cidade, uma importante contribuição ao folclore de nosso Estado. Ambos são muito interessantes.

Ainda solteiro, Othon D’Eça (1892/1965) residiu em minha cidade natal, época em que se tornou grande amigo de meu pai. Mais tarde, quando estudei em Florianópolis, fui seu aluno na Faculdade de Direito, admirando sempre suas aulas, ricas em cultura jurídica e literária. Em 1992, convidado pela Fundação Catarinense de Cultura, escrevi um ensaio introdutório ao livro “Aos Espanhóis Confinantes!”, de autoria do escritor, integrante de suas Obras Completas então publicadas. Oito anos depois, eleito pela Academia Catarinense de Letras, da qual não faço parte, o “Escritor do Ano 2000”, recebi na ocasião o “Prêmio Othon D’Eça.” Muitos são, portanto, os liames que me ligam ao celebrado autor de “Homens e Algas.”

Soube agora, com muita satisfação, que o livro que prefaciei está virando filme. Torço para que seja uma obra-prima à altura do livro e que meu prefácio ajude de alguma forma. Foi um trabalho que fiz com raro prazer, acompanhando em mapas antigos e com a ajuda de pessoas idosas a trajetória da expedição de que o autor fez parte. “Aos Espanhóis Confinantes!” é o belíssimo relato da “bandeira” que o governador Adolfo Konder comandou pelo Oeste do Estado, com grande comitiva, visitando os lugares mais ermos e remotos daquela região pouco conhecida na época (1929).

O Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, de Florianópolis, publicou na Coleção Mapa o depoimento de Othon D’Eça “Por que publiquei Homens e Algas”, onde ele expõe as razões dessa obra considerada triste por alguns leitores. Nesses contos ele relata, diluídos na ficção, os padecimentos dos pescadores e da gente pobre dos arredores da Capital – Coqueiros, Itaguaçu e Bom Abrigo. Afirmou, então, em frases pioneiras e corajosas, que a missão do escritor é mostrar a verdade, contribuindo para a possível melhoria da vida das pessoas, sem ficar recluso na decantada “torre de marfim”, alheio ao que ocorre na sociedade em que vive. Essa é, a meu ver,

a posição que se impõe ao escritor, ser partícipe, nunca se limitando àquela literatura que Afrânio Peixoto definiu como “sorriso da sociedade.” São mais atuais que nunca as palavras do saudoso mestre.

Perdi nestes últimos tempos vários amigos que a literatura me deu. O último a partir foi Fernando de Mello Freyre, filho de Gilberto Freyre e presidente da Fundação que leva o nome de seu pai, com sede no Solar de Apipucos, onde viveu o sociólogo, um dos recantos mais aprazíveis da Capital pernambucana. Professor e escritor, Fernando zelava com extremo cuidado pelo acervo deixado pelo pai. Outro que “passou para o outro lado do mistério” – como dizia mestre Machado – foi José de Sousa Melo, uma das pessoas mais amáveis e atenciosas que conheci. Professor e jornalista alagoano, deficiente físico, lutou com bravura, em igualdade de condições com os demais, e conquistou posição de relevo em seu Estado, onde foi respeitado e querido. Também “foi estudar e geologia do campo santo” (Machado) o santista Salasar Marques, crítico literário, poeta, “expert” na obra de Gilberto Amado. Foi aluno de Frei Odorico Durieux quando este era pároco no Valongo, em Santos. Em suas memórias o sacerdote é lembrado com carinho. Comentei nesta coluna seu depoimento a respeito de Frei Odorico. Em Vitória (ES), faleceu Renato Pacheco, magistrado, escritor, estudioso das questões ligadas à sociologia da literatura. Meu correspondente desde os tempos de minha estréia, partiu de repente, em plena atividade. O campineiro Mário Pires juntou-se aos demais. Professor a vida inteira, historiador, biógrafo e poeta, publicou um livro pioneiro sobre o artista plástico Flávio de Carvalho e sua célebre “fazenda modernista” de Capuava. Por último, foi levado pela Parca o poeta e escritor paranaense Harley Clóvis Stocchero. Pessoa amável e elegante, em todo Natal enviava, sem falta, um dos tradicionais panetones de Curitiba. Sempre que eu ia àquela cidade era um companheiro inseparável e disposto. Todos farão muita falta.

Incansável estudioso, amigo de pesquisas históricas e lingüísticas, meu amigo José Alberto Barbosa, colega de Ministério Público, acaba de dar a público seu ensaio “Itapocu – Rio Caminho dos Antepassados”, apresentado em primeira mão no I Encontro Internacional e II Encontro Nacional dos Estudiosos do Peabiru, na cidade de Pitanga (PR), nos dias 16 e

17 de abril do corrente ano, ocasião em que foi distribuído aos participantes. Depois de passar por acurada revisão e alguma ampliação, o trabalho será publicado em livro. Barbosa é também poeta, biógrafo e jurista, tendo desenvolvido profícua carreira no “parquet” catarinense.

“Pão & Poesia” é o belíssimo álbum publicado pela Editora Cultura em Movimento, da Fundação Cultural de Blumenau, reunindo poemas publicados em sacos de pães vendidos nas panificadoras da cidade. Esse projeto foi uma forma criativa e creio que inédita encontrada pela FCB para levar a poesia diretamente ao povo e que teve excelente aceitação. A coletânea reúne os poemas que saíram nesses cartuchos, assinados pelos mais expressivos poetas da região e do Estado. Na capa do álbum, a figura admirável de Bernardo Tomelin compondo em linotipo na oficina gráfica da entidade. Só ele conseguia entender os caprichos da velha máquina norte-americana, fabricada em 1908, com a qual trabalhou por longos anos. Em crônica denominada “O último guerreiro”, o jornalista e professor Gervásio Tessaleno Luz relata um pouco da saga de Bernardo e sua carreira, fazendo livros, antologias, jornais, suplementos e mil outras coisas. Diversos livros meus foram compostos por ele.

Luiz Carlos Amorim publica mais um livro. Trata-se de “Saudades de Quintana”, reunindo crônicas relacionadas a livros, autores, livrarias, feiras e literatura em geral, revelando sua permanente preocupação com a difusão da leitura no Estado. O livro tem o selo das Edições A ILHA, grupo literário que está festejando 25 anos de existência em ininterrupta atividade. Fundado em São Francisco do Sul, transferiu-se depois para Joinville e está hoje em Florianópolis, mas nunca perdeu a unidade e a disposição para o trabalho, publicando livros, promovendo encontros, palestras e lançamentos, divulgando a literatura de todas as formas ao seu alcance. É o grupo literário mais longevo da história do Estado e tem uma boa folha de serviços prestados. O cronista dedica uma generosa página a meu livro “Fiapos de Vida”, Vol. II, pela qual muito agradeço.

Em sessão solene, a Assembléia Legislativa do Estado prestou significativa homenagem a Mário Gentil Costa, médico, escritor e artista

plástico que tem prestado relevantes serviços ao Estado, tanto na área médica como na cultural. Autor de muitos trabalhos, publicados em livros, antologias e jornais, é também colaborador do “Jornal do Enéas.” Como amigo e admirador de seu trabalho, associo-me à justa homenagem prestada ao “Magenco” e felicito os organizadores pela oportuna iniciativa.

Está circulando mais um número da revista cultural “Preá”, publicada pela Fundação José Augusto, de Natal (RN). Sem favor, é uma das melhores e mais bem feitas publicações do gênero em todo o país e tem circulado com admirável regularidade. Só se compara com ela em qualidade a revista “Presença”, publicada pelo Conselho de Cultura do Piauí. Ambas mantêm a beleza e a qualidade que devem ter as publicações culturais.

Silmar Bohrer, conhecido poeta caçadoreense, está publicando “Sonetos” (Edição do Autor – 2005), reunindo poemas escritos ao longo dos anos, pensados e medidos com dedicação e cuidado. Gênero exigente, poucos nele se afirmam por inteiro, como acontece com este poeta, autor de obras anteriores, como “Vitrais Interiores”, “Lampejos” e “Gamela de Versos”, todas bem recebidas pela crítica e pelos leitores. O importante – diz ele – não é escrever muito, o essencial é escrever sempre. Escrever, um sacerdócio! Concordo com ele: escrevendo sempre, ainda que pouco de cada vez, o escritor acaba escrevendo muito – e bem. Seus sonetos são de leitura agradável e estimulante. Com o livro veio este convite trocado:

“Na próxima vinda à campanha
chegue pros nossos aconchegos,
temos mate, versos e canha,
e para o frio, bons pelegos.”

A um convite desses, resistir quem há de?

Sobre os sonetos do livro, diz o autor:

“Ei-los silentes chegando,
meus sonetos trintenários,
depois de décadas esperando
ganham ares e céus e fadários.”

Que aplausos unânimes os saúdem!

Dr. Raimundo de Oliveira Borges, jurista, professor, historiador e ficcionista, está feliz. A Câmara Municipal de sua cidade acaba de criar a Medalha que leva seu nome, destinada a condecorar cidadãos que se destacam nas atividades culturais. É uma honraria conferida a poucos. Nossos parabéns ao veterano e incansável homem de letras!

Convidado para um evento literário, rumei para o Alto Vale. Viagem sem pressa, dias ensolarados, céu límpido. Observei desde logo uma mudança para melhor: os morros “carecas” dos tempos em que lá morei estão outra vez recobertos de matas, dando à região um aspecto mais bonito e alegre. Sinal de que a ação do IBAMA, fiscalizando e punindo, está dando resultado, além de que as pessoas estão mais conscientizadas. Hoje há muito verde, árvores frondosas, flores em profusão.

Em Ascurra percorri a cidade, sentindo que também vem crescendo. Visitei a igreja, a única que conheço que tem a torre atrás e ao lado, dando-lhe uma característica singular. Está bem cuidada, o mesmo ocorrendo com os jardins que a cercam e, em geral, com toda a cidade. Veio-me à lembrança a figura do amigo José E. Finardi, o cronista da cidade, que lá descansa para sempre.

No trevo de acesso a Ibirama visitei a ponte metálica da extinta ferrovia, agora restaurada por uma empresa particular. Permite a passagem de carros, um de cada vez, e pela passarela lateral os pedestres atravessam em segurança. Serve à população que vive na outra margem e dela se descortina belíssima paisagem, tanto para cima como para baixo. Sempre que passava por ali eu lamentava o abandono em que a ponte se encontrava. Até que enfim alguém se lembrou de reformá-la. Parabéns!

Rio do Sul, com suas ruas largas, limpas e bem cuidadas tem crescido em ritmo admirável, em especial ao lado direito da rodovia, onde quase nada havia quando lá vivi. A cidade também tem muito verde, as praças são acolhedoras e a catedral, com suas elevadas torres vigilantes, domina o cenário e se destaca pela beleza. A UNIDAVI cresceu muito e ocupa agora vários blocos onde são ministrados muitos cursos. Bem conservada e com

ar de nova, a casa que foi minha e onde residi despertou em mim a saudade de bons tempos. Como toda saudade é uma espécie de velhice – segundo Guimarães Rosa – há de ter sido a saudade de mim mesmo e das muitas esperanças e sonhos que então alimentava. Merecem referência especial a tradicional churrascaria do amigo Lindomar, o restaurante “La Famiglia” e o “Aliança Express Hotel”, instalado em prédio lindo e moderno, com atendimento impecável.

A única decepção ficou por conta das Águas Sulfurosas. Embora a estrada esteja asfaltada até as proximidades, pouco além de Braço do Trombudo, o hotel fechou e se encontra entregue ao abandono e ao vandalismo. Aos poucos vem sendo destruído e os terrenos em volta se cobrem de mato e de sujeira, inclusive as margens do belo riacho que corre nas proximidades. Recanto bonito e aconchegante, é uma pena que tenha encerrado as atividades. A fonte de águas minerais continua em boa forma.

A antiga rodovia que demanda ao Serril e à região dos campos é a mesma de outros tempos. Estreita, curva e perigosa, é uma amostra do quanto foi precária essa ligação, causando admiração a perícia dos motoristas que ali transitavam em caminhões de reboque, carregados de madeira, rumo ao porto de Itajaí, além dos ônibus e tudo o mais. A BR 470, por sua vez, se encontra em péssimas condições e em muitos trechos transitar por ela é um constante perigo. Mas o Alto Vale, em seu conjunto, está belo e vigoroso graças ao trabalho e à dedicação de sua gente. Valeu!



Igreja Matriz de Ascurra

[The text in this section is extremely faint and illegible due to low contrast and blurring. It appears to be a multi-paragraph document.]

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
R\$ 15,00 (anos 60)
R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2005 (Tomo 46). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 326-6990 - Fax (47) 222-2259
Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br



Unidades Culturais

Arquivo Histórico
Prof. José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcbu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller

Museu
de Arte de Blumenau

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação,
Documentação e
Referência em Leitura

Editora
Cultura em Movimento
editora@fcbu.com.br

www.fcbu.com.br



ISSN 0006-5218

BLUMENAU *em Cadernos*



BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XLVI
Julho/Agosto de 2005
Nº 7/8

Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora



